U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Abrir o esquecido à Comunidade

Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Tiago Alves Silva

Projeto elaborado para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor António Ribeiro Amado

Júri:

Presidente Doutor Pedro Belo Ravara

Vogal Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Vogal Doutor António Ribeiro Amado

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro 2023

Abrir o esquecido à Comunidade

Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Título

Abrir o esquecido à Comunidade

Subtítulo

Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Autor

Tiago Alves Silva

Orientação Científica:

Professor Doutor António Ribeiro Amado

Júri:

Presidente Doutor Pedro Belo Ravara

Vogal Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco

Vogal Doutor António Ribeiro Amado

Documento Definitivo

Projeto elaborado para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Lisboa, FA ULisboa, Fevereiro 2023

Resumo

É notório que nós enquanto sociedade estamos em constante transformação particularmente nas cidades e o lugar não é exceção. Com o crescimento demográfico registado na segunda metade do século XX, as cidades viram a necessidade de crescer urbanisticamente e apesar dos esforços que têm melhorado a qualidade da vida humana, a responsabilidade territorial não acompanhou de igual forma o desenvolvimento das cidades, tornando-se cada vez mais importante a prática de um planeamento assente em estratégias que valorizem não só a grande escala da cidade como a comunidade.

A falta de um planeamento urbano que trate a comunidade e o pré-existente como valores meritórios à cidade pode agravar o quotidiano dos habitantes e em especial acentuar a degradação do edificado que já se encontra esquecido pela cidade, dificultando a sua presença no lugar, como se verifica no caso da Quinta de Valflores, no concelho de Loures.

Com a necessidade de reabilitação da propriedade, procurou-se reintegrar o objeto no lugar com uma proposta de intervenção, tanto na escala urbana como na escala arquitetónica, onde a comunidade foi parte integrante da definição do programa a adotar de modo a tornar o objeto em estudo num espaço de encontro da comunidade, promovendo a inclusão social num ambiente que foi esquecido.

A presente proposta procura também integrar a propriedade no corredor verde de Loures, recorrendo a estratégias que unificam a zona norte do concelho com o estuário do Tejo.

Palavras-chave

Reabilitação e Conservação do Património; Quinta de Recreio; Vazios Urbanos; Percursos Pedestres; Comunidade.

Abstract

It is notorious that we as a society are constantly changing particularly in the cities and the place is no exception. With the population growth recorded in the second half of the 20th century, cities saw the need to grow urbanistically and despite the efforts that have improved the quality of human life, territorial responsibility has not the developed that much as cities did, becoming increasingly important the practice of a planning based on strategies that value not only the great staircase of the city but also the community.

The lack of urban planning that treats the community and the pre-existing as values worthy of the city can aggravate the daily lives of the inhabitants and in particular accentuate the degradation of buildings that are already forgotten by the city, making it difficult for them to be present in the place, as can be seen at Quinta de Valflores, in the municipality of Loures.

With the need to rehabilitate the property, we sought to reintegrate the object into the place with a proposal for intervention, both on an architectural and urban scale, where the community was an important role of the definition of the program to be adopted in order to make the object under study a meeting place for the community promoting social inclusion in an environment that has been forgotten.

This proposal also seeks to integrate the property into the Loures Ecological Zone using strategies that unify the northern part of the county with the Tejo estuary.

Key-Words

Heritage Rehabilitation and Conservation; Recreation Farm; Urban Voids; Pedestrian Routes; Community;

Agradecimentos

Expresso o meu agradecimento a um conjunto de pessoas que no decorrer deste projeto foram cruciais para a concretização do mesmo.

Ao meu Orientador António Ribeiro Amado pela disponibilidade, pelas conversas motivadoras, pela ética de trabalho, pelos ensinamentos e sobretudo pela confiança tanto na minha pessoa como no meu trabalho.

À Cristina Mendes, à Raquel Silva e aos professores Pedro Pacheco e José Aguiar por me proporcionarem um contacto mais próximo com a área da reabilitação do património e em especial com a Quinta de Valflores, pela disponibilidade de todo material de investigação e de projeto e pelas visitas guiadas à propriedade e à vila.

À minha família que sempre me motivou e em especial os meus pais, Isabel e Daniel e ao Luís Pedro, por me auxiliarem no caminho que tomei e pelo apoio incondicional que sempre me prestaram.

Aos meus amigos de infância que estão sempre presentes e dispostos a ouvir-me independentemente dos momentos.

Aos meus amigos de faculdade pela amizade, e por toda a ajuda que me dedicaram durante os anos académicos.

Obrigado.

1. Introdução 01

1.1 Enquadramento 01

1.2 Objetivos e Metodologia 03

1.3 Estrutura do Projeto Final de Mestrado 06

2. Projetar com o Lugar 09

2.1 Conservação e Reabilitação do Património 13

2.2 Quintas de Recreio 17

2.3 Vazios Urbanos 23

2.4 Percursos Pedestres 29

3. Memória e Identidade da Quinta de Valflores 35

3.1 Enquadramento Territorial 37

3.2 Enquadramento Histórico da Quinta de Valflores 40

3.3 Caracterização da Quinta de Valflores 46

4. Casos de Referência 53

4.1 Proporção 57

4.2 Materialidade 58

4.3 Enquadramento de Vistas 59

4.4 A Água 60

4.5 A Terra 61

5. O Centro Interpretativo e Cultural de Valflores 63

5.1 O programa 64

5.2 A Arquitetura 67

6. Considerações Finais 77

Referências Bibliográficas 81

Anexos 89

I Imagens 89

II Entrevistas e Inquérito 95

III Registos de Maquetes de Apresentação 109

IV Livros de Apresentação 117

V Painéis de Apresentação 119

1. Introdução

Figura 1 Planta de Implantação da Quinta de Valflores, 2021, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Figura 2 Quinta de Valflores, s.d., Adaptado SIPA

2. Projetotar com o Lugar

Figura 3 Segmento da reabilitação no sector da construção em 2002. Enquadramento internacional (Euroconstruct, 2003).

2.2 Quintas de Recreio

Figura 4 Quinta da Bacalhôa, s.d., Catalão Monteiro

Figura 5 Quinta da Bacalhôa, Casa de Fresco e tanque de água, s.d., Vera Costa

Figura 6 Quinta das Torres, Enquadramento paisagístico, s.d., Anatomia dos Interiores

Figura 7 Quinta das Torres, Casa de Fresco, s.d., Anatomia dos Interiores

2.3 Vazios Urbanos

Figura 8 Vazio Paisagem, Loures, s.d., Cristina Cavaco

Figura 9 Vazio Infraestrutural, Odivelas, s.d., Cristina Cavaco

Figura 10 Vazio expectante, Amadora, s.d., Cristina Cavaco

Figura 11 Vazios de Cedência ou de Interdição, Reboleira, s.d., Cristina Cavaco

Figura 12 Vazio Verde, Santa Iria de Azóia, março de 2022, imagem do autor

Figura 13 Vazio interior coletivo, CC. Colombo, s.d., Cristina Cavaco

Figura 14 Vazio Infraestrutural, Santa Iria de Azóia, 2022, imagem do autor

Figura 15 Regra/Excepção, Cheio/Vazio, 2007, Pedro Fonseca Jorge

Figura 16 Vazio de Cedência, Santa Iria de Azóia, 2022, imagem do autor

2.4 Percursos Pedestres

Figura 17 Esquematização exemplificativa de um percurso linear, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Figura 18 Esquematização exemplificativa de um percurso circular, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Figura 19 Esquematização exemplificativa de um percurso em "8", adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Figura 20 Esquematização exemplificativa de um percurso em anéis contíguos, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Figura 21 Esquematização exemplificativa de um percurso em anéis

satélites, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Figura 22 Chega à N10 após sair da estação de comboios de Santa Iria de Azóia, março de 2022, imagem do autor

Figura 23 Passagem para peões por baixo da ponte do IC2, março de 2022, imagem do autor

3. Memória e Identidade da Quinta de Valflores

3.1 Enquadramento Territorial

Figura 24 Fotografia Aérea, 2022, Adaptado de Google Earth

Figura 25 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1944, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Figura 26 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1958, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Figura 27 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1987, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Figura 28 Limites a Norte da propriedade, março de 2022, imagem do autor

3.2 Enquadramento Histórico da Quinta de Valflores

Figura 29 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Figura 30 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XV

Figura 31 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XVI

Figura 32 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XX

Figura 33 Limites da classificação da Quinta de Valflores e respetiva ZEP, Abril de 2019, Adaptado In Atlas do Património DGPC

Figura 34 Limites da classificação da Quinta de Valflores e respetiva ZEP, Novembro de 2022, Adaptado In Atlas do Património DGPC

Figura 35 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XX

Figura 36 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XXI

Figura 37 Encosta da Quinta de Valflores e IC2, março de 2022, imagens do autor

3.2 Caracterização da Quinta de Valflores

Figura 38 Quinta de Valflores, 1963, SIPA/DGPC

Figura 39 Vestígios dos tanques (1 e 2), outubro de 2021, imagem do autor

Figura 40 Abóbada da escadaria adjacente à cozinha, outubro de 2021, imagem do autor

Figura 41 Pátio de entrada ladeado pelo palácio a sul, pela estrutura a norte e pela escadaria (1), ao fundo encontra-se o portar que distingue o espaço urbano do espaço rural, outubro de 2021, imagem do autor

Figura 42 Escadaria em calcário, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 43 Figuras geométricas do aqueduto e reentrâncias da suposta latada, outubro de 2021, imagem do autor

44 Motivos decorativos na abóboda de um torreão do Castelo de Pirescoxe. Disponível em:

Figura 45 Galeria que conduzia a água do aqueduto para os tanques (1 e 2), outubro de 2021, imagem do autor

Figura 46 Chegada da Ribeira à Quinta, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 47 Foto aérea com eixo horizintal que distingue a zona de sequiro da zona de cultivo e de pomar, 1944, Adaptado de SIPA

Figura 48 Quinta de Valflores, SIPA

Figura 49 *Loggia* sem os arcos e com os merlões restaurados outubro de 2021, imagem do autor

Figura 50 *Loggia*, anos 70, SIPA/DGPC.

Figura 51 Planta. Delle Habitationi Fuori e Dentro delle Città, p.14

Figura 52 Planta da Quinta de Valflores, Adaptado, Pedro Pacheco

4. Casos de Referência

4.1 Proporção

Figura 53 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos

Figura 54 Projeto de Valorização, Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, João Mendes Ribeiro

Figura 55 Silence Cloister in the Lorvão Monaster, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos

Figura 56 Maison van Middelem Dupont, Álvaro Siza Vieira, fotografia de Duccio Malagamba

4.2 Materialidade

Figura 57 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos

Figura 58 Projeto de Valorização, Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, João Mendes Ribeiro

Figura 59 Teatro Thalia, Gonçalo Byrne Architects & Barbas Lopes Architects, 2008

4.3 Enquadramento de Vistas

Figura 60 Villa le lac, Le Corbusier, fotografia de Storp Weber Architecture

Figura 61 Museu Iberê Camargo, Álvaro Siza Vieira, fotografia de Viaje Comigo

Figura 62 Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto, fotografia disponível em: www.alvaraalto.fi

Figura 63 Casa Malaparte, Adalberto Libera, fotografia disponível em www.pinterest.pt

4.4 A Água

Figura 64 Ssalk Institute Mist, Louis Kahn, fotografia de Leonid Furmansky

Figura 65 Fundação Calouste Gulbenkian, Gonçalo Ribeiro Telles, fotografia de Ricardo Oliveria Alves

Figura 66 Tomba brion, Carlo Scarpa,fotografia de åke e:son lindman

Figura 67 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos

4.5 A Terra

Figura 68 Farum Midtpunkt, Rambøll Architecture

Figura 69 Zwicky Areal,Schneider Studer Primas, fotografia de Andrea Helbling

Figura 70 MAXXI Museum, Zahad Hadid, fotografia do autor

5. Centro Cultural de Valflores

5.1 O programa

Figura 71 Esquema dos eixos estruturantes, 2022, desenho do autor

Figura 72 Fotografia aérea, Locais de interesse da comunidade e proposta dos percursos pedonais, 2022, Adaptado Google Earth

5.2 A Arquitetura

Figura 73 Foto aérea, entradas propostas da Quinta de Valflores, a sul as entradas reestabelecidas, a nascente a entrada principal e a norte o novo acesso no lote não construído, 2022, Adaptado Google Earth

Figura 74 Entrada Norte no lote não construído, janeiro de 2021, imagem do autor

Figura 75 Entrada Sudoeste juntos a tanques de água da vila para lavagem de roupas, março de 2022, imagem do autor

Figura 76 Diagrama de conceção do novo edificado, 2021, diagrama do autor

Figura 77 Diagrama do eixo sul norte, 2021, diagrama do autor

Figura 78 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Sul

Figura 79 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Norte, piso 1

Figura 80 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Norte, piso 2

Figura 81 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Centro

Figura 82 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, “Palácio”, Edifício anexo e Edifício complementar

Figura 83 Tanque de água (4), aqueduto (2) e IC2, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 84 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Casa de Chá

Figura 85 Diagrama em corte dos espaços servidos e servidores, Casa de Chá

Figura 86 Alçado Poente do “palácio”, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 87 Paisagem da Quinta de Valflores na zona de sequeiro, à cota do aqueduto (1), outubro de 2021, imagem do autor

Figura 88 Paisagem da Quinta de Valflores na zona de sequeiro, à cota da cobertura do "palácio", outubro de 2021, imagem do autor

Figura 94 Diagrama do território da propriedade, acessos e percursos, Diagrama do autor

Figura 93 Diagrama do território da propriedade, zona arbórea, Diagrama do autor

Figura 90 Diagrama do território da propriedade, zona de hortas, Diagrama do autor

Figura 92 Diagrama do território da propriedade, zona de pomar, Diagrama do autor

Figura 91 Diagrama do território da propriedade, Jardim Formal e espaço infantil, Diagrama do autor

Figura 89 Diagrama do território da propriedade, zona de sequeiro, Diagrama do autor

Figura 95 Tijolo maciço vermelho, outubro 2021, imagem do autor

Figura 96 Gabiões da ribeira de Valflores, Aqueduto (2) e IC2, janeiro de 2022, imagem do autor

Anexos

Anexos I Imagens

Figura 97 Planta do enquadramento do território da Quinta e sobreposição dos traçados viários (A1, IC2), Caderno de Valflores CML

Figura 98 Tanque de água (destruído pelo IC2) , aqueduto (2), s.d., Arquivo ADPAC

Figura 99 Área Sul da quinta com o aqueduto (2) no patamar inferior, Anos 90, Arquivo ADPAC

Figura 100 Tanque de água (destruído pelo IC2) , aqueduto (2), s.d., Arquivo ADPAC

Figura 101 Topografia da Quinta de Valflores e a sua relação com o rio, Anos 90, Arquivo ADAPC

Figura 102 Ribeira de Valflores, sul da propriedade, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 103 Ribeira de Valflores, sul da propriedade por baixo do IC2, janeiro de 2022, imagem do autor

Figura 104 Rua outrora ligava a Igreja de Santa Iria de Azóia à Quinta de Valflores, março de 2022, imagem do autor

Figura 105 Zona de hortas a nascente da quinta, janeiro de 2022, imagem do autor

Anexos II Entrevistas e Inquérito

Figura 106 Número do entrevistado correspondente à sua faixa etária

Figura 107 Número do entrevistado correspondente aos locais que mais frequentam

Figura 108 Número do entrevistado correspondente aos locais da vila que identifica com mais interesse

Figura 109 Número do entrevistado correspondente ao modo como se desloca na vila

Figura 110 Número do entrevistado correspondente à falta de acessos na vila e a nível que a Quinta de Valflores possa servir a comunidade

Figura 111 Número do entrevistado correspondente aos tipos de espaços que a Quinta possa assumir

Figura 112 Número do entrevistado correspondente aos tipos de espaços que a Quinta possa assumir

Anexos III Registos de Maquetes de Apresentação

Figura 113 Registo Fotográfico, Maqueta 1:2000 e Maqueta 1:500

Figura 114 Registos Fotográficos, Maquete 1:200

Figura 115 Registos Fotográficos, Maquete 1:200

Figura 116 Registos Fotográficos, Maquete 1:50, nº 1

Figura 117 Registos Fotográficos, Maquete 1:50, nº 2
Figura 118 Registos Fotográficos, Maquete 1:100 e Maquete 1:20
Figura 119 Registos Fotográficos, Maquete 1:50

Anexo IV Livros de Apresentação

Figura 120 Registos Fotográficos dos Livros de Apresentação

Anexo V Painéis de Apresentação

Painel I
Painel II
Painel III
Painel IV
Painel V
Painel VI
Painel VII
Painel VIII
Painel IX
Painel X
Painel XI
Painel XII
Painel XIII
Painel XIV
Painel XV
Painel XVI
Painel Anexo XVII
Painel Anexo XVIII
Painel Anexo XIX

Introdução

1.1 Enquadramento



Figura 1 Planta de Implantação da Quinta de Valflores, 2021, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Com a necessidade de expansão da cidade de Lisboa, por meio do crescimento demográfico, entre os anos de 1950 e 1991 (INE – Instituto Nacional de Estatística, 1900), existiram propriedades e territórios que foram alvo de transformações para oferecer resposta ao desenvolvimento urbano. A Quinta de Valflores foi um destes casos em que o seu território sofreu transformações nos seus limites e nos seus acessos que consequentemente guiou a propriedade ao abandono (Mendes, 2019).

A Quinta de Valflores, Quinta renascentista datada de 1550 e de caráter habitacional, *"(...) é um exemplar raro de arquitetura civil do século XVI"* (Mateus, 2016, p. 269). Localizada na Vila de Santa Iria de Azóia no concelho de Loures, a propriedade cumpriu o seu propósito enquanto quinta de recreio do proprietário Jorge de Barros e respetiva família até 1870. Desta data em diante a Quinta passou a pertencer a outra família, que executou inúmeras alterações ornamentais, funcionais e até mesmo estruturais, tanto no edifício "palácio" de Valflores[1] como no restante território que compõe a Quinta (Noé, 1991).

[1] Em concordância com *"Arqueologia da Arquitetura-Relatório Intercalar (fase 2)"* por Ana Ramalho (DGPC-Direção Geral do Património Cultural) e Ana Raquel Silva (CM Loures) optou-se por utilizar a designação "Palácio" de Valflores por corresponder ao nome pelo qual é habitualmente conhecida esta casa senhorial. Contudo reconhece-se, que a designação "Palácio" será excessiva para esta tipologia de construção, optou-se, portanto, colocar a palavra entre aspas.

Caracterizada principalmente pela sua *loggia* em arcadas, pelos seus torreões, pelos seus aquedutos e tanques que outrora abasteciam toda a propriedade de água e pela paisagem do vale que percorre o território até ao rio Tejo, a Quinta pertence atualmente à CML[2], e está classificada como Imóvel de Interesse Público, através do Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47, de 26-02-1982, (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.), tendo sido considerada pela organização europeia do património[3] como uma das 14 construções com maior risco de ruir, acabando por parte desta obra colapsar em 2001. Assim sendo, com a maior urgência, todas a construções que compõe a Quinta estão a ser alvo de um processo de conservação e restauro, à época deste documento.


Figura 2 Quinta de Valflores, s.d., Adaptado SIPA

Antes da carência de crescimento da cidade, a Quinta de Valflores tinha fácil acesso às restantes propriedades envolventes, como aos diversos locais da vila e sobretudo ao rio Tejo que tanto facultava o transporte mais rápido para os proprietários se deslocarem para a cidade de Lisboa como o transporte de mercadorias que abasteciam Santa Iria de Azóia.

No entanto, na evolução territorial da Vila, o desenvolvimento do tecido urbano foi significativo, expandido as áreas de construção existentes até à Quinta, sobretudo com funções de caráter habitacional com vista a dar resposta às necessidades do progressivo aumento da população residente. Este alastrar do tecido construído exigiu a realização de infraestruturas primárias, designadamente vias rodoviárias de grande dimensão, que tiveram como consequência um fenómeno de fragmentação territorial que seccionou a localidade e alterou as dinâmicas de mobilidade da Vila, sobretudo ao nível da

[2] Câmara Municipal de Loures

[3] Organização europeia do património, Europa Nostra.

acessibilidade pedonal. Atualmente, torna-se cada vez mais notória a interferência destas infraestruturas enquanto grandes obstáculos para a travessia da população entre "margens" [4], sendo cada vez mais árduo deambular pelos diferentes pontos da Vila com a facilidade que existira até à década de 1950.

O desenvolvimento do edificado urbano adjacente à Quinta também agravou os seus acessos e transformou a natureza dos limites da propriedade, uma vez que se desenvolveu virando os seus alçados posteriores à Quinta que já estaria abandonada. Deste modo, a Quinta viu os seus limites assumirem uma natureza construída sob a forma de muros fortificados e pouco cuidados em grande comprimento do seu perímetro.

Atualmente a propriedade encontra-se ofuscada pelo betão armado que se expandiu quase sem pensar na sua existência, apresentando-se como uma memória do que outrora ali existia.

1.2 Objetivos e Metodologia

A presente proposta de projeto final de mestrado ensaia e propõe uma solução de intervenção na Quinta de Valflores, com vista à sua reabilitação. O autor olha para a necessidade de reabilitar a Quinta de Valflores numa perspetiva alargada, ensaiando e propondo uma

[4] Considere-se por margem *"Linha ou zona que limita um espaço. = Beira, Borda, Orla"* neste contexto *"margem",* in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/margem [consultado em 05-2022].

intervenção na escala urbana e arquitetónica, que entende a necessidade de reabilitação da Quinta e a procura em dar resposta às carências de espaços reclamados pela população e pelas associações e instituições locais[5] como ações conciliáveis e complementares.

Para tal, a investigação definiu um conjunto de etapas sequenciais e que se organizam do seguinte modo:

1- **Análise territorial** (Vila de Santa Iria de Azóia, focando no enquadramento territorial da Quinta Valflores);
2- **Análise urbano-arquitetónica** (Quinta Valflores e envolvente imediata – Analise da situação inicial e da evolução até à condição atual);
3- **Análise socio-etnológica** do local;
4- **Revisão da Literatura** (Quintas Recreios; Reabilitação e Conservação do Património; O Papel Social da Arquitetura; Percursos Pedonais; Vazios Urbanos);
5- **Inquéritos à população e às associações locais** (realizados nos meses de janeiro e fevereiro de 2022, ver anexo);
6- **Análise de Casos de Estudo** (Quinta da Bacalhoa; Quinta das Torres).
7- **Discussão e Perspetiva do Poder Local** (Reuniões com a Câmara Municipal de Loures);
8- **Análise in situ** (Visitas à Quinta de Valflores acompanhadas pelo professor Doutor José Aguiar, professor Doutor Luís

[5] Foram elaboradas entrevistas, em modo de formulário online, e publicadas em várias plataformas sociais, a fim de chegar ao maior número de pessoas possível, no entanto, no terreno, conversámos com pessoas de diversos meios e maioritariamente idosos.

Entrou-se em contacto também com associações e instituições da vila, tanto por meio online (via e-mail, reunião zoom) como presencial, contudo não foi possível comunicar com algumas delas. Englobam-se nestas organizações que contribuíram para o projeto: CML; ADPAC; GREEN- Grupo Recreativo de Evasão e de Encontro com a Natureza; Divisão da Cultura; Instituições de Ensino Básico e Infantil.

Mateus, professor Pedro Pacheco, Cristina Mendes (ADPAC[6]) e Ana Ramalho (CML));

9- **Análise e Experiência sensorial** - *Genius Loci* [7]– Espírito do local (Conhecer a Vila de Santa Iria de Azóia - percorrer os locais com interesse público registados pela população e registar os seus acessos pedonais).
10- **Análise dos dados** registados nas etapas anteriores - Organização dos registos obtidos por meio dos inquéritos e das visitas à vila e à Quinta de Valflores e cruzamento dos mesmos de forma a assinalar as carências de espaços existentes por parte dos habitantes e das associações locais.
11- **Composição da proposta Urbano-Arquitetónica** – Proposta de projeto de Reabilitação da Quinta Valflores e dos acessos pedonais da Vila de Santa Iria de Azóia.

De modo a quebrar as fronteiras que existem no território e a diminuir a distância que separa as diversas margens da Vila, propôs-se requalificar e projetar potenciais ligações pedonais e cicloviárias entre os principais pontos de maior interesse e importância da Vila também eles identificados na análise socio-etnológica tornando a Quinta de Valflores parte integrante do corredor ecológico[8] de Loures, tratando-a como um novo espaço de encontro entre os habitantes.

---

[6] Associação de Defesa do Património Cultural

[7] "Genius Loci" é um conceito romano que procura dar vida às pessoas e aos lugares através do seu carácter e da sua essência, e acompanha o objeto desde o seu nascimento até à sua morte.

[8] *Corredor*, 4. Caminho estreito, galeria; 6. Via de acesso".
Ecológico, 1. Relativo à ecologia; 2. Diz respeito à relação dos seres vivos entre si e com o meio em que vivem"; "relativo à proteção do ambiente; 3. Relativo à proteção do meio ambiente. no Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora [em linha], [consultado em 05-2022].
Conclui-se que Corredor Ecológico é o nome dado à faixa de vegetação que une grandes fragmentos florestais ou unidades de conservação separados por marcos construídos ou

Este projeto procura também valorizar a paisagem da Quinta e do seu envolvente, projetando espaços onde o utilizador consiga usufruir da paisagem que o vale, o rio Tejo e o som da natureza lhe oferecem, como se olhasse para um quadro vivo. Acima de tudo a proposta busca a atenção à reabilitação, à valorização e à requalificação do Património Classificado através de um programa contemporâneo que coexista em harmonia com o pré-existente.

1.3 Estrutura do Projeto Final de Mestrado

Este trabalho apresenta-se estruturado em três partes. Inicia-se com pesquisa dos temas predominantes do projeto: *Reabilitação e Conservação do Património; Quintas de Recreio; Vazios Urbanos; Percursos Pedestres.* De seguida são contextualizados e analisados o território e o objeto, procurando expressar o seu potencial de requalificação. As análises destes temas são essenciais para entender o funcionamento destes sistemas que são o território de Santa Iria de Azóia e a Quinta de Valflores.

Por fim, na terceira parte do trabalho, é apresentada a proposta de reabilitação da Quinta de Valflores na qual procurou-se relacionar o objeto com os as problemáticas analisadas à priori.

---

concebidos pelo Ser Humano (estradas, clareiras, agricultura) proporcionando à fauna o livre trânsito entre as áreas protegidas.

2 Projetar com o Lugar

Atualmente o tema “Projetar com o Lugar” tem vindo a conquistar o seu espaço na arquitetura contemporânea devido às intervenções em monumentos e edifícios cujo seus usos ficaram desatualizados ao modo de como se vive os espaços na atualidade. Estas obras transportam consigo um grande valor na existência humana -a memória- e a Quinta de Valflores não é exceção, é uma obra de arquitetura civil do século XVI com influências italianas e como muitos outros exemplares, não deve ser extinta.

Da utopia ao projeto, até alcançar o produto final, os objetivos e as intenções de quem concebe a intervenção arquitetónica têm efeitos não só no lugar, mas também na sociedade. Projetar com o Lugar não se deve restringir a inserir um novo elemento num determinado contexto.

O arquiteto ao partir do projeto para execução da sua obra, toma o poder de influenciar o modo como a sociedade vive o lugar tendo então, à priori, *“um compromisso com o espaço urbano e coletivo”* como defende Pedro Rossi, entrevistado em *Vitruvius* (Rossi, 2019). A vida das comunidades ao serem confrontadas com novos ambientes formados pela arquitetura na cidade, poderão sofrer transformações no seu dia-a-dia, assim como o quotidiano dos arquitetos, que terão diferentes pontos de vista dessas intervenções profissionais (Rossi, 2019), podendo alterar a forma como estes profissionais assumem o seu papel em diante.

O serviço que o arquiteto presta ao lugar e à sociedade deve ser tratado com sensibilidade e com consciência de que todos os seus atos persuadem o coletivo, dado que a arquitetura é uma área "*muito importante para a sustentabilidade ambiental, para a saúde das pessoas, para a racionalidade urbana, para a economia de custos urbanos, para a melhoria das cidades e para as vidas das pessoas"* (Rossi, 2019).

Caso não exista uma reflexão crítica sobre a realidade podem-se manifestar transtornos na sociedade e na cidade como as desigualdades sociais e a discriminação de classes, que podem traduzir-se em problemas urbanos (Carvalhal, 2010), como é possível entender no julgamento que Ruy Ohtake onde transmite que *"a arquitetura tem a função de dar uma dignidade de moradia para todo mundo. Seja em comunidades mais carentes, seja em bairros mais sofisticados. Essa dignidade é um direito à vida que todos nós temos que ter"* (Ohtak, 2018).

Conclui-se, que conceber e construir não se deve tratar de um exercício inconsciente e irracional já que a arquitetura tem um grande valor na cidade, especialmente quando à priori existe um elemento que deve ser honrado e respeitado, como é o caso do "palácio" da Quinta de Valflores.

2.1 Conservação e Reabilitação do Património

> *"Cada objecto patrimonial pertence a um determinado ambiente geográfico, a uma cultura e sociedade específicas. As modificações nele introduzidas ao longo do tempo sedimentam novos testemunhos e novos valores, incorporando os conhecimentos, os hábitos e a experiência de vida dos seus criadores, ou dos seus utilizadores. Se um objecto destes é danificado, ou destruído, perde-se um recurso insubstituível."*[9]
>
> José Aguiar

O conceito de reabilitação deriva do latim re + habilito, *"tornar apto, fazer hábil"* (Houaiss, 2001) e pretende tornar hábil o objeto. Na sua generalidade, surge apoiado pelos conceitos *"restauro"* e *"conservação"*, e emergem por diversos valores, designadamente os valores estéticos, valores sentimentais e/ou históricos (Degryse, 2018). Na generalidade, o processo de restauro de um objeto é um método de o preservar, contudo, quando o objeto é alvo desse processo implica que este verifique transformações na sua forma e na sua estrutura (Viñas, 2005, p. 17), enquanto se for motivo de um processo de conservação não haverá quaisquer modificações do mesmo (Viñas, 2005, p. 20).

---

[9] José Aguiar, *"Cor e Cidade Histórica, Estudo Cromáticos e Conservação Do Património"*, 2012th ed. (FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2002)

No decorrer da história até à contemporaneidade foi necessário proceder à resolução de problemas de edifícios, *"que, do ponto de vista da conservação, não podiam ser encarados como monumentos"* (Ordem dos Arquitetos, s.d.), cabendo a cada nação o papel de determinar normas e equipas especiais para administrar e chefiar estes trabalhos.

"Os primeiros responsáveis de restauros em Portugal procuram mais reconstituir do que propriamente restaurar (...). De facto, no fim do século XIX e início do século XX o que interessava era restituir a obra como deveria ser, mais do que como de facto teria sido" (Lourenço, 2004). No seguimento deste pensamento, diversos imóveis, em Portugal sobretudo edifícios de caráter religioso, passam por intervenções que alteram a sua forma física, apoiando-se no desejo e nas ambições de quem os projeta (Amendoeira, 2012).

O conceito "Reabilitação" emerge no seguimento da "conservação integrada", na Carta Europeia do Património Arquitetónico (Conselho da Europa, 1975) e na Resolução 76 (28), que nasce para solucionar os obstáculos da intervenção em edifícios que do ponto de vista da conservação, não poderiam ser considerados como monumentos, ou seja, focando no edificado de caráter habitacional, todos os elementos que constituem as estruturas e os ambientes interiores do edifício são atualizados ao modo como se habitam os espaços na atualidade, respondendo às necessidades da vida moderna (Ordem dos Arquitetos, s.d.) podendo através deste processo ser alterado o caráter original da obra (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 2003).

Ao contrário do que se esperava, existiram poucas intervenções de reabilitação nas últimas décadas (Aguiar & Pinho, 2005), focando-se na construção suburbana que por consequência destaca Portugal como um dos países com maior número de edificado devoluto (Aguiar & Pinho, 2005). De facto, estas circunstâncias excecionais salientam a importância da reabilitação para o futuro do país, tornando a prática da reabilitação numa necessidade.

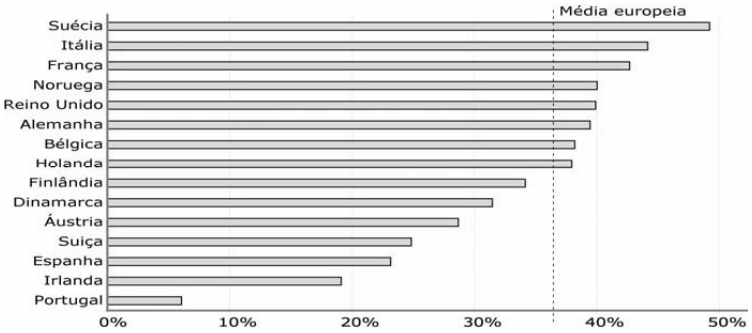


Figura 3 Segmento da reabilitação no sector da construção em 2002. Enquadramento internacional (Euroconstruct, 2003).

O programa desta proposta de projeto, adotado pela análise dos registos obtidos com os formulários e entrevistas, abrange na sua maioria, espaços interiores de amplas áreas com infraestruturas imprescindíveis à construção do século XXI[10], que não se coadunam com a traça e as características arquitetónicas originais do edificado pré-existente, deste modo adota-se a perspetiva de reabilitação e ampliação.

[10] Sistema HVAC, Rede elétrica, Rede de águas pluviais, Rede de águas residuais.

2.2 Quintas de Recreio

O contacto com a natureza era um dos requisitos exigidos pelas classes nobres como elemento essencial para o seu deleite e ócio, assim essas classes usufruíam das Quintas de Recreio para seu prazer (Vitorino, 2019, p. 21). Esta tipologia arquitetónica é uma reinterpretação das "*Villa"*, modelo ideal arquitetónico italiano, introduzindo-a num contexto renascentista português do século XVI (Pires e Saraiva, 2016, p. 33).

Da mesma forma que se diferencia "*Villa"*, como *"produto da imaginação do arquiteto"* e da casa de campo, segundo James Ackerman o fator "lazer" é o que estabelece a diferença entre Quinta de Recreio da propriedade agrícola (Ackerman, 1990, p. 9). Contudo, para Marieta Dá Mesquita a Quinta de Recreio não necessita de ser distinta de uma propriedade agrícola (Mesquita, 1992). Para a historiadora, o programa da "*Villa"* apresenta uma disparidade entre duas tipologias sendo que "*Villa Suburbana"* é a definição que mais se aproxima à Quinta de Valflores (Pires e Saraiva, 2016, p. 30), por ser uma propriedade que não é de habitação permanente, mas sim de repouso e retiro do seu proprietário da época, Jorge de Barros (Mendes, 2019).

Em analogia com a "*Villa", a* Quinta de Recreio pretende refletir, através de um esquema geométrico racional presente na sua estrutura formal e espacial, a ordem da natureza, expondo o *"conhecimento da ciência e de expressão cultural da interpretação de um hipotético 'modelo ideal/divino'."* (Pires, Saraiva, 2016, p. 35). Todavia a própria estrutura das Quintas de Recreio, assim como as restantes obras edificadas, estão dependes da estrutura tipologica e morfologica de cada local, acabando por em alguns casos não exprimirem uma estrutura e organização tão rígida e formatada, dando assim mais enfase à poesia do lugar que a envolve (Pires, Saraiva, 2016).

"Para que um edifício se mantenha vivo é necessário dar-lhe um uso, é necessário conservá- lo usando-o."[11]

Em minoria, as Quintas de Recreio têm sobrevivido ao seu uso original, apresentando uma redução na atividade agrícola e pouca manutenção nos espaços verdes. Frequentemente associa-se o termo "refuncionalização de uma Quinta de Recreio" a um estabelecimento de turismo, cultura e hotelaria, porém apesar dos possíveis usos que se afirmam nas várias Quintas Portuguesas, na sua generalidade, apresentam um caráter lúdico (Lopes, 2018).

Assim, o propósito da reabilitação destes espaços é a implementação de um uso que defenda o seu valor patrimonial e que se adeque à estrutura arquitetónica presente, impondo uma reabilitação arquitetónica destinada a esse uso que afirme e salvaguarde a identidade do Lugar, *"(...) as suas qualidades espaciais, vivenciais e ambientais"*. (Pires e Saraiva, 2016, p.51).

[11] Pires, A. G., (2016). *A Villa Renascentista: Arquitetura, Jardim e Paisagem: Visão Pluridisciplinar dos Espaços e Vivências da Quinta de Recreio de Conceção Renascentista*. 1a edição ed. Lisboa: Caleideoscópio. P. 277

"O valor do património arquitetónico não está só na sua aparência, mas também na integridade de todos os seus componentes, como produto único da tecnologia de construção especifica do seu tempo. Em particular, não é conforme aos critérios da conservação a remoção das estruturas interiores mantendo-se apenas as fachadas"[12]

ICOMOS (2003)

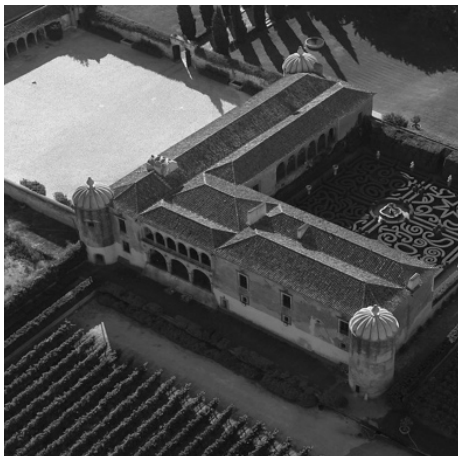


Figura 4 Quinta da Bacalhôa, s.d., Catalão Monteiro

Um dos grandes exemplares da Arquitetura Civil Renascentista Portuguesa, assim como a Quinta de Valflores em estudo nesta proposta de reabilitação, é a Quinta da Bacalhoa, localizada numa grande propriedade em Azeitão, construída em 1427 pelo Infante D. João (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.).

Ao longo das décadas a Quinta da Bacalhôa, como tantas outras, foi alvo de remodelações. A primeira grande remodelação foi iniciativa de D. Manuel, neto do Infante D. João e filho de D. Fernando e D. Brites de Lara, senhora da quinta, que *"transformou a Quinta com um gosto mais moderno, certamente típico da arquitetura residencial de transição de finais do século XV e inícios do XVI."* (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.).

[12] ICOMOS (2003), Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitetónico, Victoria Falls, Zimbabué 2003.

Um século após ser edificada, a Quinta foi vendida a Brás de Albuquerque, proprietário da Casa dos Bicos. Deve-se a esta personalidade as grandes alterações do palácio que conhecemos até hoje de caráter erudito e clássico.

O conceito italiano de planta em *L* foi importado pelo próprio proprietário numa visita a Itália por volta de 1522. Simetria, rasgão dos vãos, escalas e espacialidades, azulejaria, Casa de Fresco, tanques de água e elementos clássicos, como colunatas e galerias, são alguns dos elementos que fazem desta Quinta uma obra notável em Portugal, tornando-se referência para futuras construções (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.).



Figura 5 Quinta da Bacalhôa, Casa de Fresco e tanque de água, s.d., Vera Costa

Em contraste com a Quinta Valflores, esta propriedade apenas é confrontada a sudeste pela estrada Nacional 10, estrada que acede ao principal portão da quinta e os restantes limites com edificado habitacional e industrial que são pouco ou nada invasivos à propriedade, uma vez que a topografia plana do território e a arborização existente entre estes conjuntos oculta o que está para além dos muros da Bacalhôa.

A entrada para a casa, como acontece em Valflores, é desenhada através de um pátio murado onde a fachada principal nos recebe por uma galeria de treze arcos assentes em colunas. A casa é caracterizada principalmente pelas suas proporções e as regularidades dos alçados, pela e pela planta loggia L que ladeia um jardim formal (Freguesia de Azeitão, s.d.). Adiante erguem-se três torreões conectados entre si por arcadas compondo a Casa de Fresco onde se encontra em todo o seu comprimento um tanque de água, tema este que é também bastante presente na Quinta em estudo. É possível observar azulejaria na decoração de dois pavilhões de recreio que surgem a meio da Quinta, a Casa da Índia e a Casa das Pombas (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.).



Figura 6 Quinta das Torres, Enquadramento paisagístico, s.d., Anatomia dos Interiores

"Os temas iconográficos de toda a decoração são essencialmente de cariz clássico, bem adequados ao gosto humanista e à figura de Albuquerque, exibindo heróis da Antiguidade e outras referências mitológicas."[13]

A cerca de dois quilómetros da Quinta da Bacalhoa, localiza-se a Quinta das Torres que em 1520, ainda sem a existência do "palácio", pertencia a D. Brites de Lara, mãe de D. Manuel, presenteando D. Maria da Silva e a seu marido, D. Pedro Eça, esta Quinta como presente de matrimónio.

Datável de 1560 o palácio conta com uma *"(...) planta, de concepção nitidamente italiana"* (Azevedo, 1988), composta por quatro retângulos concebendo um pátio central, a céu aberto, destacando quatro torreões nos vértices. Esta é constituída por três vãos rasgados assentes em colunas toscanas seguidos de uma torre piramidal, em cada lado, marcando a fachada sul que caracterizam o nome da Quinta.



Figura 7 Quinta das Torres, Casa de Fresco, s.d., Anatomia dos Interiores

Os interiores da casa são decorados por tetos em madeira, portas à romana e por painéis de azulejos, *"(...) toda a regularidade e harmonia do traçado, aliadas à introdução de detalhes (...)"* fazem desta obra *"(...) um caso, pioneiro, da introdução do renascimento italiano em Portugal."* (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.)

---

[13] DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d. Palácio e Quinta da Bacalhoa. [Online] Disponível em:

http://www.patromoniocultural.gov.pt/pt/patromonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado- ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70212/ [Acedido em dezembro 2021].

Em conformidade com a quinta vizinha, os limites da Quinta das Torres são desafogados, com vegetação densa, esta funciona como uma ilha voltada para si mesma e usufrui também de uma Casa de Fresco em forma de "*tempietto",* coberta por uma cúpula sustentada por doze arcos, que se encontra ao centro de um tanque de água quadrado (Freguesia de Azeitão, s.d.).

Hoje, à semelhança de outras tantas Quintas, o palácio tem um caráter privado, dando espaço a eventos como casamentos e até mesmo como espaço cénico de gravações.

Ambas as propriedades, a Quinta da Bacalhôa e a Quinta das Torres foram contruídas afastadas das cidades, assim como a Quinta de Valflores, todavia, ao estar implantada mais próxima da cidade de Lisboa, o seu envolvente sentiu-se forçado a desenvolver acabando por ofuscá-la. Assim, foi possível para estas duas propriedades localizadas em Azeitão manter a sua traça arquitetónica e urbana, original.

2.3 Vazios Urbanos



Figura 8 Vazio Paisagem, Loures, s.d., Cristina Cavaco



Figura 9 Vazio Infraestrutural, Odivelas, s.d., Cristina Cavaco

Pode-se caracterizar Vazios Urbanos como uma ausência na cidade por consistirem em grandes espaços com variadas particularidades morfológicas (Morgado, 2005) como, por exemplo, espaços sem construção ou com edificado abandonado que muitas vezes são apelidados de áreas degradadas e lugares frágeis na malha da cidade contemporânea. Apesar destes espaços não terem um propósito e uma intenção na cidade, tornam-se nos elementos mais evidentes para o desenvolvimento das metrópoles (Morgado, 2005) quando abordados numa lógica de colmatação e contenção dos perímetros urbanos.

É possível observar as distintas formas como os vazios urbanos se manifestam nas cidades contemporâneas. No artigo *"Os Espaçamentos Ilegítimos ou a Condição Suburbana do Vazio"* de Cristina Cavaco, a autora aborda esta temática expondo as diversas manifestações do vazio em territórios urbanos, defendendo que este se expõe de sete formas diferentes: *Vazio Paisagem; Vazio infraestrutural; Vazio expectante; Vazio de cedência ou de interdição; Vazio verde; Vazio interior coletivo; O fragmento ou o simulacro do vazio tradicional* (Cavaco, 2017).

O Vazio Paisagem é caracterizado como um espaço livre natural, como áreas rurais, mas com uma paisagem envolvente artificializada, não existindo a distinção entre cidade/campo, urbano/rural ou centro/periferia (Cavaco, 2017).

O Vazio Infraestrutural, como o nome indica, é originado, por fortes estruturas físicas como o caso de viadutos, pontes, estradas e autoestradas, e trata o cheio e o vazio entre o construído e o não construído. Por um lado, estes vazios cortam e seccionam a malha tradicional da cidade, contudo, em simultâneo conectam as cidades com fluidez (Cavaco, 2017).

Chamado também de *terrain vague*[14], o vazio expectante pode ter uma abordagem de depósito de resíduos uma vez que estas grandes áreas podem se encontrar abandonadas. São estes espaços intersticiais em estado de obsolescência que contrastam com a oportunidade de crescimento da cidade. *"O vazio expectante é na cidade contemporânea um valor-parasita, é uma impermanência, nem transitório, nem permanente ou de permanência"* (Cavaco, 2017).



Figura 10 Vazio expectante, Amadora, s.d., Cristina Cavaco

Assim como para Sofia Morgado, que também apresenta as áreas expectantes como zonas com diversas potencialidades expondo um dos seus principais valores, "(...) acceso privilegiado debido a las redes infraestructurales que, primero, permitieron su localizacion pero que, temporalmente, no están a ella eficientemente conectados"[15] para José Mateus[16], também são nestes lugares "*'obsoletos', ou 'marginais'*", onde se encontram recursos para a reavaliação das cidades (Bicca, 2017), acrescentando ainda por Ignasi de Solá-Morales Rubió: "*uma área sem limites claros, sem uso atual, vaga, de difícil compreensão na perceção coletiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial*

[14] *Terrain vague:* terreno livre, conceito abordado pelo arquiteto Ignasi de Solà Morales e foi posteriormente usado por outros arquitetos e filósofos para se referirem aos vazios urbanos, segundo perspetivas um pouco diferentes.

[15] Morgado, C. S., (2005). *Protagonismo de la Ausencia – Interpretación Urbanística de la Formación Metropolitana de Lisboa desde lo desocupado*- Dissertação de Doutoramento. Barcelona: UPC. p.285

[16] Arquiteto Curador Geral da primeira Trienal de Arquitetura de Lisboa, 2007



Figura 11 Vazios de Cedência ou de Interdição, Reboleira, s.d., Cristina Cavaco



Figura 12 Vazio Verde, Santa Iria de Azóia, março de 2022, imagem do autor

original: *o espaço do possível, do futuro"*[17]. Em conclusão, são estas vastas áreas das cidades que dão oportunidade a elas mesmas de se expandirem e desenvolverem, permitindo ao arquiteto tratar destes vazios urbanos como se de uma folha em branco se tratasse.

Os Vazios de Cedência ou de Interdição resultam nas áreas de distanciam construções, edifícios e/ou infraestruturas pelos regulamentos impostos, devido a condições de higiene e/ou segurança, ou até mesmo por razões físicas do terreno. Numa lógica tradicional estas áreas estão associadas ao "desperdício" de espaço. Nesta natureza são considerados também, vazios de cedência, todos os espaços verdes que compõem a cidade como jardins e parques urbanos que decorrem das interdições de construção (Cavaco, 2017).

O Vazio Verde trata a inserção de elementos naturais no contexto da cidade por motivos de higienização, de naturalização ou até mesmo de recreio e lazer. Nestes espaços estão incluídos jardins de maiores dimensões, relvados ou até mesmo pequenas áreas verdes que muitas vezes resultam da impossibilidade de preenchimento do quarteirão (Cavaco, 2017).

O Vazio interior coletivo é um conceito moderno que caracteriza os espaços públicos e/ou privado que são construídos, ou seja, estes espaços podem não estar sujeitos ao clima do exterior sendo possível controlar a luz, amoras e a temperatura, somando ainda a segurança através de câmaras de vigilância. "*Os novos vazios colectivos interiores são os espaços de contacto da contemporaneidade, agora*

[17] Mateus, J., (2007). Vazios Urbanos. s.l.:s.n.

intrumentalizados e circunscritos a um interior". (CHOAY, 1969:115, citado por Cavaco, C., 2017).

Por fim, o fragmento ou o simulacro do vazio tradicional é o sobrante de um vazio herdado. Reúne em si a perseverança dos vazios urbanos das cidades tradicionais, retratados como forma de "honrar" a cidade-território que o Movimento Moderno rejeitou (Cavaco, 2017).

Em grande parte dos casos, as presenças destes espaços disseminados podem traduzir-se em deterioração socioeconómica e abandono segundo a visão de Luc Lévesque. São áreas que ficam esquecidas no tempo podendo representar estagnação económica acabando na sua maioria por atingir a decadência urbana. Em contrapartida estas áreas podem usufruir da capacidade de ser tratadas, na sua maioria, como uma tela em branco onde é possível conceber novos espaços de liberdade criativa onde é exequível oferecer ambientes de usos informais que dificilmente se encontrariam numa cidade standardizada (Lévesque, 2002, pp. 6,7).

A todos os lugares que se encontram esquecidos "*aparentemente (...) parece predominar a memória do passado sobre o presente"*[18]. Considera-se por lugar esquecido um espaço que outrora foi habitado e que narra a sua história, deste modo atribui-se o valor de memória com significado, podendo este ser preservado e incorporado na arquitetura e na vivência de quem usufrui destes ambientes.

Fazendo o exercício de ler a cidade como um texto, o arquiteto José Mateus exemplifica que *"os vazios urbanos são vocábulos em falta ou que, temporariamente, parecem desajustados do texto global. Nesse sentido, estes vazios não devem ser avaliados isoladamente, pois é com*



Figura 13 Vazio interior coletivo, CC. Colombo, s.d., Cristina Cavaco

[18] Rubió, I. d. S.-M., (1995). *Terrain Vague*. Barcelona: s.n. Tomé, M., (1998). Património e Restauro Em Portugal: 1920-1995. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto.



Figura 14 Vazio Infraestrutural, Santa Iria de Azóia, 2022, imagem do autor

a sua clarificação que o texto global, a cidade, ganha consistência, uma nova dimensão"[19]. Esta conceção de ler o vazio urbano em conjunto com a cidade e não de forma isolada, encontra-se com o pensamento de Pedro Fonseca Jorge: *"A "cidade" não se define pela Igreja, pela Casa do Povo, pelo Quartel dos Bombeiros, mas antes por um conjunto de valores mais latos"*[20] permitindo organizar os elementos em dois valores, a "regra" e a "exceção", o cheio e o vazio respetivamente (Jorge, 2007).

Contudo os vazios urbanos não se caracterizam apenas pelas áreas disseminadas na cidade sem valor funcional, a estes vazios pertencem também os espaços públicos, como jardins, parques, corredores verdes e zonas de lazer correspondendo estes elementos à *"exceção"* (Jorge, 2007). Ou seja, podemos considerar *"regra"* à massa construída continuamente que pontualmente é interrompida pela *"exceção"* dos vazios, dos espaços públicos (Jorge, 2007).

De forma que estas regiões possam tornar-se parte integrante na cidade e na sociedade, Carla Sofia Morgado aponta para a qualificação e adulteração destes espaços, conciliando-os com os interesses e carências da cidade e dos cidadãos que nela habitam (Morgado, 2005), desta forma estes espaços transformam-se em locais de passagem e permanência fazendo parte da vida quotidiana das comunidades.

---

[19] Mateus, J., (2007). *Vazios Urbanos*. s.l.:s.n. p. 13

[20] Jorge, P. F., (2007). *Vazios Úteis-Cerzir a Cidade*. s.l., Institudo Polotécnico de Leiria.

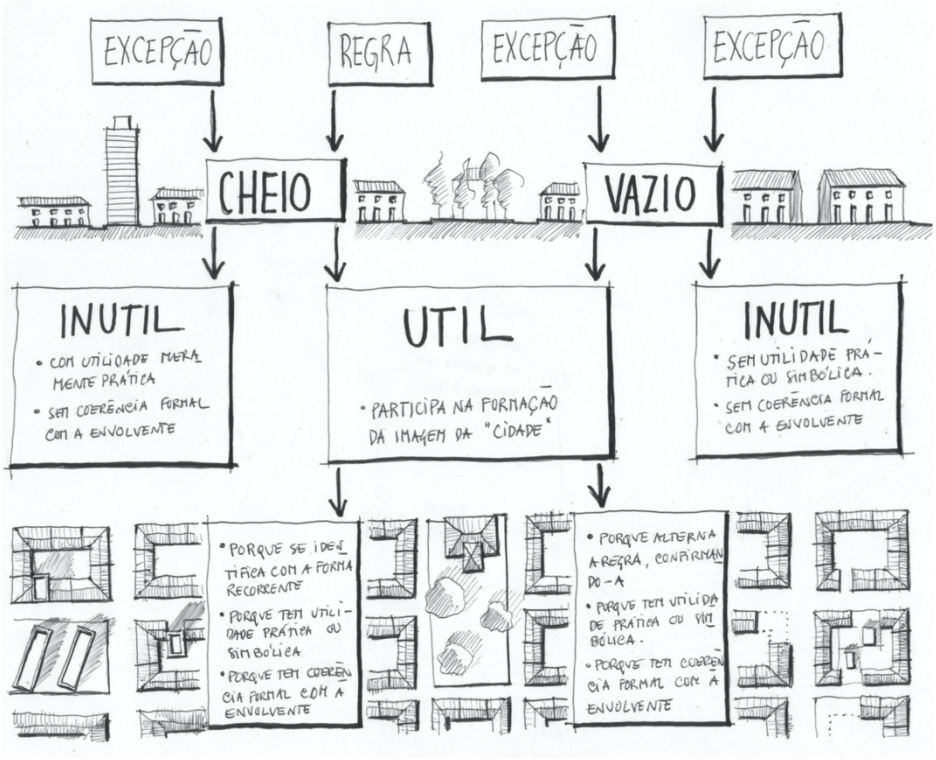


Figura 15 Regra/Excepção, Cheio/Vazio, 2007, Pedro Fonseca Jorge

A Quinta de Valflores encontra-se rodeada de diversos tipos de vazios urbanos, caracterizados por Cristina Cavaco. Podemos encontrar Vazios infraestruturais nas áreas formadas pelo nó da A1, Vazios de Cedência nos espaços não construídos entre as grandes vias rodoviárias e o edificado, Vazios Verdes como é o caso do Parque urbano de Santa Iria e Vazio Paisagem, localizado mais afastado, na margem norte da Autoestrada Nº 1.


Figura 16 Vazio de Cedência, Santa Iria de Azóia, 2022, imagem do autor

O objeto em estudo caracteriza-se como vazio expectante por se encontrar com edifícios abandonados, obsoletos e quase sem acesso à propriedade, todavia, expõe características benignas à sua reintegração na cidade, como por exemplo, a sua memória e identidade, a sua localização e paisagem. Este vazio expectante é uma oportunidade para o desenvolvimento e valorização da Vila de Santa Iria de Azóia assim como para a própria propriedade, reformulando também os seus acessos, transformando de o espaço expectante em vazio verde.

2.4 Percursos Pedestres



Figura 17 Esquematização exemplificativa de um percurso linear, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

"O caminho também é um lugar."[21]

Os elementos que conectam os diversos pontos de convergência[22] de uma cidade são os circuitos e os percursos sendo que, por essa razão, achou-se pertinente estabelecer uma relação entre estes conceitos. Assim, os circuitos apoiam-se na organização de um trajeto (viagem) onde está envolvida a oferta de diversos serviços, tal como os circuitos turísticos de barco, comboio ou autocarro que percorrem os pontos de interesse desse lugar (Reis, 2009). Já os percursos representam o caminho, corretamente sinalizados com o objetivo de aproximar o utilizador ao território onde se encontra (Braga, 2007).



Figura 18 Esquematização exemplificativa de um percurso circular, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Os percursos pedestres podem ser classificados segundo quatro parâmetros: quanto à sua função: à sua forma; ao grau de dificuldade; e à extensão (Braga, 2007).

Podemos definir, segundo Andrade (2006), que existem dois intuitos dominantes na função dos percursos, o de lazer/recreativo que consiste na execução do percurso por motivos lúdicos e de realização pessoal e o educativo que relaciona o utilizador com a interpretação da paisagem e do território, não deixando de estar relacionado com o lazer (Braga, 2007).

---

[21] José Luís Peixoto, *O Caminho Imperfeito*, 2017th ed. (Quetzal Editores, 2017)

[22] *Convergência*, 1. Ato de convergir; 2. Junção num ponto. no Dicionário infopédia da língua portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consultado em 09-2022]. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/convergência

Conclui-se então que Ponto de Convergência, no contexto presente, refere-se a todos os espaços de encontro da população, como por exemplo espaços comerciais, de lazer, cultura, ensino.

É possível que estes percursos assumam formas distintas, consoante múltiplos fatores, nomeadamente a sua função e a geografia do território em que se encontra: linear; circular; em "8"; em anéis contíguos; em anéis satélites; e em labirinto (Braga, 2007).

Para percursos de longa distância em que o objetivo é partir do ponto A ao ponto B, ou seja, fazer-nos chegar ao lugar de chegada, a forma mais tradicional e também a mais adequada ao percurso é a linear (figura 17). Ainda assim é possível acrescentar nesta forma pontos de interesse ou variações de aspetos a observar e a sentir de modo que a nossa noção de distância diminua e se torne menos monótono. Temos, portanto, o ponto de partida seguido dos pontos de interesse e por fim o ponto de chegada.

A forma circular (figura 18) oferece a possibilidade de começar e de terminar o percurso no mesmo lugar, evitando que seja necessário percorrer o mesmo trajeto no sentido inverso. Em territórios de menores dimensões, a forma em oito (figura 19) adequa-se à área, uma vez que aumenta a possibilidade de utilização mais intensa do lugar, aumentando a oportunidade de observação dos vários pontos de interesse que o território nos oferece.

Dependendo da capacidade física de cada utilizador, o percurso em anéis contíguos (figura 20) oferece a possibilidade de escolha à realização do percurso.

Tal como a forma anterior, a forma em anéis satélites (figura 21), também aumenta a possibilidade de alternativas para a execução do percurso.

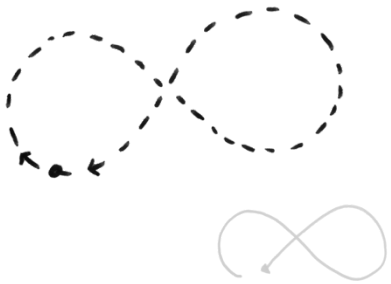


Figura 19 Esquematização exemplificativa de um percurso em "8", adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

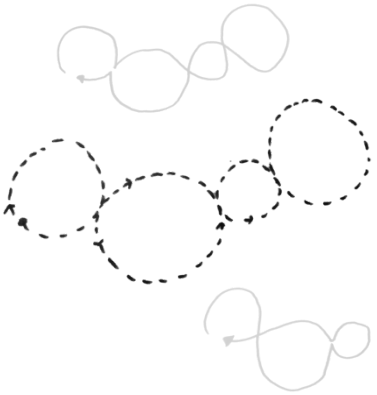


Figura 20 Esquematização exemplificativa de um percurso em anéis contíguos, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

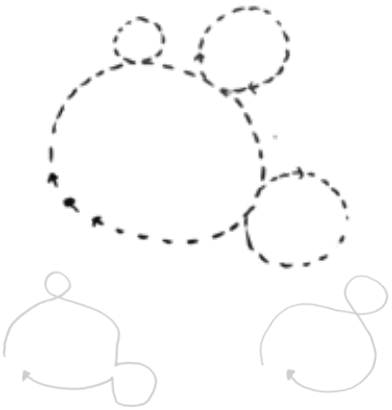


Figura 21 Esquematização exemplificativa de um percurso em anéis satélites, adaptado de Braga 2007, Pedestrianismo e Percursos Pedestres, linha interrompida: percurso; linha a cheio: opção de trajeto, 2022, desenho do autor

Para definir o grau de dificuldade de cada percurso existe uma classificação simplificada que abrange três categorias: fácil; médio; difícil. Todavia, o grau de dificuldade não se caracteriza apenas pelas características do percurso como a sua extensão, as paisagens, terreno ou o tipo de clima, as capacidades psicológicas e físicas do pedestrianista definem também este grau, daí esta classificação ser subjetiva (Braga, 2007).

"Não existem caminhadas difíceis: é só ir devagar e sempre. São as pessoas que transformam a caminhada em uma coisa difícil. Como? Tentando fazê-la em um tempo curto demais. Ou (claro) tentando algo sem a necessária forma física".[23]

Com efeito, existem diversos organismos responsáveis pela classificação da dificuldade dos percursos pedestres. Neste texto optamos por apresentar três dos órgãos europeus responsáveis (FEDME; FFRP; e FCMP). A FEDME, *Federação Espanhola de Esportes de Montanha e Escalada*, que classifica os percursos em três categorias: fácil; médio; alto. A FFRP, Fédération Européene de la Randonée Pédestre que apresenta quatros níveis, começando na categoria "muito fácil", seguida de "fácil, "médio", e terminando na "difícil" (Braga, 2007). E por fim a FCMP, Federação de Campismo e

23 Beck, citado por: Cortes, M., (2004). *Avaliação do Nível de Dificuldade da Trilha Interpretativa da RPPN Ecoparque de UNA a Partir de Aspectos Físicos, Biológicos e de Parâmetros de Esforço Físico dos Visitantes*. Ilhéus. Universidade Estadual de Santa Cruz.

Montanhismo de Portugal que classifica o grau de dificuldade em cinco níveis: fácil; moderado; moderado/difícil; difícil; muito difícil. (FCMP 2022).

Assim como para o grau de dificuldade, cada organismo classifica também os percursos quanto à sua extensão. A FEDME menciona cinco tipos de extensão: grande rota (GR); pequena rota (PR); percursos locais (SL); percursos urbanos (SU) (Ferreira, 2011).

Os percursos GR, como o nome indica, têm extensões superiores aos restantes e conseguem conectar diversas localidades ou países, integrando-se em variadas paisagens e climas. Os percursos PR percorrem distâncias até 30 km, mais que os percursos locais que têm uma extensão de até 10 km e estão localizados essencialmente em zonas rurais. Já os percursos urbanos estão implantados no meio urbano (Braga, 2007).

À semelhança da organização anterior, a FCMP adota a mesma classificação a respeito dos percursos de grande e pequena rota. Porém os percursos urbanos e locais estão agrupados na mesma categoria designada de percursos de curta/média dimensão. Como referido anteriormente, a GR, segundo a FEDME, tem a possibilidade de ligar vários países, caracterizando esta particularidade por percursos Continentais enquanto a FCMP classifica-os de Grande Rota Transeuropeia (Braga, 2007).

Ao longo das visitas à Quinta de Valflores e à Vila de Santa Iria de Azóia foi possível experienciar em primeira mão os acessos aos diversos pontos de interesse na vila, todavia, no dia 18 de março de 2022 o acesso à vila foi feito através dos caminhos de ferro, contrariamente ao que aconteceu nas restantes visitas, o que obrigou a percorrer os acessos atuais até ao centro de Santa Iria de Azóia.



Figura 22 Chega à N10 após sair da estação de comboios de Santa Iria de Azóia, março de 2022, imagem do autor



Figura 23 Passagem para peões por baixo da ponte da IC2, março de 2022, imagem do autor

Ao longo do dia foram registados diversos lugares que são utilizados como meio de acesso pedonal, mas que não estão preparados para receber os utilizadores de forma segura, não existindo assim outras maneiras de aceder ao lugar de destino. São exemplo disso as vias rodoviárias que não estão equipadas com passeios ou passadeiras[24].

De modo a diminuir a distância que o utilizador teria de percorrer na vila opta-se por circular nas vias rodoviárias, que não estão previamente preparadas ao pedestrianista, existem ainda caminhos que foram desenhados pela passagem permanente da circulação da população num determinado lugar. Gerou-se assim pequenos percursos em vazios urbanos da vila, áreas de terreno agrícola e terreno baldio.

Entendeu-se que, em especial, a zona sul da vila de Santa Iria de Azóia não dispõe de acessos seguros e cuidados para a circulação da população entre margens. Esta temática apresenta-se como auxílio e complemento do desenho urbano que amarra as diferentes margens da vila.

[24] Ao abandonar o cais de chegada confrontamos a estrada N10 que, em alguns troços, não possui passagem para peões nem passeios ou até bermas para podemos caminhar e aceder à vila. Esta via rodoviária transmite insegurança ao utilizador pedestre devido ao fluxo de transito automóvel e de pesados que aqui passa, este foi o primeiro grande obstáculo que se registou.

3. Memória e Identidade da Quinta de Valflores

3.1 Enquadramento Territorial



Figura 24 Fotografia Aérea, 2022, Adaptado de Google Earth

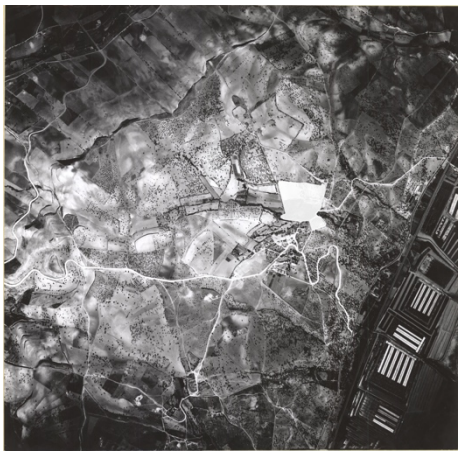


Figura 25 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1944, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Localizada numa encosta na margem norte do rio Tejo, paralela ao estuário, entre Lisboa e Vila Franca de Xira encontra-se o objeto em estudo deste projeto, a Quinta de Valflores.

A propriedade foi edificada orientada para o vale da ribeira de Valflores e para o estuário do Tejo, no meridiano 9º05' Oeste, sobre o paralelo 38º50' Norte que atualmente pertence à freguesia de Santa Iria de Azóia, contudo, antes de pertencer ao concelho de Loures era parte integrante do concelho de Alvalade entre 1836 e 1855 (Baptista, 1876), ano em que este concelho foi extinto por consequência de uma remodelação administrativa. Assim passou a incluir-se no concelho de Vila Franca de Xira até 1866 (Baptista, 1876) que com a criação do concelho de Loures a vila começou a pertencer a este novo concelho.

De facto, esta localização é privilegiada desde o paisagismo, à excelente qualidade dos solos e às características hidrográficas e geográficas, já que esta localização foi decisiva para fixação dos povos, na pré-história. Com tais particularidades, esta região era eleita por monarcas e nobres para edificares as suas quintas de recreio[25].

Entre o estuário e as encostas desenvolviam-se salinas desde Frielas a Vila Franca de Xira, que apesar de não se conhecer quando se iniciou a produção de sal em Santa Iria de Azóia, sabe-se que a freguesia vizinha, Santo Antão do Tojal teriam marinhas[26] datadas antes de 1412,

[25] Na Carta Orográfica de Lisboa a Setúbal de 1821, apesar de não estar identificada a Quinta de Valflores, é possível observar outras quintas nesta região, como a Quinta do Farol, Quinta do Marques de Abrantes, a Quinta do Castelo a Quinta do Lagar, e a Quinta da Maçaroca.

[26] Termo antigo para designar salinas.

que tanto produziam sal para Lisboa como exportavam para fora do reino (Baptista, 1876).

Realizado em 1935, o inquérito à indústria do sal em Portugal[27], indica que a norte do Tejo, entre Alverca, Póvoa de Santa Iria e Santa Iria de Azóia se encontravam 20 marinhas, das quais 13 pertenciam à freguesia da Quinta de Valflores.

Esta localização próxima do estuário com cais essenciais para o transporte de mercadorias foi um fator determinante para se implantarem indústrias na freguesia de Santa Iria de Azóia, a partir da segunda metade do século XIX uma vez que neste local se encontra a via-férrea que ligava Lisboa ao Carregado. As primeiras indústrias a crescerem e a implantarem as suas infraestruturas foram as de extração de sal e de moagem, seguidas de indústrias que tratavam a refinação de açúcar e mais tarde de vidro.

Não só a industrialização transformou a paisagem rural, mas também o aumento do crescimento urbanístico e demográfico provocado pelas pessoas que para aqui se descocaram para viver e trabalhar. Com base nos dados dos Censos a população de Santa Iria de Azóia aumentou de 1560 habitantes em 1930, para 6385 em 1970 e em 1981 contava já com 13000 habitantes[28].



Figura 26 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1958, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco



Figura 27 Fotografia Aérea, Evolução Territorial, 1987, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

[27] Charles Lepierre, *Inquérito: A Indústria do Sal em Portugal* (Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1935), Disponível em: https://almamater.uc.pt/romulo/item/86001.

[28] Câmara Municipal de Loures, «Em Loures o Passado tem Futuro», acedido 26 de Outubro de 2021, disponível em: https://indd.adobe.com/view/4e0c71df-c28e-4bf3-b9fc-e6427d9c18a7.



Figura 28 Limites a Norte da propriedade, março de 2022, imagem do autor

Ao experienciar este crescimento urbano significativo, existiu a necessidade de melhorar os acessos rodoviários no país e, principalmente, à cidade de Lisboa. Foram construídas infraestruturas viárias de grandes dimensões, a autoestrada A1 e a via IC2, que limitaram significativamente as comunicações entre a Vila e a Quinta de Valflores, somando ainda o crescimento da população que consequentemente fez crescer o edificado urbano, depreciando os valores inerentes à Quinta, tornando-se num grande vazio definidamente limitado por grandes marcos urbanos construídos.

Estes fenómenos provocaram à Quinta de Valflores algumas características, hoje é confrontada a Norte e a Nascente por edifícios habitacionais na Rua Pedro Soares e Rua Esperança, respetivamente, e a Sul pelo IC2 e a poente pelo nó da A1. Todas estas fronteiras limitaram os acessos ao interior da propriedade sendo que hoje, os acessos tanto automóveis como pedonal se realizam a nascente pela Rua da Esperança.

1550

A Quinta Valflores foi edificada pelo proprietário de Jorge de Barros, que entre 1532 e 1537 foi nomeado feitor na Flandres por D. João III (Ramalho e Silva, 2019), o que proporcionou a esta personalidade grande poder económico, suficiente para construir a Quinta e uma Capela funerária da Soledade em Santa Iria onde, atualmente, se encontram dois túmulos da família (Ramalho e Silva, 2019).

Durante nove gerações a propriedade pertenceu à família de Barros, contudo D. Luísa de Barros, herdeira do original proprietário altera o nome da Quinta para "Morgadio dos Barros e Vasconcelos" (Ramalho e Silva, 2019).

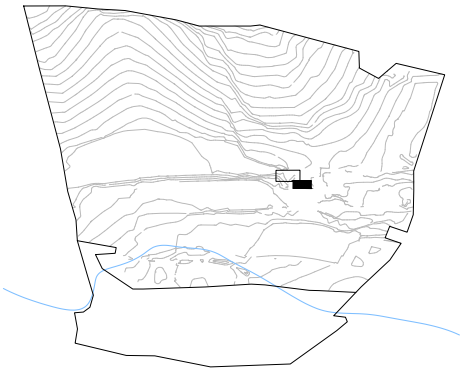


Figura 29 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

Hipótese de construção. Antes da construção do "palácio" existiria uma pré-existência neste local com vestígios no alçado

1778

Francisco Joaquim de Barros e Vasconcelos, um dos herdeiros de Valflores, terá usufruído da propriedade por longos períodos. Segundo o extrato do "Livro da Décima" referente à propriedade, após a morte de Francisco Barros e Vasconcelos, a família terá deixado de usar a casa.

Maria Ramalho e Ana Raquel Silva consultaram um processo de um contrato de aforamento, entre Dionísio de Barros e Vasconcelos e Joana Inácia que na época residia em Pirescouxe, que está depositado no Arquivo da Torre do Tombo (Ramalho e Silva, 2019). Neste contrato, de auto vistoria datado de 1798, confirma-se que já nesta altura a propriedade se encontrava num estado de ruína avançado e com terrenos agrícolas abandonados (ANTT, s.d.).

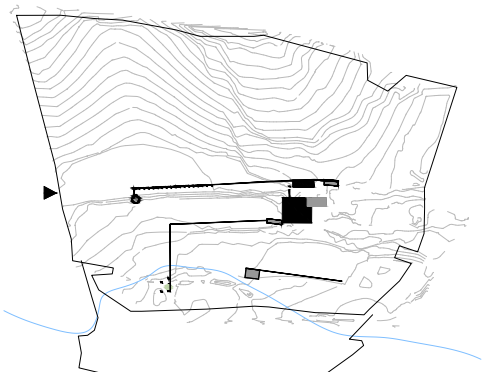


Figura 30 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XV

O palácio é mandado contruir, em 1550, sobe a reconfiguração das pré-existências e é introduzido a Oeste, um pórtico de entrada de grande importância por se conectar a Santa Iria de Azóia, e a um caminho que continha uma pérgula, ladeado a Norte pelo aqueduto.

1796

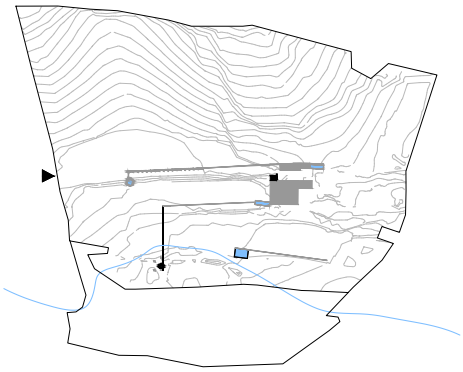


Figura 31 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XVI

Adição da Capela junto à casa Senhorial.

"Dionísio (...) cadete legítimo de cavalaria é avisado para partir em 1798 afora a quinta que se encontra praticamente inabitável". Estas eram algumas palavras presentes num documento de desembargo do "palácio" referente ao herdeiro Dionísio Barros de Vasconcelos. É nesta época que o "palácio" é sujeito a uma vistoria.

1802

É então elaborado um auto de vistoria neste ano onde é novamente mencionado a ruína da arquitetura, à exceção dos campos agrícolas, entendendo-se que estes estariam a ser cuidados (Ramalho e Silva, 2019).

Segunda metade do século XIX



Figura 32 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XX

Com a alteração das funções dos espaços da Quinta para funções agrícolas foi necessário reestruturar a organização de circulação da Quinta, assim sendo, procedeu-se à alteração da entrada principal, estando agora situada a nascente.

A Quinta continua a passar de geração em geração, todavia D. Pedro Clímaco de Alcântara de Barros e Vasconcelos perde a propriedade como meio de pagamento de dívidas para uma personalidade brasileira de nome desconhecido.

1870

Desta data em diante, a Quinta de Valflores torna a pertencer a outro proprietário, a Família Reynolds. Os novos proprietários dispõem o arrendamento de Valflores (Pacheco e Aguiar, 2016), onde hospedou a família Mendonça, conhecidos como "Os Fortunato".

Primeira metade do século XX este espaço sofre diversas alterações e começa a ser explorada com carater agrícola, agravando ainda mais a sua degradação (Noé, 1991).

"Hoje, (1899) caiu nas garras dos crédores; espatifou-se tudo e a jóia quinhentista foi passar às mãos dum negociante, que mandou pintar de azul-celeste! Ficou a matar."[29]

1978

De forma a preservar a Quinta de Valflores, em julho, a propriedade é classificada como Imóvel de Interesse Público onde se determinou de imediato que se realizassem estudos a definir uma ampla Zona Especial de Proteção[30]. Este feito foi proposta da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural e com Despacho do Secretario de Estado da Cultura.

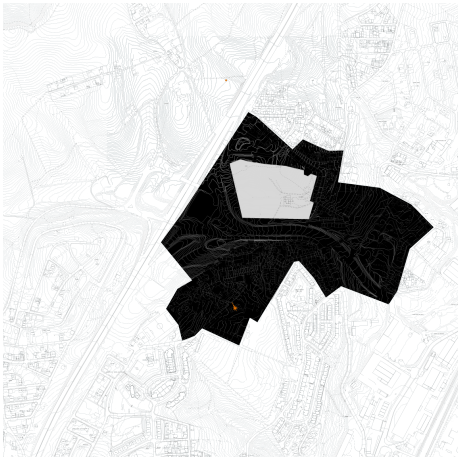


Figura 33 Limites da classificação da Quinta de Valflores e respetiva ZEP, Abril de 2019, Adaptado In Atlas do Património DGPC

1979

Os estudos realizados com a DGEMN31, para além de definirem estratégias para a proteção da envolvente, salientou a necessidade urgente de combater o péssimo estado do imóvel.

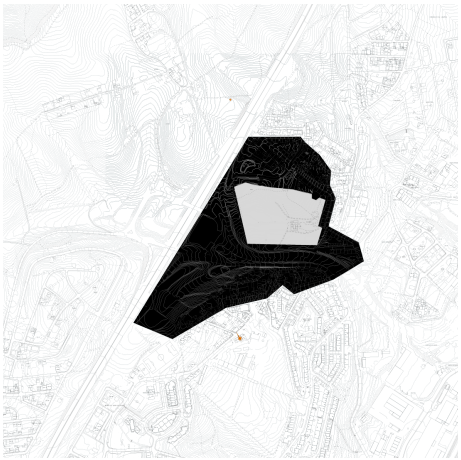


Figura 34 Limites da classificação da Quinta de Valflores e respetiva ZEP, Novembro de 2022, Adaptado In Atlas do Património DGPC

[29] FREIRE, Anselmo Braamcamp - *Brasões da Sala de Sintra*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927, pp. 394

[30] ZEP, Espaço que assegura o enquadramento paisagístico do imóvel, abrangendo os espaços verdes que sejam relevantes para a defesa do respetivo imóvel e envolvente.

[31] Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

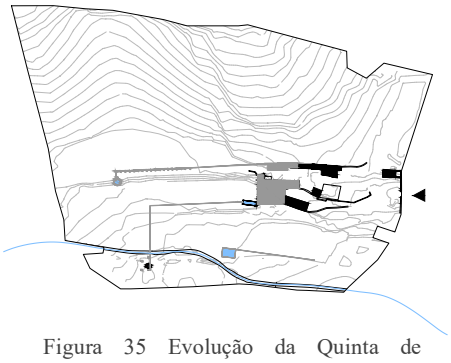


Figura 35 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XX

Com a falta de manutenção do edifício, a sua degradação é acelerada e nos anos 1970 começa-se a assistir ao desaparecimento da cobertura.

A Fevereiro de 1997 o seu perímetro é subtraído pela alteração da ZEP para construção da via rodoviária IC2.

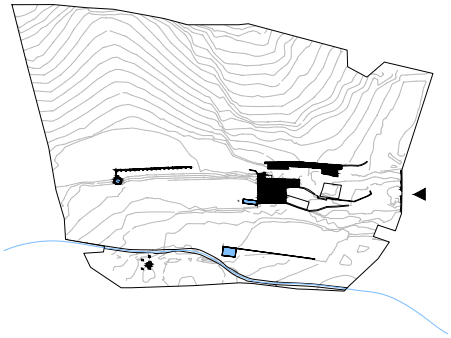


Figura 36 Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco, séc. XXI

Em 2001 dá-se a decorada da *loggia* devido à degradação e à vibração do transito de pesados no IC2 e a 26 de setembro de 2005 a Quinta de Valflores é adquirida pela CML

1980

O proprietário da Quinta foi notificado pela DGPC através da CML e o edifício é alvo de mais uma vistoria por parte da DGEMN e da CML, de onde resultou um plano de intervenção: partindo da consolidação estrutural, reconstrução de coberturas e até ao restauro dos tetos originais. Dois anos depois é publicada a ZEP.

1997

A zona de proteção acaba por ser parcialmente subtraída com uma nova ZEP, despacho do Ministro da Cultura, devido a futuras obras rodoviárias.

1998

Construiu-se então a via rodoviária IC2 que obriga a amputação da Quinta.

2000

O imóvel deixa de ser objeto de exploração económica e até à data nada se fez para combater a sua degradação, que continuou a acentuar-se devido ao seu abandono progressivo.

2001

É neste ano que se observam algumas transformações mais repentinas: o abatimento de colunelo, recolhido e transportado pela ADPAC, e uma derrocada parcial da arcada da fachada principal, que se encontra à guarda do proprietário, em janeiro e setembro, respetivamente.

Ainda neste ano foi elaborada a Carta de Risco do imóvel pela DGEMN.

2005

Foi aberto o processo de aquisição do imóvel por parte da CML, e um ano depois a Quinta de Valflores pertence unicamente a este novo proprietário a fim de a preservar, tanto o "palácio" como as construções hidráulicas que a compõem que também foram alvo de derrocadas.

Em 2015 a Quinta de Valflores entrou para a lista elaborada pela Europa Nostra[32], entre os 14 monumentos mais ameaçados da Europa que *"foram selecionados tendo em conta o seu notável valor patrimonial e cultural, bem como a grave situação de risco em que se encontram. Outro critério importante foi o potencial desses sítios para servir como recurso e motor do desenvolvimento sustentável da região onde estão localizados."* (Centro Nacional de Cultura, 2015)

2018

Neste ano, finalmente, começaram as obras de restauro e conservação da Quinta e em 2020 concluiu-se a primeira fase de recuperação, a consolidação estrutural, do "palácio" de Valflores.

2020

Ainda neste ano foi aprovado a adjudicação das últimas fases da obra, 2.ª e 3.ª fases que tratam, a recuperação da cobertura fecho de vãos de portas e janelas e o restauro e proteção dos elementos arquitetónicos, respetivamente.

[32] Organização Europeia do Património



Figura 37 Encosta da Quinta de Valflores e IC2, março de 2022, imagens do autor

3.2 Caracterização da Quinta de Valflores

O objetivo principal destas Quintas de Recreio era oferecer aos proprietários o contacto direto com a natureza contrastante com a agitação do quotidiano da vida na cidade. Esta arquitetura, designada de "*vila"* no renascimento italiano, era organizada com o propósito de enaltecer a relação entre a obra, o utilizador e o mundo natural, expondo assim uma cultura humanista aplicada ao território.

A Quinta de Valflores engloba o "palácio", poços e aquedutos, zonas de cultivo e de sequeiro e integra-se na tipologia Quintas de Recreio, tipologia esta que após o século XVI se vai implantando ao redor da cidade de Lisboa. No vale de Loures foram reconhecidas diversas Quintas de Recreio da Nobreza Portuguesas que surgiram a partir desta época e que após o grande terramoto de 1755 foram aumentando o seu número. (Fernandes, 2016).

Toda a Quinta adapta-se à topografia da encosta orientada a Sul estruturada em socalcos e o "palácio" não é exceção (Pires e Duarte, 2013). Este encontrasse num socalco localizado a meio da propriedade com a fachada principal também ela orientada a Sul apresentado uma excelente exposição solar que auxiliava o cultivo.

A primeira experiência direta com a Quinta de Valflores decorreu a 24 de Outubro de 2021 acompanhada por Cristina Mendes (ADPAC) e por Raquel Silva[33]. Nesta visita foi possível percorrer toda a área da



Figura 38 Quinta de Valflores, 1963, SIPA/DGPC



Figura 39 Vestígios dos tanques (1 e 2), outubro de 2021, imagem do autor

[33] Chefe de unidade do património de museologia, Departamento de cultura e juventude, Divisão da Cultura.



Figura 40 Abóbada da escadaria adjacente à cozinha, outubro de 2021, imagem do autor



Figura 41 Pátio de entrada ladeado pelo palácio a sul, pela estrutura a norte e pela escadaria (1), ao fundo encontra-se o portar que distingue o espaço urbano do espaço rural, outubro de 2021, imagem do autor



Figura 42 Escadaria (3) em calcário, janeiro de 2022, imagem do autor

propriedade à exceção da casa "palácio" devido ao evento das obras de reabilitação e conservação do objeto.

Acedeu-se à propriedade a nascente através de um portão improvisado amarrado a muros já eles em estado de ruína junto à empena cega de um prédio habitacional. Após a entrada visualiza-se o alçado nascente do "palácio" quase orientado com o eixo de entrada.

Um caminho de terra batida guia-nos até ele e é possível observar, a norte, vestígios de dois tanques (1 e 2) que se encontram visíveis após a demolição de construções, não originais, efetuadas no contexto das obras de reabilitação e conservação da Quinta de Valflores. A Sul, um muro vai surgindo orientado com os tanques (1 e 2) e termina numa escadaria (2), adjacente ao anexo da cozinha do "palácio", coberta com uma abóbada já ela restaurada. Esta escadaria dá acesso ao piso intermédio e à cota do socalco inferior, cota esta que acede o piso térreo da casa "palácio".

De seguida, continuando o percurso, uma outra escadaria (1) conduz-nos ao que seria um pátio de entrada do "palácio", ladeado pelo edificado a sul, a norte por uma estrutura, que segundo as sondagens arqueológicas *"poderá ser uma construção anterior ao palácio"* e a poente por uma capela. Este espaço de oratório de planta quadrangular encontra-se gravemente danificado (Ramalho e Silva, 2019) e tem passagem direta para este pátio e para o interior da casa.

Entre a capela e a possível construção anterior à casa ergue-se um portal que distingue o espaço urbano do espaço rural. A transição destes espaços faz-se não só por este portal, mas também por uma escadaria (3) em calcário, descoberta pela arqueologia e que enunciam que o terreno terá sido planado.

Neste eixo horizontal: entrada da Quinta; terreiro de entrada; portal; escadaria (3). agrega-se o aqueduto (1) que limita a escadaria (3) a norte. Este elemento organiza-se paralelamente aos socalcos, revestido em cal e ornamentos geométricos. A ADPAC regista *"a presença das mesmas figuras geométricas nos motivos decorativos da abóbada do*

torreão principal do "Castelo Pirescoxe", propriedade vizinha à Quinta Vale de Flores, e os do seu aqueduto de cima de Vale de Flores"[34].

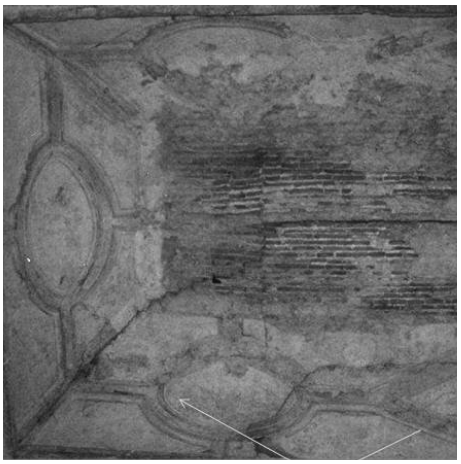
Este aqueduto (1) restaurado no âmbito das obras de requalificação em 2019 conta com cerca de 53 metros de comprimento com direção a poente e com 5 metros para sul, onde de encontra o seu primeiro e maior arco na cota do patamar inferior assim como o poço (1), com vestígios de uma nora, que se encontra junto à primeira coluna do arco. Em oposição ao estado atual, o aqueduto (1) encontrava-se no socalco que atualmente não existe, o que nos leva a acreditar que este elemento terá sido parcialmente enterrado e que estaria originalmente à cota do poço (1) adjacente.



Figura 43 Figuras geométricas do aqueduto e reentrâncias da suposta latada, outubro de 2021, imagem do autor

Foi descoberto pelas sondagens arqueológicas uma galeria subterrânea (figura 45), com cerca de 36 metros de comprimento e 1.6 metros de altura, que guiava a água deste aqueduto aos tanques (1e 2), referidos anteriormente, tanques estes de planta regular com capacidade para armazenar cerca de 11550 litros cada um.

As vistorias efetuadas até à data indicam que este eixo nascente-poente se prolongava-se até ao limite poente, rematado por um muro e terminando num portão que antes seria, possivelmente, este o portal de entrada principal da propriedade que fazia a ligação ao "palácio" através este percurso paralelo ao aqueduto. Para salientar que esta portão seria a entrada predominante, cada coluna do aqueduto apresenta uma reentrância que possivelmente seriam os encaixes para vigas em madeira constituindo uma latada (figura 43).



44 Motivos decorativos na abóboda de um torreão do Castelo de Pirescoxe. Disponível em: https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.198266963547632/2109417122801517

[34] "Palácio" de Vale de Flores Arqueologia da Arquitetura – Relatório Intercalar (fase 2)



Figura 45 Galeria que conduzia a água do aqueduto para os tanques (1 e 2), outubro de 2021, imagem do autor



Figura 46 Chegada da Ribeira à Quinta, janeiro de 2022, imagem do autor

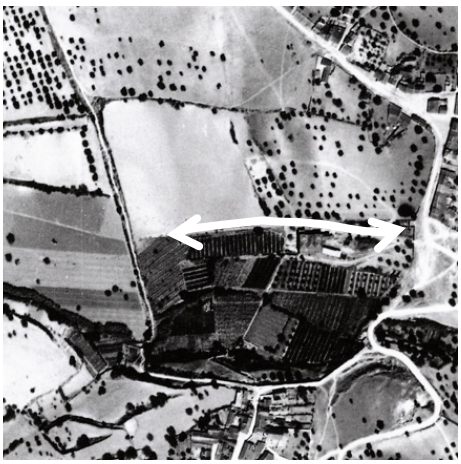


Figura 47 Foto aérea com eixo horizintal que distingue a zona de sequeiro da zona de cultivo e de pomar, 1944, Adaptado de SIPA

Localizado a norte destes elementos construídos encontra-se uma área com cerca de 2600 metros^2. Uma vez que os sistemas hidráulicos não abrangiam este espaço, era aqui que se praticava a cultura de sequeiro.

Já a outra metade sul da propriedade era destinada ao cultivo, apoiadas pelo aqueduto (1), e por um outro aqueduto (2) e um poço (2) de menor imponência com a orientação sul, norte, nascente, terminando num tanque (3), com aproximadamente 19950 litros de armazenamento, junto ao alçado principal da casa "palácio".

Nesta zona sul da propriedade existe ainda outro tanque de água (4) e um percurso de água, a ribeira de Valflores que era acompanhada pela entrada poente, hoje já não se encontra acessível com a construção da Autoestrada do Norte.

Devido à construção de tais obras foram destruídos dois dos três tanques de água localizados a Sul que serviam os últimos patamares. A ribeira necessitou de ser regularizada, foi necessário reformular parcialmente o seu percurso tanto dentro e fora da Quinta de Valflores. Hoje a ribeira percorre algumas distâncias em condutas de água, contudo, na propriedade a ribeira corre entre gabiões que foram construídos quando a sua regularização (Pacheco & Aguiar, 2016).

Valflores sendo uma Quinta que estabelecia o contacto direto entre os proprietários e a natureza era constituída também por diversos tipos de vegetação. A produção de vinho e azeite partia das vinhas e das oliveiras que existiam na propriedade e a elas somam pomar de espinho que corresponderá a laranjeiras e/ou limoeiros, pomar com árvores de caroço onde estão incluídas cerejeiras, pessegueiros, ameixoeiras e pomar com árvores de pevide como macieiras, pereiras, marmeleiros, porém toda esta estrutura verde primitiva foi perdida há muito tempo.

Classificada pela DGPC na categoria IIP-Imóvel de Interesse Público, Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47, de 26-02-1982 (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.), a Quinta Renascentista de Valflores de influência italiana *"é um exemplar raro de arquitetura civil do século XVI"* (Mateus, 2016) e encontra-se atualmente num processo de conservação e restauro.



Figura 48 Quinta de Valflores, SIPA

À escala do edificado, o "palácio" de Valflores implanta-se, numa encosta (Pires e Duarte, 2013) e ocupa uma área de implantação com cerca de 340 m^2. A casa "palácio" desenvolve-se numa planta quadrangular distribuída em três pisos, (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.) onde emergem elementos da casa nobre medieval como as torres, elementos clássicos e a simetria da planta. O piso térreo dedicava-se apenas a espaço de loja, e os pisos superiores à habitação (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.) como era habitual da época.



Figura 49 *Loggia* sem os arcos e com os merlões restaurados outubro de 2021, imagem do autor

O piso principal de cota superior, dedicado à habitação desenvolve-se em toda a extensão da casa. É composto pelo pátio de entrada onde restam estruturas murárias e por dois tanques de água que se encontram atualmente em restauro, cuja função original era armazenar água para uso doméstico e para alimentar animais, como os cavalos, quando os proprietários chegavam à Quinta. Este espaço dá acesso ao interior da casa pelo alçado norte, ou posterior marcado pelos dois torreões quadrangulares onde contiguamente se encontram a capela e o anexo da cozinha, à esquerda e à direita, respetivamente.

De todo o edifício destaca-se o elemento renascentista, a *loggia*, uma varanda, que permite a permeabilidade entre o interior da casa senhorial e a paisagem (Pires e Saraiva, 2016), constituída por dez arcos assentes sobre colunas toscanas apoiadas num peitoril e interrompidas nos dois arcos centrais, por guardas de ferro. Antes do desabamento da cobertura deste espaço existira um teto de feições mudéjares.



Figura 50 *Loggia*, anos 70, SIPA/DGPC.

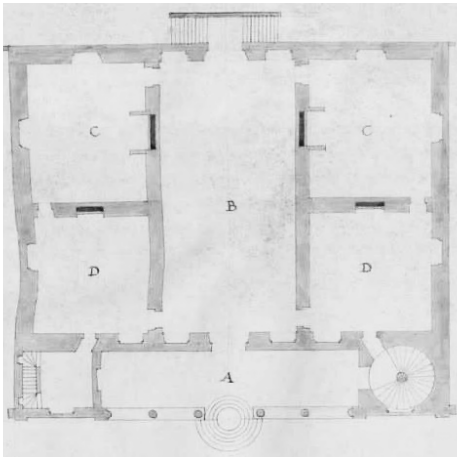


Figura 51 Planta. Delle Habitationi Fuori e Dentro delle Città, p.14

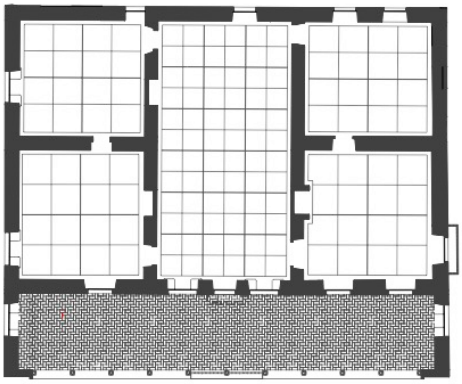


Figura 52 Planta da Quinta de Valflores, Adaptado, Pedro Pacheco

Este espaço percorre todo este piso nobre orientado a Sul. Já os alçados laterais, rematados por merlões, evidenciam as diferentes cotas das coberturas com telhados de duas, três e quadro águas acentuando deste modo a volumetria do objeto (DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d.).

O último piso habitacional está presente apenas nos dois torreões a norte, também eles de planta quadrangular e que confinam o corpo e a cobertura central do "palácio".

Por consequência da implantação numa encosta, embora mencione hábitos vernaculares, desenvolve-se um novo piso, o piso térreo que tem uma relação menos permeável com a paisagem (Pires e Saraiva, 2016) e que ao longo dos anos teria assumido diversas funções nas suas sete divisões: lagar de vinho; adega[35]; lagar de azeite[36]; armazém de azeite;

[35] Segundo Ana Ramalho, na 1ª visita à Quinta de Valflores, menciona que a adega onde se armazenavam os vinhos produzidos na quinta teria sido também um local de armazém de fruta durante o século XX e que na primeira metade do século XXI foi transformada em pocilga, o que acabou por agravar o mau estado do piso.

[36] Como se comprova pelo Livro da Décima, existia a produção de azeite, em meados do século XVIII (https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/258917797482548)

(https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/195976093776719)

"(...) e por baixo de parte desta propriedade tem sete casas térreas que servem de adega e lagar de vinhos e casa de recolher azeites com sete talhas enterradas na terra" [37].

Para o arquiteto José Aguiar a planta de Valflores segui princípios enunciados por Sebastiano Serlio já que é possível observar uma planta em *Delle Habitationi Fuori e Dentro delle Città* (Habitações Dentro e Fora das Cidades) (figura 51), bastante próxima do que é a planta do piso nobre do "palácio" de Valflores. As divisões principais têm a mesma organização espacial e a loggia encontra-se do lado oposto à entrada norte sendo que o que as distingue é a dimensão da loggia, que na planta de Serlio, esta tem apenas metade do comprimento do edifício ao contrário de Valflores que percorre todo o comprimento do alçado.

[37] Auto de vistoria de finais do século XVIII (https://www.facebook.com/QuintaDeValeDeFlores/photos/a.176614042379591/364696436904683)

4. Casos de Referência

Tratando-se de uma proposta de reabilitação, onde pré-existe construções com valor Histórico e Patrimonial, procura-se preservar a memória da Quinta mantendo os seus valores intrínsecos, para tal foi seguido um equilíbrio de harmonia e coerência entre o "antigo" e o "novo", o vernacular e o contemporâneo. Peter Zumthor descreve este equilíbrio no livro Thinking Architecture.

> *"Cada nova obra de arquitetura intervém em uma situação histórica específica. É essencial para a qualidade da intervenção que o novo edifício abarque qualidades que possam entrar em diálogo significativo com a situação existente."*[38]

Partiu-se de uma reflexão de nunca sobrepor qualquer construção nova à arquitetura e à paisagem existente, a fim de valorizar todos os elementos que compõem esta proposta sem entrarem em conflito.

Proporção, Materialidade e *Enquadramento de Vistas* são os valores que estão sempre presentes no projeto de arquitetura e que unificam o pré-existente, o novo e a paisagem, onde estes três órgãos atuam em uniformidade.

---

[38] Tradução livre: *"Every new work of architecture intervenes in a specific historical situation. It is essential to the quality of the intervention that the new building should embrace qualities that can enter into a meaningful dialogue with the existing situation"* ZUMTHOR, Peter, *Thinking Architecture* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1998), pp. 17, 18.



Figura 53 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos



Figura 54 Projeto de Valorização, Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, João Mendes Ribeiro



Figura 55 Silence Cloister in the Lorvão Monaster, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos

4.1 Proporção

Omitindo a existência de materialidade nos objetos e simplificando o seu desenho, a única relação que estes têm com o seu envolvente é a sua dimensão. Só assim é possível relacioná-los e compará-los com o envolvente.

Parte-se deste raciocínio para a conceção do desenho arquitetónico. A forma modelo presente neste projeto, caminha com a memória do lugar, com o propósito de manter clara as relações volumétricas entre o "antigo" e o "novo".

Estas relações estão fortemente presentes em diversas obras do arquiteto João Mendes Ribeiro, como a Intervenção na Herdade de Torre de Palma e na Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, no Silence Cloister, e na obra Casa Van Middelen-Dupont de Siza Vieira.

Estas obras foram essenciais para entender como deverá o novo edificado casar com o pré-existente transmitindo harmonia na relação volumétrica de ambos os construídos.



Figura 56 Maison van Middelem Dupont, Álvaro Siza Vieira, fotografia de Duccio Malagamba

4.2 *Materialidade*

A arquitetura é experienciada através das sensações que são criadas em cada ambiente, através do reflexo de luz nos diferentes materiais de cada superfície que a compõe, como apresenta Peter Zumthor no livro "*Atmosferas*" [39].

A materialidade das superfícies tem também o potencial de expressar de que forma a obra se pretende manifestar e relacionar com o seu envolvente.

Destacam-se novamente as obras da Intervenção na Herdade de Torre de Palma e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul do arquiteto João Mendes Ribeiro, onde através da cor e das texturas cria coerência entre o pré-existente e o contemporâneo, e o Teatro *Thalia* dos arquitetos Gonçalo Byrne e Barbas Lopes que gera uma harmonia de saturação entre o tom claro do revestimento do pré-existente com o a cor mais saturada do betão.



Figura 57 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos



Figura 58 Projeto de Valorização, Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, João Mendes Ribeiro



Figura 59 Teatro Thalia, Gonçalo Byrne Architects & Barbas Lopes Architects, 2008

[39] Peter Zumthor, Atmosferas (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006)

4.3 Enquadramento de Vistas



Figura 60 Villa le lac, Le Corbusier, fotografia de Storp Weber Architecture



Figura 61 Museu Iberê Camargo, Álvaro Siza Vieira, fotografia de Viaje Comigo

A paisagem privilegiada que a quinta, o vale e o rio nos oferece, possibilita uma reflexão profunda acerca dos enquadramentos de vista, onde se procurou estabelecer relações visuais e concisas com o lugar oferecendo ao utilizador diversas perspetivas enquadradas de casa elemento.

Le Corbusier, Siza Vieira, Adalberto Libera e Alvar Aalto são grandes nomes que valorizam e exploram a paisagem, enquadrando-a nas suas obras, como que se de um quadro vivo se tratasse. Estes enquadramentos podem surgir de diversas formas, a partir de um simples vão, rasgos ou interrupções no edifício, ou através de óculos como é exemplar observar nas obras de Siza Vieira.



Figura 63 Casa Malaparte, Adalberto Libera, fotografia disponível em www.pinterest.pt



Figura 62 Muuratsalo Experimental House, Alvar Aalto, fotografia disponível em: www.alvaraalto.fi

A somar a estes três valores associados à presente proposta, percebeu-se que é importante observar obras que apresentem e tratem os elementos, água e terra, como percursos.



Figura 64 Ssalk Institute Mist, Louis Kahn, fotografia de Leonid Furmansky

4.4 A Água

A água um elemento complexo que é capaz de expressar agitação quando corre fortemente, por exemplo, num percurso mais agitado acompanhada pelo seu som, ou então tem a capacidade de transmitir calma e serenidade quando em repouso, refletindo a luz, expressando uma imagem limpa e clara como.

No *Salk Institute*, o arquiteto Louis Kahn, concebe um percurso de água acessível ao utilizador do espaço, que o acompanha e o guia no seu trajeto, não apenas pelo olhar, mas também através som. Já Gonçalo Ribeiro Telles, nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, desenha espelhos de água de modo a trazer para perto do utlizado a cor da copa das árvores e o azul do céu para o pavimento escuro.



Figura 65 Fundação Calouste Gulbenkian, Gonçalo Ribeiro Telles, fotografia de Ricardo Oliveria Alves

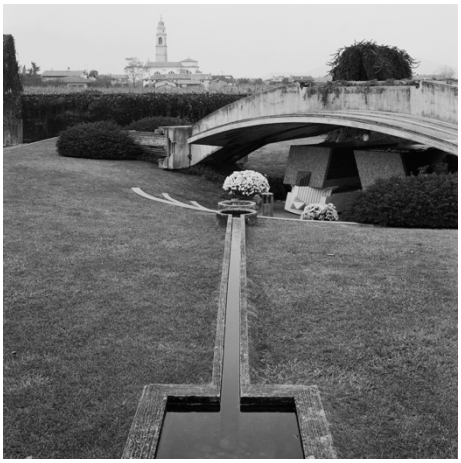


Figura 66 Tomba brion, Carlo Scarpa,fotografia de åke e:son lindman



Figura 67 Intervenção na Herdade de Torre de Palma, João Mendes Ribeiro, fotografia de o mal o menos



Figura 68 Farum Midtpunkt, Rambøll Architecture, disponivel em : https://landezine.com/farum-midtpunkt-byramboll-architecture-and-urban-development/



Figura 69 Zwicky Areal,Schneider Studer Primas, fotografia de Andrea Helbling



Figura 70 MAXXI Museum, Zahad Hadid, fotografia do autor

4.5 A Terra

Talvez o mais extraordinário que a terra beneficia seja as múltiplas formas visuais que possa assumir. Na verdade, visualmente, a terra é sempre igual, os seus "revestimentos" é que têm a capacidade de variar consoante a estação e o clima a que está presente.

Ao assumirmos o conceito "terra" de percursos por onde podemos caminhar, estes podem despertar em nós diferentes sensações dependendo da dimensão, da forma e até da cor.

Prestou-se atenção ao percurso da obra Farum Midpunkt, onde a vegetação é capaz de penetrar a malha metalizada do percurso dissolvendo-se na envolvente, e as obras Zwicky Areal e MAXXI Museum pelas escadarias que se envolvem entre sim que ascendem ao local de destino.

5. Centro Cultural de Valflores

5.1 O programa

Com a necessidade de reabilitação da Quinta de Valflores[40] propõe-se um programa cujo propósito procura responder às carências de espaços reclamados pela comunidade após uma análise socio-etnológica trazendo de volta o caráter do lugar, o *Genius Loci.*

De forma a questionar quais as carências de espaços da população optou-se por se realizar formulários online que foram publicados por sua vez em diversas plataformas sociais a fim de chegar ao maior número de pessoas possível. No terreno, durante as visitas à Quinta e à vila, tivemos a oportunidade de comunicar pessoalmente com alguns habitantes, na sua generalidade idosos, onde se pôde contactar com algumas estórias que outrora a vila e a Quinta de Valflores viveram. Durante estes registos percebeu-se que a carência de espaços não era o único fator menos positivo à vila, mas também a dificuldade que a comunidade sentia para se deslocar a pé no seu quotidiano, particularmente entre as margens das estradas IC2 e A1.

As associações e instituições locais, por reunirem um número de pessoas mais abrangente, tornaram-se também parte integrante do programa através dos respetivos formulários e de pequenas conversas sobre a temática. Fizeram parte destas conversas associações como o GREEN, a Divisão da Cultura, a CML, a ADPAC e instituições de ensino como a EB 2,3.

[40] As obras de conservação e restauro da Quinta de Valflores iniciaram-se em 2018 e à data deste documento a propriedade encontra-se ainda em processo de recuperação, deste modo assumiu-se para esta proposta de intervenção que a Quinta, em especial a casa "palácio" se encontram conservadas e restauradas.

Após os registos da pesquisa anterior, conclui-se os espaços que a comunidade atual mais sente que valorizariam a vila, fazem parte deles: espaços de lazer como jardins e espaços infantis; espaços de cultura como zonas expositivas, biblioteca, auditórios, espaços de trabalho e co-working; áreas ligadas ao ambiente como um observatório e zonas de horta; superfícies de saúde; espaços para albergar associações locais.

Já no que diz respeito à escala urbana, a comunidade identificou também as zonas da vila de Santa Iria de Azóia que entendiam que têm mais interesse e importância, onde se destacam as instalações de ensino, seguidas do parque urbano de Santa Iria de Azóia e de Via Rara e de monumentos como o castelo de Pirescoxe e as igrejas, reforçando que a falta de acessos pedonais qualificados entre estas zonas é um grande obstáculo no quotidiano da comunidade.

Sendo a Quinta de Valflores uma Quinta de Recreio que originalmente aproximava o seu proprietário à natureza através de espaços agrícolas, da água e da paisagem, sempre relacionadas com o lazer, em conformidade com a análise socio-etnológica concordou-se que os principais e novos espaços da propriedade assentam, principalmente, nos temas; natureza, lazer e cultura.

Assim o programa desta proposta de reabilitação da Quinta de Valflores é constituído por pomares e hortas como existiu no passado, zonas de lazer como jardins, percursos informais que nos guiam a áreas de contemplação da paisagem e como era habitual das Quintas de Recreio, uma casa de fresco que resultará em uma casa de chá. Na área da cultura encontram-se espaços expositivos, um auditório, zonas de trabalho e ainda pequenas áreas com a função de albergar pequenas associações locais.

Com o propósito de reintegrar a propriedade na vila, os acessos ao objeto foram redefinidos, mantem-se a entrada atual como entrada principal da Quinta e procedeu-se à criação de uma nova chegada e à reativação de outras que foram eliminadas com a construção das vias rodoviárias. Estes acessos amarram a quinta à vila que por sua vez estão ligados a uma nova estrutura pedonal que une as diferentes margens da

vila e os locais de maior importância destacados pela comunidade. Esta estrutura desenvolve-se através de dois eixos estruturantes, o eixo Norte, Sul que se inicia a Norte, passa pela Quinta dos Monjões, em estado de ruína, de seguida atravessa a A1 e vai ao encontro da entrada principal da Quinta de Valflores. Segue para sul onde encontra a margem oposta ao objeto em estudo, por sua vez percorre a Quinta das Amoreiras e a igreja, espaços de ensino, de desporto e por fim o Castelo de Pirescoxe. O eixo Este, Oeste inicia-se no parque urbano de Santa Iria de Azóia e vai ao encontro da ribeira de Valflores, é na propriedade que os dois eixos estruturantes se intersetam, segue para Este unindo as zonas de hortas existentes até chegar ao rio Tejo. Em complemento é proposto eixos secundários que unificam os acessos e conectam os restantes espaços da vila.

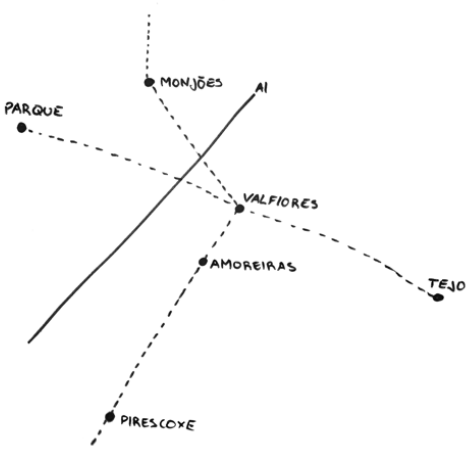


Figura 71 Esquema dos eixos estruturantes, 2022, desenho do autor

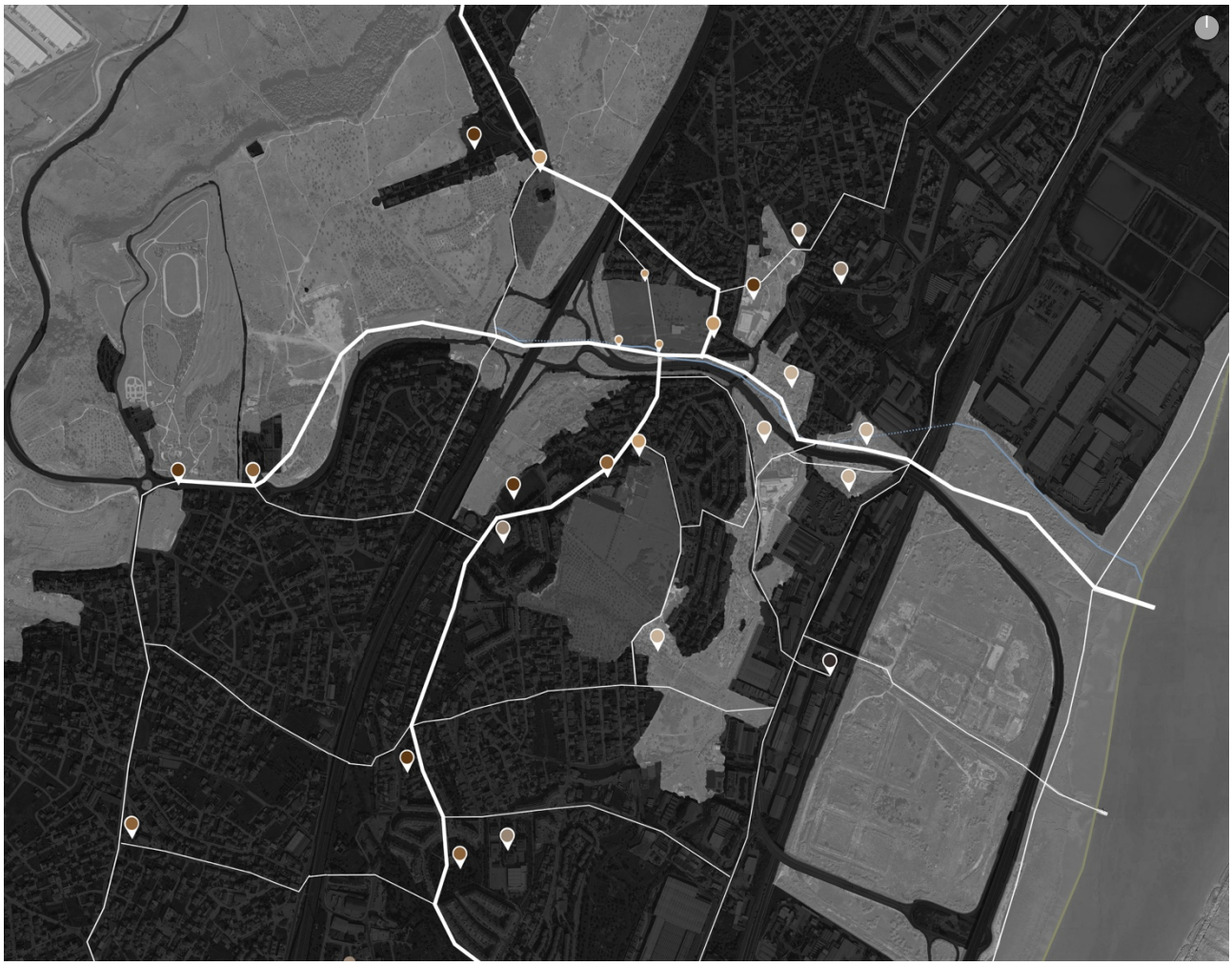


Figura 72 Fotografia aérea, Locais de interesse da comunidade e proposta dos percursos pedonais, 2022, Adaptado Google Earth

● Estação de Comboio. ● Desporto/Jardim. ● Ed. Histórico. ● Ensino. ● Quintas. ● Hortas

Eixos principais — Eixos secundários — Ribeira — Margem do Tejo



Figura 73 Foto aérea, entradas propostas da Quinta de Valflores, a sul as entradas reestabelecidas, a nascente a entrada principal e a norte o novo acesso no lote não construído, 2022, Adaptado Google Earth



Figura 74 Entrada Norte no lote não construído, janeiro de 2021, imagem do autor



Figura 75 Entrada Sudoeste juntos a tanques de água da vila para lavagem de roupas, março de 2022, imagem do autor

5.2 A Arquitetura

A propriedade atualmente desenvolve-se segundo o eixo horizontal (entrada da Quinta; terreiro de entrada; aqueduto) e este foi a principal premissa para conceber a forma da proposta. Por sua vez, era necessário existirem mais entradas ao interior da Quinta de Valflores, duas delas são reativados e encontra-se na zona Sul e Sudoeste da propriedade junto ao IC2. Por fim são estabelecidas duas novas entradas, uma delas no lado norte (figura 74), na Rua Pedro Soares, no único lote que não é construído, e outra a sudeste junto a tanques de água da vila (figura 75), estas entradas permitem que o acesso ao interior da Quinta seja facilitado onde quer que estejamos.

O poço (1), término do eixo horizontal pré-existente (figura 47), torna-se no elemento de charneira para conceção de um novo eixo vertical. Este alinhamento, Sul, Norte, albergará parte do novo edificado e casa o fim do percurso horizontal à nova entrada Norte. Assim o percurso predominante da propriedade desenvolvesse em *L:* Nascente, Poente, Norte (figura 77).

Com o princípio de que o novo edificado não se sobrevalorizaria visualmente ao pré-existente, estes foram concebidos constante a proporção da casa "palácio" que é desenhado em terços. Por consequência, surgem três edifícios que apesar de serem parcialmente subterrados, o seu exterior encontra-se em harmonia com as proporções da casa "palácio" (figura 46). Nascem assim os edifícios Sul, Centro e Norte e ainda uma torre miradouro como referência aos torreões do "palácio".



Figura 76 Diagrama de conceção do novo edificado, 2021, diagrama do autor

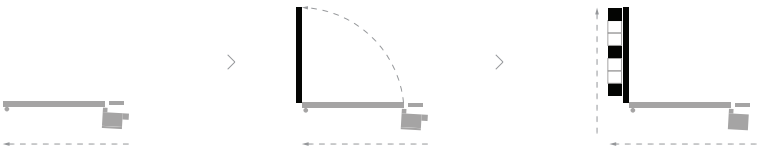


Figura 77 Diagrama do eixo sul norte, 2021, diagrama do autor

Este novo eixo edificado alberga os espaços que obrigam as áreas mais amplas assim como a instalação de infraestruturas necessárias ao século XXI. Assim o edifício Sul (figura 78) destina-se ao auditório, com capacidade para 134 lugares sentados, e a todos os espaços que a ele são necessários para o seu funcionamento como, o átrio exterior que referencia o maior arco do aqueduto (1) através do seu teto em abóbada de berço, o átrio interior, o bengaleiro, as instalações sanitárias, os espaços técnicos e o camarim. Este edifício conta ainda com dois pequenos jardins que auxiliam a ventilação natural, onde um deles é moldado às dimensões do poço (1), de charneira do novo eixo.

O edifício Centro (figura 81), acede-se pelo elevador ou pela escadaria exterior e sobrepõe o edifício anterior, alberga os espaços de trabalho e co-working, fazendo parte dele uma sala de reuniões, instalações sanitárias e espaços técnicos. Existe novamente referência ao poço (1), neste caso o elemento é modelo de um poço de luz que atravessa este edifício e termina sobe o palco do auditório permitindo também a ventilação natural desta área. Por fim o edifício Norte (figuras 79 e 80) procura abrigar pequenas associações locais e é composto por dois pisos dos quais fazem parte duas salas cada um que têm a particularidade de se ampliarem através de painéis de correr. Em ambos os pisos é possível aceder à torre que nos guia a uma plataforma que contempla a paisagem.

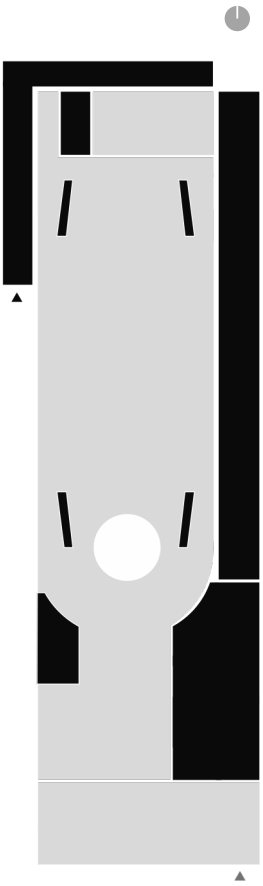


Figura 78 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Sul
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

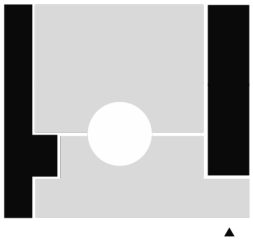


Figura 81 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Centro
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

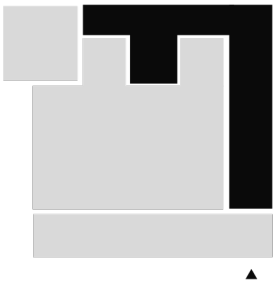


Figura 79 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Norte, piso 1
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

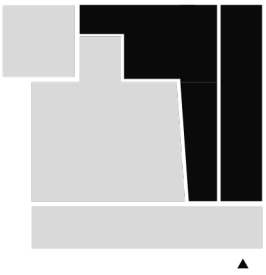


Figura 80 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Edifício Norte, piso 2
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

De modo a não perturbar visualmente o pré-existente, este encontra-se singular acompanhado apenas por um edifício adjacente de apoio, subterrado (figura 82). Este espaço gera um corredor exterior posterior ao aqueduto (1) e aos tanques (1 e 2), um corredor técnico, já que o edifício se destina a espaços que complementem o "palácio", com instalações sanitária e espaços técnicos e realiza ainda o acesso à cota da zona de sequeiro onde se descobrem caminhos informais ao longo da propriedade com pequenas plataformas que emergem do solo para contemplar a paisagem.

O edifício anexo à casa, que possivelmente existiria anteriormente ao "palácio", mantem a sua ruína e sobe ela resultam paredes que terminam numa cobertura de duas águas que não confronta com as diversas coberturas do "palácio", ladeadas por merlões. Este anexo alberga a receção da propriedade, já o "palácio" mantém-se virgem sem quaisquer infraestruturas pala além da rede elétrica, e acolhe no seu piso principal o mais importante espaço expositivo da Quinta de Valflores e a loja no espaço da cozinha, por ser uma área que se liga diretamente ao interior da casa e em simultâneo pode tornar-se independente da mesma. Os pisos intermédio e inferior destinam se a espaço museológico da Quinta de Valflores.

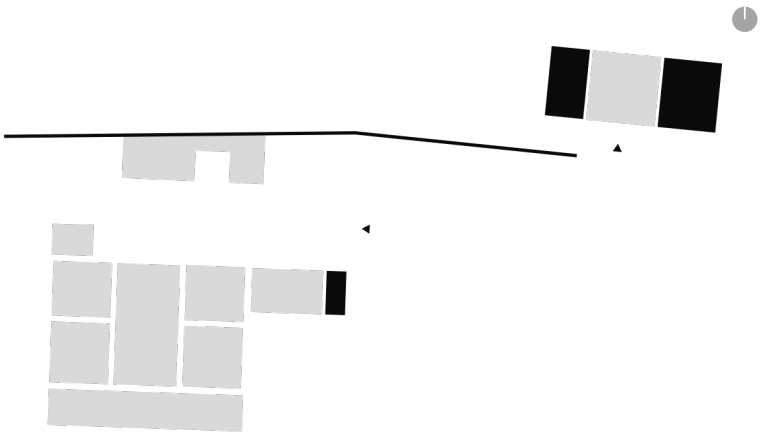


Figura 82 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, "Palácio", Edifício anexo e Edifício complementar
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

A Sul da propriedade localiza-se mais um edifício dissimulado na envolvente (figuras 84 e 85). Este tem uma relação direta com a ribeira de Valflores, com o aqueduto (2) que será reformulado e com o tanque de água (4), não fosse este o elemento que ditasse a sua proporção. Por se encontrar numa área mais discreta e próxima da água, este espaço destina se à casa de chá apoiado por uma área expositiva e por instalações sanitárias. Uma pequena percentagem dele é exterior e o restante penetra no solo, por baixo do IC2 e conecta a Quinta de Valflores à margem oposta, através de um elevador, na rua onde existira anteriormente um acesso à quinta a partir da igreja de Santa Iria de Azóia (anexo, figura 104). À semelhança do poço de luz do edifício Centro este troço subterrâneo é composto também por um poço de luz que emerge à superfície entre o IC2 e uma pequena via paralela de modo a permitir a ventilação natural do ambiente.



Figura 83 Tanque de água (4), aqueduto (2) e IC2, janeiro de 2022, imagem do autor

Assume-se assim que existem três grupos de edifícios: o novo eixo; a casa de chá; e a casa "palácio" com os espaços complementares.

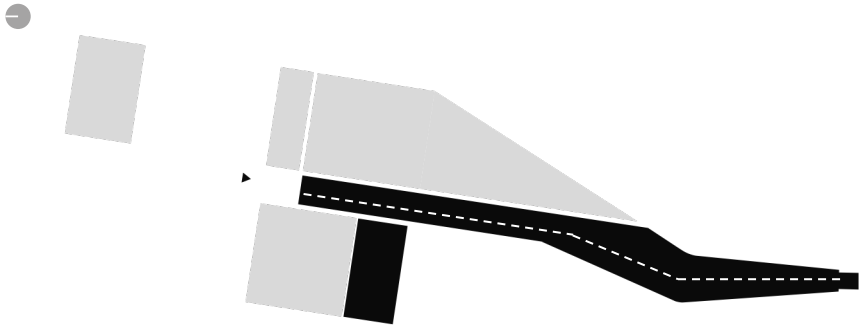


Figura 84 Diagrama em planta dos espaços servidos e servidores, Casa de Chá
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores

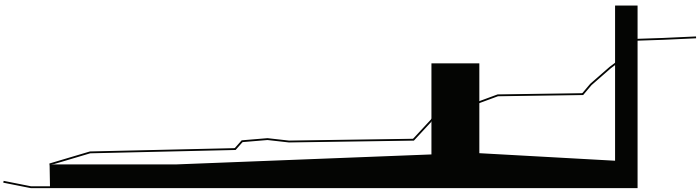


Figura 85 Diagrama em corte dos espaços servidos e servidores, Casa de Chá
Mancha cinzenta: Espaços servidos; Mancha negra: Espaços servidores



Figura 86 Alçado Poente do "palácio", janeiro de 2022, imagem do autor

Apesar da envolvente da Quinta de Valflores ter sido marcada pela construção de infraestruturas ao longo das últimas décadas, a paisagem edificada confronta-se com a paisagem natural que ainda é possível identificar na propriedade e no território.

Com o propósito de intensificar a paisagem natural da Quinta de Valflores explorou-se três estratégias para a organização da vegetação. A primeira recorre às origens do terreno reimplementado a Sul, adjacente à casa de Chá e ao aqueduto (2), zonas de pomar e de hortas que complementam as hortas existentes exteriores à quinta e que servem a comunidade.

Como a Quinta da Bacalhoa, diversas quintas desta época eram compostas por um jardim formal junto à casa senhorial. Ao que se tem conhecimento, Valflores não usufruía desta especificidade, ainda assim segundo a ADPAC numa entrevista ao último rendeiro de Quinta Valflores[41], chegou à conclusão que a área mais propícia a enquadrar um jardim formal em Valflores seria a zona imediatamente a Sul do aqueduto (1), ou seja, o patamar entre o poço (1) e o alçado Poente da casa "palácio" (figura 86) por ser à área da quinta com as características mais próximas de um jardim formal, ou seja, um espaço plano junto ao palácio que por sua vez, neste caso, faria a transição da área rural à área agrícola juntamente com o percurso da latada e do aqueduto (1) *"(...) faz sentido que aquela zona tivesse alguma utilização lúdica, uma vez que parecia que haveria uma convergência para aquele espaço (...)"*[42] Assim sendo, é integrado um jardim formar nesta área complementado com plataformas à dimensão dos torreões onde é possível observar todo o território da quinta.

[41] A ADPAC realizou a 18 de novembro de 2008 uma entrevista a Alfredo, último rendeiro da Quinta de Valflores e a seu filho.

[42] Filho do rendeiro Alfredo na entrevista conduzida pela ADPAC.

Por fim, a terceira estratégia não tem apenas como objetivo fortalecer a paisagem natural integrando o objeto no corredor ecológico de Loures, mas também desenvolver uma margem entre os grandes eixos rodoviários e o objeto como obstáculo à poluição sonora. Percebeu-se que a proximidade entre a quinta e a A1 e o IC2 é relativamente pequena, o que em termos visuais e sonoros gerava um conflito entre o ambiente agitado que existia e o ambiente sereno que se tenciona agregar à proposta. Assim compreende-se nos limites Poente e Sul, adjacentes à A1 e IC2, respetivamente, uma área destinada a plantação de vegetação arbórea que distancia o espaço brando da propriedade da agitação das vias rodoviárias. Esta arborização ao estar próxima dos novos edificados, envolve-os na sua vegetação concebendo uma harmonia de cores no objeto.



Figura 87 Paisagem da Quinta de Valflores na zona de sequeiro, à cota do aqueduto (1), outubro de 2021, imagem do autor

De facto, toda a propriedade desenvolve-se numa encosta, o que potencia a amplitude da paisagem que oferece o que leva a que existam espaços destinados à contemplação da mesma.

A torre miradouro, que se encontra contígua ao edifício Norte é composta por uma escadaria que termina numa plataforma a cerca de 12 metros do solo. As paredes que estruturam este percurso vertical são compostas de vãos desenhados especificamente em locais que enquadram a paisagem, seja ela da casa "palácio", do céu, do rio Tejo ou da restante propriedade.



Figura 88 Paisagem da Quinta de Valflores na zona de sequeiro, à cota da cobertura do "palácio", outubro de 2021, imagem do autor

À medida que caminhamos nos percursos informais que percorrem a Quinta de Valflores desde a zona de sequeiro, ao novo eixo edificado, até zona de pomares e hortas deparamo-nos como pequenas plataformas, localizadas a Norte da propriedade, que surgem no solo onde é possível parar e contemplar a paisagem que a encosta e o rio Tejo oferecem. Já na zona Sul da propriedade existem percursos que enquadram o som da água, como é o caso dos percursos que unem a casa de chá ao novo eixo construído e à casa "palácio", através do som da água que corre na ribeira de Valflores e no aqueduto (2), que é reabilitado e reativado através de uma longa viga em aço que desenha uma linha de água à cota original, terminando no tanque (4). Todos os tanques de água da Quinta de Valflores são também eles reativados,

com o propósito de espelhar a paisagem e de armazenarem as águas pluviais para manutenção dos espaços.

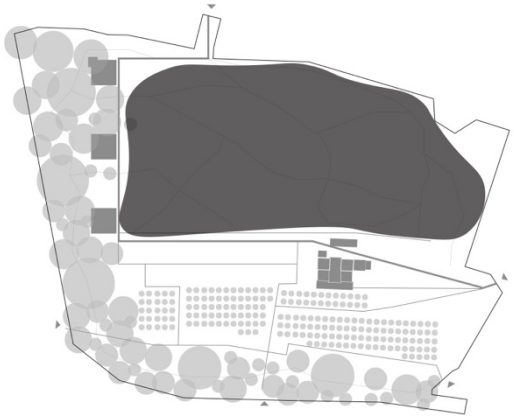


Figura 94 Diagrama do território da propriedade, zona de sequeiro, Diagrama do autor

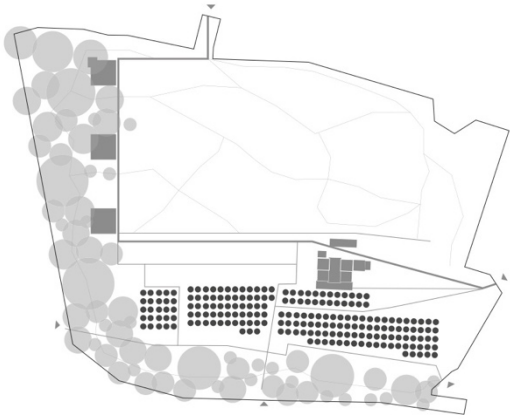


Figura 92 Diagrama do território da propriedade, zona de pomar, Diagrama do autor

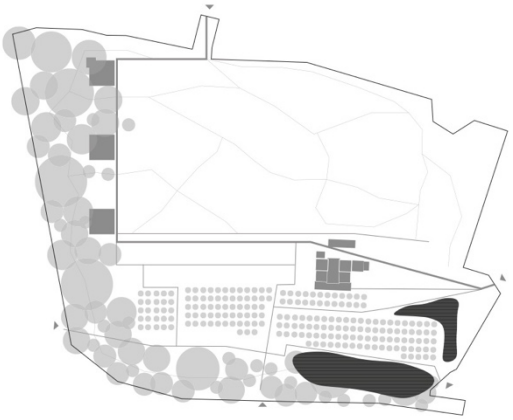


Figura 89 Diagrama do território da propriedade, zona de hortas, Diagrama do autor

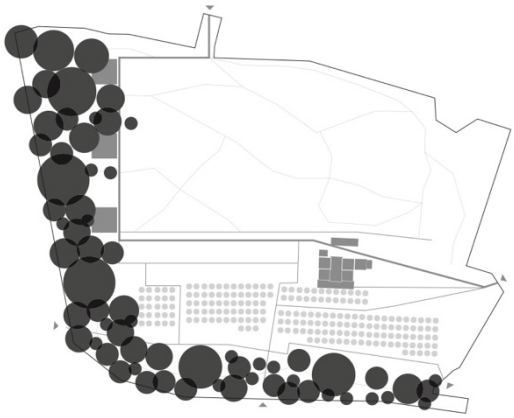


Figura 91 Diagrama do território da propriedade, zona arbórea, Diagrama do autor

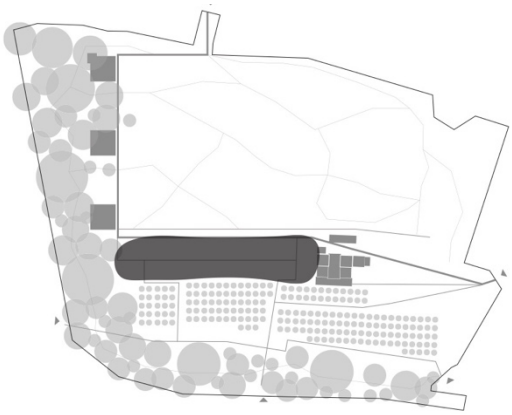


Figura 93 Diagrama do território da propriedade, Jardim Formal e espaço infantil, Diagrama do autor

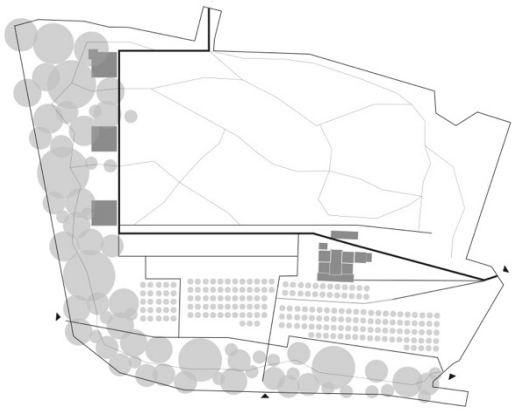


Figura 90 Diagrama do território da propriedade, acessos e percursos, Diagrama do autor

Dependendo da estação do ano, a Quinta de Valflores e o restante território têm a capacidade de assumir tonalidades distintas. Naturalmente que nas estações mais húmidas a cor predominante do objeto é o verde, presente na vegetação à cota do solo e na vegetação mais alta localizadas na zona Sul, contudo na área de sequeiro as cores terrosas continuam a apresentar-se em destaque. Já nas estações secas, os tons terrosos de toda a propriedade entram em conformidade com a tonalidade do edificado e dos elementos que o compõem, principalmente com os muros e com os aquedutos, devido aos materiais e às suas nuances em que são construídos.

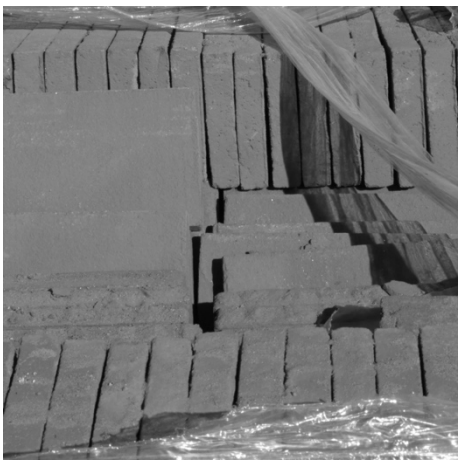


Figura 95 Tijolo maciço vermelho, outubro 2021, imagem do autor

Assim, para além do edificado estar em conformidade com o pré-existente através da proporção estará também em harmonia através das cores e dos materiais utilizados.

Exteriormente para a construção dos edifícios optou-se por utilizar, à semelhança da pedra, aquela que é considerada a "pedra artificial", o betão, que será exposto exibindo a textura das cofragens em madeira e pigmentado com tons terrosos indo em busca da cor predominante do edificado pré-existente. Este material é utilizado também em alguns dos pavimentos exteriores, como é o caso da nova escadaria e da rampa de entrada da quinta que nos guia ao "palácio", nas plataformas de contemplação da paisagem na área de sequeiro e no pavimento do jardim formal a Sul do aqueduto (1).

Ainda no exterior é utilizado o mesmo material que constrói o esqueleto dos tanques de água (1 e 2), das aduelas dos vãos do "palácio" e dos arcos do aqueduto, o tijolo maciço vermelho. Está presente no pavimento do novo eixo construído que une o poço (1) e o aqueduto (1) à entrada norte.

Os pisos dos caminhos informais são constituídos por uma malha metálica que permite que o percurso se dissimule com o solo, permitindo que as tonalidades deste se transfiram para o pavimento por onde caminhamos.



Figura 96 Gabiões da ribeira de Valflores, Aqueduto (2) e IC2, janeiro de 2022, imagem do autor

Já o que diz respeito ao interior dos espaços, os materiais brutos que servem o exterior cruzam-se com materiais quentes e macios. A madeira e os revestimentos com tonalidades claras acompanhados pelo ocre são visíveis em todos os ambientes.

A cada grupo de edifícios corresponde uma nova área de maior importância e destacam-se no novo eixo, na casa de chá e nos espaços complementares do "palácio", o auditório, a área da casa de chá e a receção, respetivamente. Estes ambientes espelham a textura do exterior para o interior através dos revestimentos de madeira. Os restantes ambientes interiores apesar de terem expostos este material e a sua textura são maioritariamente revestidos com tons claros que transmitem amplitude aos espaços.

6. Considerações Finais

Existe a necessidade de preservar o património de modo a evitar a sua degradação, por consequência do seu abandono, reinserindo-o no quotidiano da cidade, que tem como motor essencial as pessoas que nela habitam. Torna-se assim importante que as suas necessidades sejam levadas em consideração para que qualquer planeamento urbano e arquitetónico seja útil à cidade.

A atual proposta de reabilitação do património edificado não abrange apenas a regeneração da casa "palácio" de Valflores, uma vez que se teve em consideração que as obras de conservação e restauro estivessem concluídas. Este projeto abre o património à comunidade com um conjunto de soluções que adaptam toda a propriedade às necessidades do século XXI e em especial à carência de espaços identificados pela comunidade da Vila de Santa Iria de Azóia. Estes novos usos e vivências melhoram a habitabilidade da Quinta de Valflores e em simultâneo devolvem-lhe as lembranças de tradições perdidas.

Em análise das entrevistas e das conversas com a população e com as associações locais, o projeto ganhou amplitude e estendeu-se para além dos limites da quinta carregando com ele novos objetivos a alcançar no projeto. Desenvolveu-se, em conjunto com a Quinta de Valflores, uma proposta urbana que unifica o tecido urbano de Santa Iria de Azóia, assim a presente proposta faz a colmatação da Quinta de Valflores com o corredor ecológico de Loures e com a restante vila, possibilitando os atravessamentos pedonais entre as margens da A1 e do IC2.

De facto, as necessidades da população estão em constante mudança por conta da evolução, contudo a proposta salienta o protagonismo da comunidade e apesar de ser uma possível solução de intervenção da Quinta de Valflores destaca-se pelos valores sempre presentes ao longo do trabalho: *Proporção; Materialidade; Enquadramento de Vistas,* contribuindo para a valorização do património como elemento vinculativo da comunidade.

Referências Bibliográficas

Monografias

Ackerman, J. S. (1990). *The Villa: Form and Ideology of Country Houses*. 1st edn. Washington, DC: Thames & Hudson.

Aguiar, J., (2014). *Reabilitação ou Fraude*. s.l.:Imprensa Nacional/DGPC.

Aguiar, J., (2018). Sebentas da Conservação do Restauro e da Reabilitação. Lisboa: s.n.

Aguiar, J.& Pinho, A. (2005) *Reabilitação em Portugal: A mentira denunciada pela verdade dos números.* Arquitecturas, nº5, Outubro. Lisboa

Azevedo, C. d., (1988). *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da casa nobre*. 2a edição 1988 ed. S.l: Livros Horizonte

Baptista, J. M., (1876). *Chorographia Moderna do Reino de Portugal.* Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. [online]. Disponível em: https://archive.org/details/chorographiamod02baptgoog/page/814/mode/2up [Acedido: janeiro 2022]

Braga, T., (2007). *Pedestrianismo e Percursos Pedestres*, Açores:

CCDR LVT, (2018). Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo.

Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, (2003). *Recomendações para a Análise, Conservação e Restauro Estrutural do Património Arquitectónico*. Zimbabué: Victoria Falls.

Choay, F. (1992). *Alegoria do Património*. Edições 70. Lisboa.

Degryse, I., (2018). *Reclaming an Architecture Heritage: Rehabilitation of a neglected fortress*. Tampere University of Technology ed. s.l.:Master Thesis in Architecture.

Cortes, M., (2004). Avaliação do Nível de Dificuldade da Trilha Interpretativa da RPPN Ecoparque de UNA a Partir de Aspectos Físicos, Biológicos e de Parâmetros de Esforço Físico dos Visitantes. Ilhéus. Universidade Estadual de Santa Cruz.

Houaiss, A., Salles-Villar, M. d. & Franco, F. M. M., 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomos I a VI*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Lourenço, P., (2004). *Reabilitação de Construções Antigas*. Universidade do Minho: Departamento de Engenharia Civil.

Magalhães, F., Strecht, P. & Corujo, T., (2007). *Oportunidades de Intervenção na Cidade Extensiva. Actas do Seminário de Estudos Urbanos - Vazios Úteis.* Lisboa: ISCTE.

Mesquita, M. D., (1992). *História da Arquitectura, Uma proposta de investigação – O Palácio dos Marqueses de Fronteira como Situação Exemplar da Arquitectura Residencial Erudita em Portugal* - Tese de Doutoramento em História da Arquitectura. Lisboa. FAUTL.

Mateus, J., (2007). *Vazios Urbanos*. s.l.:s.n.

Mateus, L., (2016). A Villa Renascentista Arquitetura, Jardins e Paisagem, Visão pluridisciplinar dos Espaços e Vivências da Quinta de Recreio de Conceção Renascentista. s.l.: Caleidoscópio.

Jorge, P. F., (2007). *Vazios Úteis-Cerzir a Cidade*. s.l., Institudo Polotécnico de Leiria.

Pires, A. G., (2013). *A Quinta de Recreio em Portugal*. Lisboa: Caleidoscópio.

Pires, A. G., (2016). A Villa Renascentista: Arquitetura, Jardim e Paisagem: Visão Pluridisciplinar dos Espaços e Vivências da Quinta de Recreio de Conceção Renascentista. 1a edição ed. Lisboa: Caleideoscópio.

Pacheco, P. e Aguiar, J. (2016). Projecto de consolidação estrutural, restauro e consolidação de elementos. Loures: CM Loures.

Ramalho, M. e Silva, A. R., (2019). "Palácio" de Vale de Flores: Arqueologia da Arquitetura - Relatório Intercalar (Fase 2). Loures: CM Loures.

Viñas, S., (2005). *Contemporary Theory of Conservation*. 1 ed. Oxford: Elsevier Ltd.

Rubió, I. d. S.-M., (1995). *Terrain Vague*. Barcelona: s.n. Tomé, M., (1998). Património e Restauro Em Portugal: 1920-1995. Porto: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto.

Zumthor, P. (2006) *Atmosferas*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona.

Teses e Provas Académicas

Amendoeira, H. T. C., (2012). *Restauro e Reabilitação do Património Edificado do Século XX Português*. *O Caso do Concelho de Almada*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: FAUTL.

Borges, V. A. F., (2019). *Arqueologia da Arquitetura para uma Reabilitação Informada - A análise estratigráfica como método de estudo aplicado à Reabilitação do Património Arquitectónico: o caso da Quinta de Valflores* - Dissertação de Mestrado. Lisboa: FAUTL. [online]. Disponível em: https://www.academia.edu/42997513/Arqueologia_da_Arquitectura_para_uma_Reabilitação_Informada_A_análise_estratigráfica_como_método_de_estudo_aplicado_à_Reabilitação_do_Património_Arquitectónico_o_caso_da_Quinta_de_Valflores [Acedido: Novembro 2022]

Carvalhal, M. A. C. T. d., (2010). Arquitectura e Revolução - Debates sobre o papel social e cultural do arquitecto no último século - Dissertação de Mestrado, Coimbra: FCTUC.

Ferreita, F., (2011). *Percursos, Território e Património: o caso de Vila Nova de Gaia* - Dissertação de Mestrado, Porto. FLUP. [online]. Disponível em: https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/57430/2/TESEMESFABIOFERRERA000148513.pdf [Acedido: Novembro 2022]

Fernandes, I., (2016). *Do território da Quinta de Recreio ao Vale de Loures. In A Villa Renascentista: Arquitectura, jardins e Paisagem*. Cord. Amílcar Pires. Lisboa: Caleidoscópio.

Morgado, C. S., (2005). Protagonismo de la Ausencia – Interpretación Urbanística de la Formación Metropolitana de Lisboa desde lo desocupado- Dissertação de Doutoramento. Barcelona: UPC.

Vitorino, B. M. R. (2019). A Quinta de Recreio como Suporte da Reabilitação em Património - Intervenção na Quinta das Glicínias em Évora para Escola de Hotelaria e Turismo. Projeto Final para a Obtenção do Grau Mestre em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura. Universidade de Lisboa. [online]. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/21819 [Acedido: janeiro 2022]

Entrevistas

Ohtak, R., (2018). Arquiteto e urbanista usa a arte para resolver problemas urbanos [Entrevista] (06 agosto 2018).

Rossi, P., (2019). *O papel social da arquitetura* [Entrevista] (maio 2019).

Revistas e Artigos

Morgado, C.S., (2002). *Vazio* in Jornal Arquitectos-América: contemplação, lazer, trabalho, cidade. No206. Maio/Junho 2002.

Bicca, P., (2017). *Arquiteturas do Vazio*. [Online] Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6432 [Acedido em Janeiro 2022].

Documentos Eletrónicos

DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d. *Palácio da Quinta das Torres*. [Online] Disponível em: http://patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-declassificacao/geral/view/74293 [Acedido em dezembro 2021].

DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d. *Palácio e Quinta da Bacalhoa*. [Online] Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado- ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70212/ [Acedido em dezembro 2021].

DGPC – Direção Geral do Património Cultural, s.d. *Quinta de Valflores*. [Online] Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado- ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73231 [Acedido em Dezembro 2021].

Várzea de Loures/Vialonga. [Online] Disponível em: http://www.ccdr-lvt.pt/pt/varzea-de-loures-vialonga- /10033.htm [Acedido em dezembro 2021].

Centro Nacional de Cultura, (2015). *Palácio Valflores entre os 14 monumentos mais ameaçados na Europa*. [Online] Disponível em: https://www.cnc.pt/palacio-valflores-entre-os-14-monumentos-mais-ameacados-na- europa/ [Acedido em Dezembro 2021].

CM Loures, (2002). *Plano para a Região – Rede ecológica Metrolopitana*. [Online] Disponível em: https://www.cm-loures.pt/AtlasConteudo.aspx?DisplayId=1101 [Acedido em Janeiro 2022].

Freguesia de Azeitão, s.d. *Património cultural e edificado*. [Online] Disponível em: https://www.jfregazeitao.com/patrimonio-cultural-e-edificado/ [Acedido em Janeiro 2022].

INE – Instituto Nacional de Estatística, (1900). *Censo da População do Reino de Portugal no 1o de Dezembro de 1890*. [Online] Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=7243557 [Acedido em janiero 2022].

Lévesque, L., (2002). *The 'terrain vague' as material – some observations*. [Online] Disponível em: http://www.amarrages.com/textes_terrain.html [Acedido em Janeiro 2022].

Montello, M., (2016). *Palácio da Bacalhôa*. [Online] Disponível em: https://meusroteiros.com/palacio-da-bacalhoa-setubal-portugal/ [Acedido em Janeiro 2022].

Noé, P ., (1991). *Palácio e Quinta de Valflores*. [Online] Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6316 [Acedido em Dezembro 2021].

Oliveira, C., s.d. *Quinta de Valflores*. [Online] Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do- patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73231 [Acedido em dezembro 2021].

Anexos I

Imagens



Figura 97 Planta do enquadramento do território da Quinta e sobreposição dos traçados viários (A1, IC2), Caderno de Valflores CML



Figura 98 Tanque de água (destruído pelo IC2) , aqueduto (2), s.d., Arquivo ADPAC



Figura 100 Tanque de água (destruído pelo IC2) , aqueduto (2), s.d., Arquivo ADPAC



Figura 99 Área Sul da quinta com o aqueduto (2) no patamar inferior, Anos 90, Arquivo ADPAC



Figura 101 Topografia da Quinta de Valflores e a sua relação com o rio, Anos 90, Arquivo ADAPC



Figura 102 Ribeira de Valflores, sul da propriedade, janeiro de 2022, imagem do autor



Figura 103 Ribeira de Valflores, sul da propriedade por baixo do IC2, janeiro de 2022, imagem do autor



Figura 104 Rua outrora ligava a Igreja de Santa Iria de Azóia à Quinta de Valflores, março de 2022, imagem do autor



Figura 105 Zona de hortas a nascente da quinta, janeiro de 2022, imagem do autor

Anexos II

Entrevistas e Inquéritos

Entrevistas Online

Foi, primeiramente, elaborado em dezembro de 2021 um inquérito online[43], partilhado em diversos grupos de plataformas digitais, dedicados aos residentes do concelho de Loures onde foram levantadas questões, obtendo uma amostra de 130 respostas. Não existindo critério para a seleção de residentes que respondeu ao questionário, este pequeno estudo serviu como uma primeira abordagem de forma a avaliar, superficialmente, as carências de espaços por parte dos residentes a fim de alcançar possíveis programas que a Quinta possa abranger.

Fazem parte deste pequeno inquérito as perguntas:

1- "Conhece a Quinta Valflores?"

R: Sim (94,6%) Não (5,4%)

2- "Alguma vez esteve nesta propriedade?"

R: Sim (38,5%) Não (61,5%)

3- "Sente que este espaço possa servir de alguma forma a população da Vila?" Escala de resposta: 1-Não pode servir a população 5- Tem potencial para servir a população

R: 1(0 %) 2 (0%) 3 (4,6%) 4 (23,1%) 5 (72,3%)

4- "Se tem a opinião que existe potencial para a Quinta ser um ponto positivo na sociedade que funções gostaria de ver neste espaço?"

Espaços infantis (32 pessoas); Hortas comunitárias (27 pessoas); Jardins (79 pessoas); Espaço de eventos/Teatro (50 pessoas); Biblioteca/Espaços de trabalho (49 pessoas); Museu (70 pessoas); Casa Interassociações (9 pessoas).

[43] Formulário elaborado na plataforma "Formulários" Google

Em Fevereiro de 2022, foi realizado uma análise socio-etnológica do local, no terreno junto de alguns moradores, trabalhadores e pessoas que frequentavam a Vila, onde foram registados dados como:

1- "Qual o grupo etário a que pertence"
2- "Atualmente vive na Vila de Santa Iria da Azóia? Se sim, onde?"
3- "Atualmente trabalha na Vila de Santa Iria da Azóia? Se sim, qual a profissão?"
4- "Atualmente estuda na Vila de Santa Iria da Azóia? Se sim, qual o estabelecimento de ensino?"
5- "Quais os locais que considera que tenham mais importância e/ou interesse na Vila de Santa Iria da Azóia?"
6- "Dos espaços (associações, escolas, comércio, jardins, parques etc.), quais são os que mais frequenta no seu dia-a-dia?"
7- "Normalmente como se desloca para esses locais."
8- "Sente que é necessário melhores acessos pedonais na Vila?"
9- "Conhece a Quinta de Valflores?"
10- "Acha que este espaço possa servir de alguma forma a população da Vila?"
11- "Se a Quinta fosse utilizada pela população, o que gostaria de ter na Quinta de Valflores?"

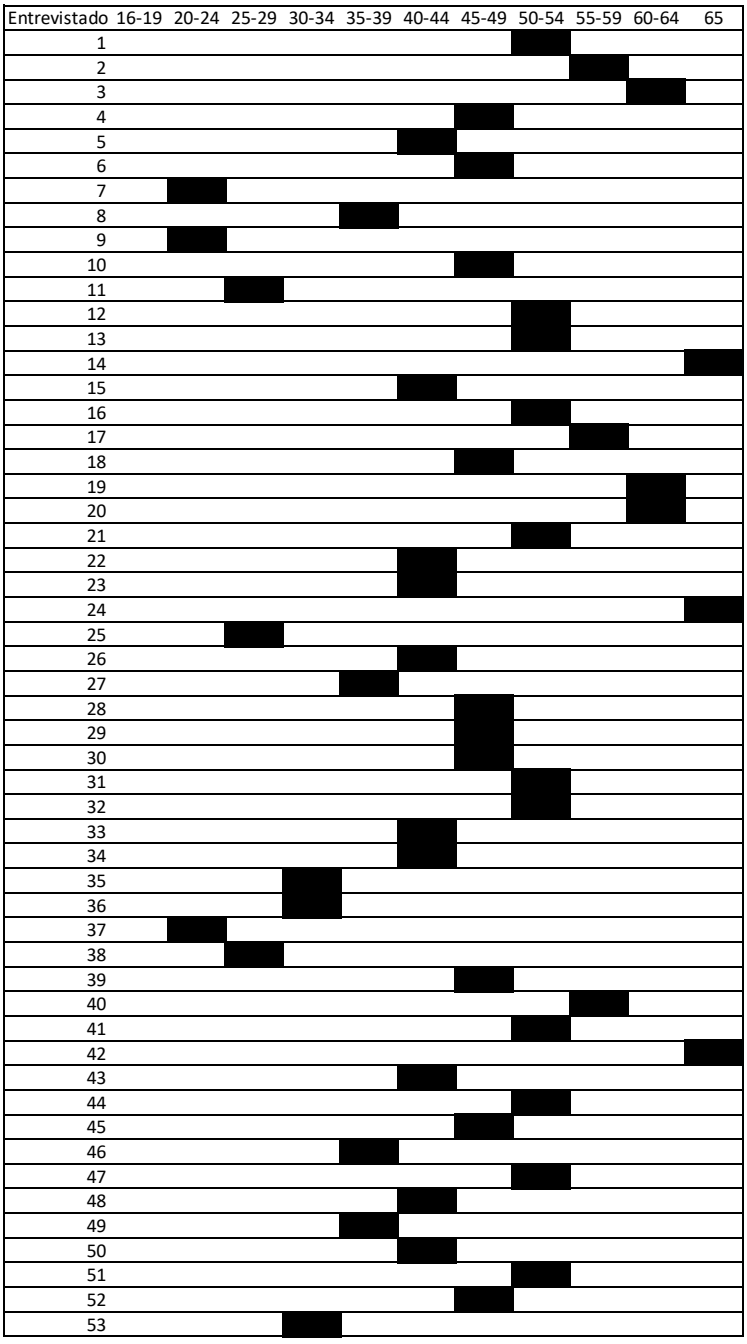


Figura 106 Número do entrevistado correspondente à sua faixa etária

Entrevistado	Jardins	Parques / desporto	comércio	Saúde	E. Comboios	Escolas	P.U. Sta Iria	Ed. Historicos	Associações
1									
2				Farm. Posto medico					
3	Aires dos Santos								
4									Grupo Motard os Correias
5									
6									
7								Igreja	
8								Igreja	
9									
10									
11									
12	Quinta do Castelo								
13									
14		Via Rara						Castelo	
15		Clube de futebol				EB2,3			
16									
17		e piscina							
18									
19									
20									
21									
22		Via Rara							
23									
24									
25									
26									
27									
28									
29			há pouco						
30									
31									
32									
33									
34									
35									
36									
37									
38									
39									
40						EB 2, 3			
41			Pingo doce, mercado						
42									
43									
44									
45		Via Rara							
46									
47									
48						Bela Vista			
49		Via Rara				Colégio Bartolomeu			
50								Igreja	
51								Igreja	
52									
53									

Figura 107 Número do entrevistado correspondente aos locais que mais frequentam

Entrevistado	
1	Parq urbano Dr José S. junior
2	Estação de comboios
3	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
4	Parque Urbano Sta Iria da Azóia; Igreja
5	Estação de comboios; Parque U.; castelo
6	Ensino; E. comboios; Parque U; Parque Dr José S. junior
7	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria
8	Ensino; Igreja
9	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
10	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
11	Ensino
12	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
13	Ensino; Igreja
14	Ensino
15	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria
16	Parque Urbano Sta Iria da Azóia; Igreja
17	E. comboios; Parque U; Parque Dr José S. junior; Piscina
18	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
19	Igreja
20	Ensino; Igreja
21	Estação de comboios; Parque U. Sta iria
22	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
23	Parq urbano Dr José S. junior; P.U Sta iria; Igreja
24	Todos, tanque das lavadeiras
25	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria
26	Igreja
27	Igreja
28	Ensino; Parque U Sta iria
29	Ensino; Igreja
30	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria
31	Ensino
32	Ensino; Parque U Sta iria
33	Ensino
34	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria
35	Ensino; Parque U; Parque Dr José S. junior; Igrja
36	Ensino; Parque U; Parque Dr José S. junior
37	Ensino; Parque Dr José S. junior
38	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
39	Parque Urbano Sta Iria da Azóia
40	Ensino; Parque U; Igreja
41	Ensino; E. comboios; Parque U Sta Iria; Igreja
42	
43	Ensino; E. Comboios; P. U. SIA
44	Ensino; E. Comboios; P. U. SAI; P.U SR jose isidro santos junior; Igrej
45	P. U. SIA
46	P. U. SAI; Igreja
47	Ensino; P. U. SIa; Igreja
48	Ensino; P. U. SIa; Igreja
49	Ensino; E. Comboios; P.U SR jose isidro santos junior;
50	Igreja
51	Ensino; P. U. SIa; Igreja
52	P. U. SIA
53	E. Comboios; P. U. SAI

Figura 108 Número do entrevistado correspondente aos locais da vila que identifica com mais interesse

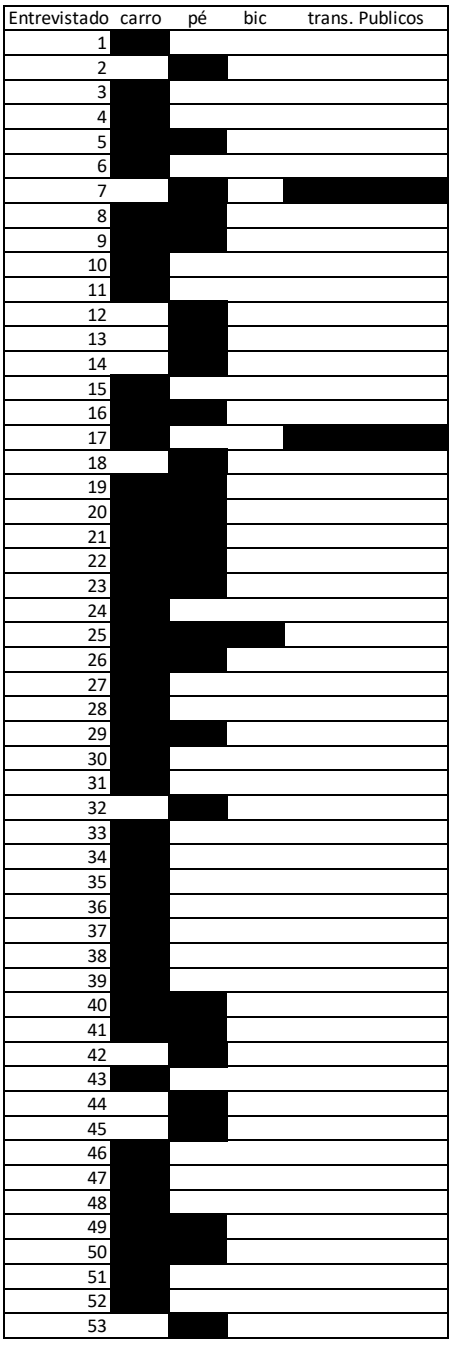


Figura 109 Número do entrevistado correspondente ao modo como se desloca na vila

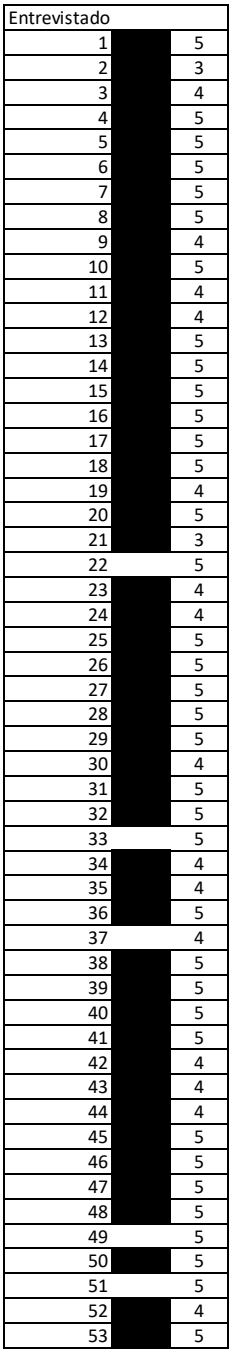


Figura 110 Número do entrevistado correspondente à falta de acessos na vila e a nível que a Quinta de Valflores possa servir a comunidade

Entrevistado	E. infantis	E. Evento/Teatro	E. Expositivo	E. Trabalho
1			■	
2				
3			■	
4	■		■	
5	■			■
6		■	■	■
7				■
8		■	■	■
9		■	■	
10	■			
11	■			
12	■	■		■
13		■		
14	■	■		■
15	■		■	■
16	■	■	■	
17	■	■	■	
18	■	■	■	■
19		■	■	■
20		■	■	■
21				
22	■	■	■	■
23	■	■		■
24		■	■	
25	■			
26		■		
27		■	■	
28		■	■	
29	■	■	■	
30		■		■
31	■	■	■	■
32		■	■	■
33	■	■	■	
34	■	■	■	■
35	■			■
36	■			
37				
38			■	
39		■		
40		■	■	■
41		■	■	
42		■	■	
43			■	■
44	■	■	■	■
45	■	■		
46	■	■	■	■
47		■	■	■
48	■	■		■
49	■	■		
50		■	■	
51	■	■	■	
52	■			
53		■	■	

Figura 111 Número do entrevistado correspondente aos tipos de espaços que a Quinta possa assumir

Entrevistado	Hortas	C. Associações	Biblioteca	Lazer/café	Complexo despo	Observatório
1						
2						
3						
4						
5						
6		ADPAC				
7						
8						
9						
10						
11						
12		centro de dia				
13	A. defesa	ambiental e cultural SAI				
14						
15						
16		ADPAC				
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						
26						
27						
28						
29						
30						
31						
32						
33						
34						
35						
36						
37						
38						
39						
40						
41						
42						
43						
44						
45						
46						
47						
48						
49						
50						
51						
52						
53						

Figura 112 Número do entrevistado correspondente aos tipos de espaços que a Quinta possa assumir

Entrevistas a Associações e Instituições locais.

Foi possível também conversar com algumas associações e instituições locais, obtendo os seguintes registos:

Câmara Municipal de Loures

São necessários percursos pedonais que unam as margens da Vila e que integrem o percurso ribeirinho.

A CML vê a quinta como um lugar de importância na vila e com potencial para receber espaços dedicados a eventos/Teatro e espaços infantis.

Pretende-se futuramente integrar a Quinta de Valflores no corredor Ecológico de Loures até ao rio Tejo, juntamente com o parque onde se localiza o complexo de piscinas.

ADPAC

São necessários percursos pedonais que unam as margens da Vila e que integrem o percurso ribeirinho.

Sendo a Quinta de Valflores um dos pontos mais especiais para esta associação, esta também considera que instituições de ensino e o Parque Urbano de Santa Iria de Azóia são locais de especial atenção.

Defende que a quinta deva conter espaços infantis, espaços de teatro, espaços expositivos, observatório do território e da paisagem e casa interassociações onde possa albergar diversas associações, sendo que a sede da ADPAC se localizará no piso intermedio do "palácio" de Valflores.

Green_ grupo recreativo de evasão e encontro com a natureza

Instituições de ensino, igrejas e o castelo de Valflores são os pontos que considera com mais interesse.

Espaços expositivos, infantis, casa interassociações e hortas comunitárias são os espaços que a Quinta poderá conter.

Considera que os espaços de mais interesse não aqueles que contem jardins e espaços de estar ao ar livre como o Parque Urbano de Santa Iria e o Parque Urbano Dr. José Isidro, podendo haver melhores acessos entre eles.

A Quinta de Valflores pode conter casa interassociações.

Ensino

Considera que as instalações de ensino são mais importantes e que deveria haver mais acessos pedonais para facilitar a percurso de professores e principalmente de alunos até às escolas, podendo a quinta conter espaços como exposições, teatro e eventos onde complementara às instalações das escolas.

Divisão da Cultura: Departamento de cultura e juventude, chefe de unidade do património de museologia, Raquel Silva

Possíveis áreas para a Quinta: formação; saúde; ambiente; agroalimentar

O IC2 amputou a Quinta eliminando uma das entradas originais e o no da A1 terá anulado outro acesso (década de 1940) que dava entrada na quinta através do arco maior do aqueduto.

Existem algumas premissas deste departamento para projetar na quinta tais como:

O espaço deve ser para a população independentemente do que seja instalado nele.

> *"A título pessoal não me incomodaria de ver ali uma unidade de cuidados continuados, por exemplo, construímos um edifício novo na zona mais a norte da quinta, uma zona sossegada, (...) com um acesso mais privado à unidade em si, mas todo o resto da quinta continuava de uso público".*

Raquel Silva, março 2022, Entrevista via Zoom

As pessoas mais antigas mantêm uma relação muito próxima com aquele espaço porque brincavam lá, ou conheciam alguém de lá e contam histórias e têm curiosidade em ir visitar a quinta.

Proposta de caminhos informais para se poder percorrer na quinta

O "palácio" pode receber todas as redes exceto as redes de águas e esgotos, e com a obra de reconstrução será deixado preparado a rede de eletricidade.

A Quinta localiza-se no cruzamento de percursos pedonais e cicláveis de um projeto da camara, estando ainda previsto um passeio ribeirinho.

O departamento de planeamento urbanístico defende que a área mais propicia a construção nova é na zona norte por ser o local que, menos chocará arquitetonicamente com o "palácio". "Assim haverá obrigatoriamente um acesso pelo lado norte"

Existe um estudo do departamento de planeamento urbanístico onde pensam na Nacional 10, junto aos comboios, como uma estrada com passeios, ciclovias, ligações à Quinta e ao Parque Urbano e a ligação da Quinta ao Parque de Via Rara.

Pedonal___ requalificar

Ciclovia___ deve ser criada

Segundo o departamento de planeamento urbanístico é exequível efetuar estes acessos nomeadamente os acessos que atravessam a A1.

"no âmbito do programa municipal do desporto na natureza e cultura, todos os anos fazemos um percurso que parte do parque urbano, desce, atravessa a quinta e depois continua pelo tejo... nos conseguimos fazer isso a pé. Sai do parque urbano, desce, vai pelos

Monjões, passa por baixo da autoestrada, passa pelos bairros e atravessa a quinta de Valflores e continua por aí abaixo. Portanto atualmente isso é possível, agora.... temos é de dar uma grande volta para passar no túnel que oferece menos perigo"

Raquel Silva, março 2022, Entrevista via Zoom

Anexos III

Registos Fotográficos das Maquetes de Apresentação do Projeto

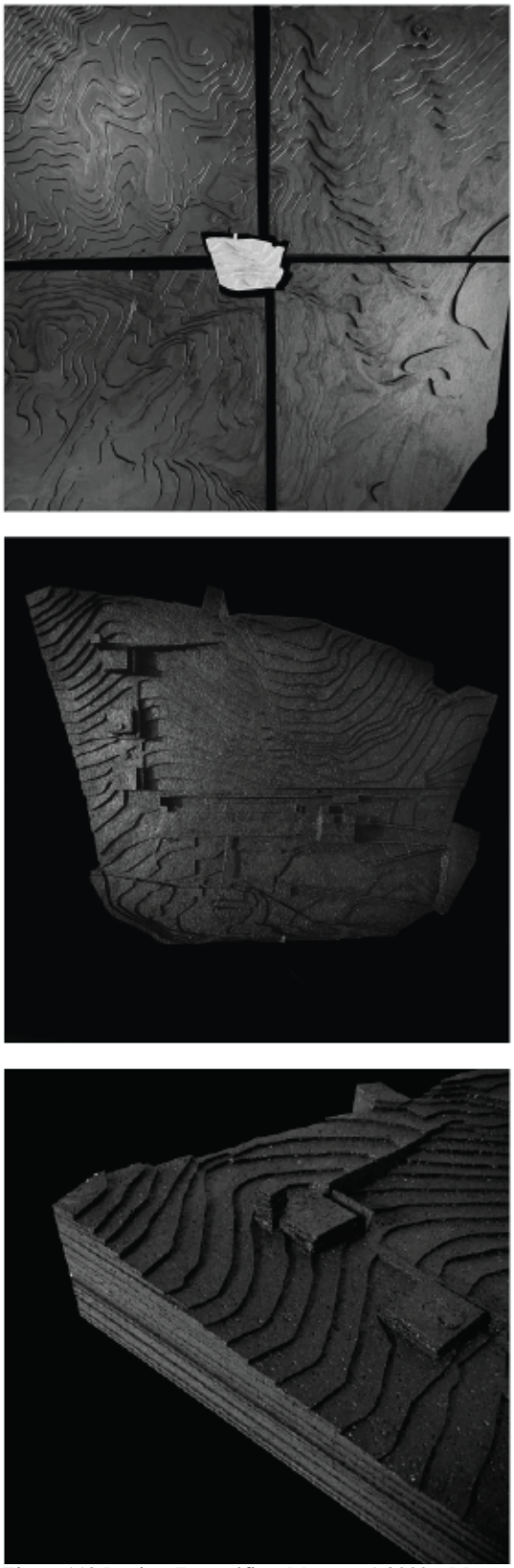


Figura 113 Registo Fotográfico, Maqueta 1:2000 e Maqueta 1:500

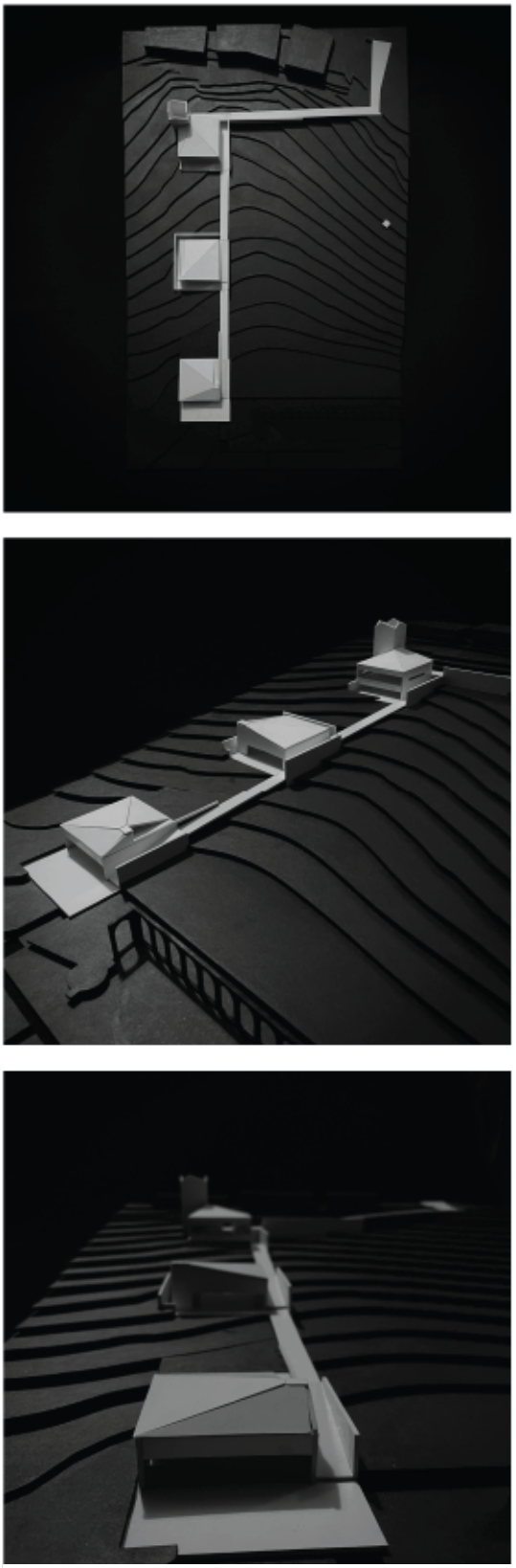


Figura 114 Registos Fotográficos, Maquete 1:200

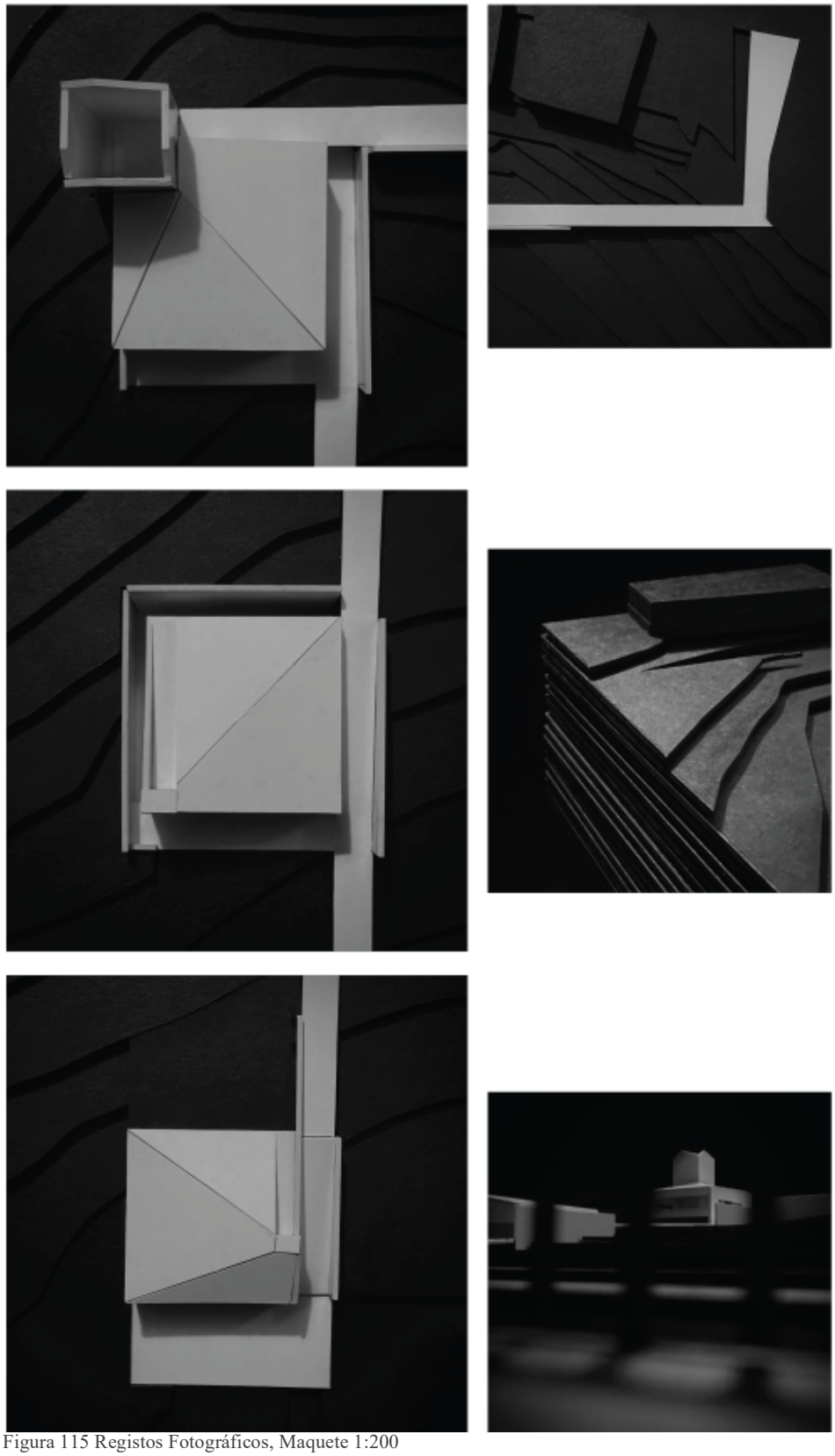


Figura 115 Registos Fotográficos, Maquete 1:200





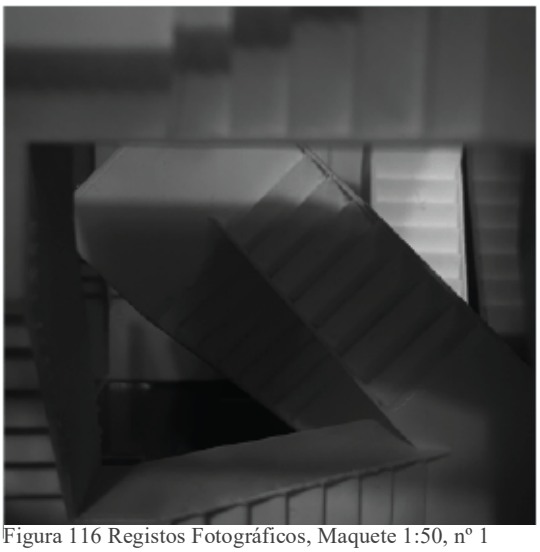


Figura 116 Registos Fotográficos, Maquete 1:50, nº 1

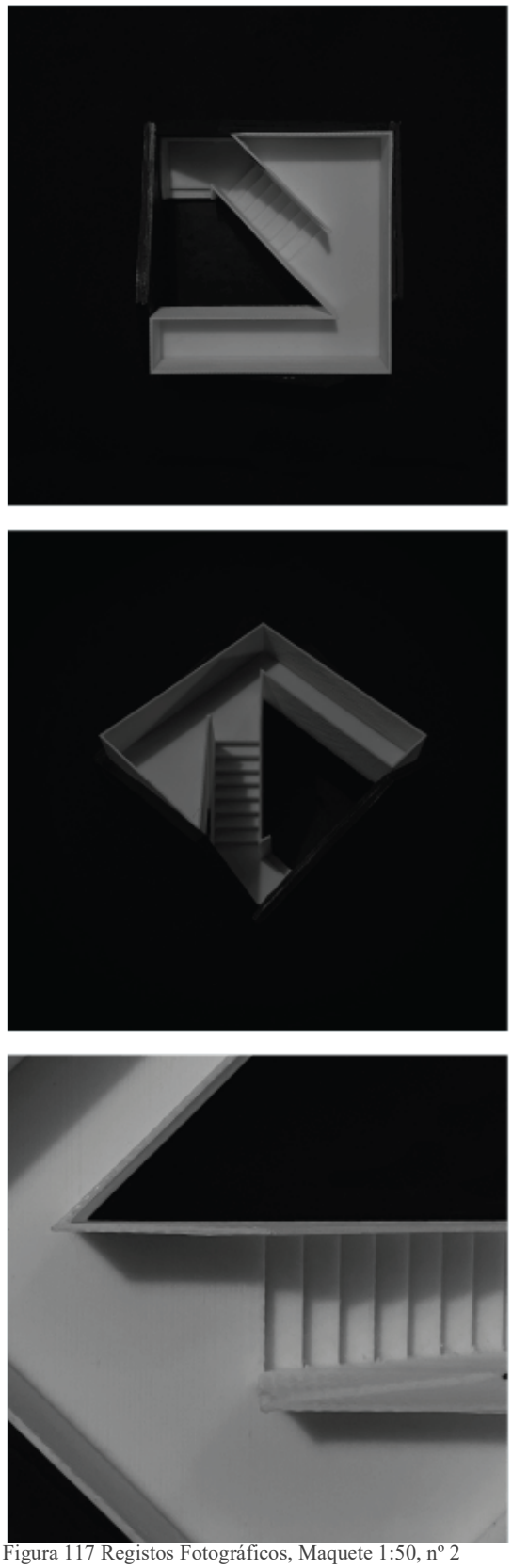
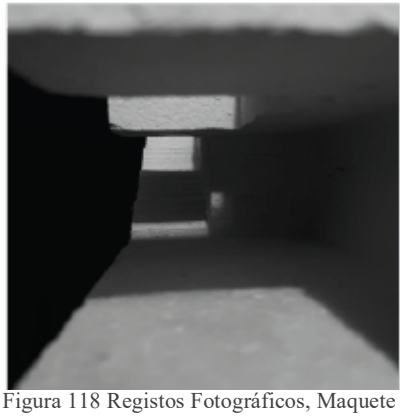
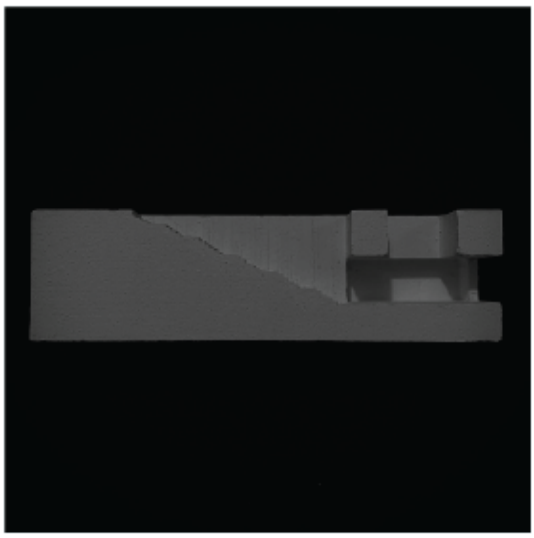


Figura 117 Registos Fotográficos, Maquete 1:50, nº 2







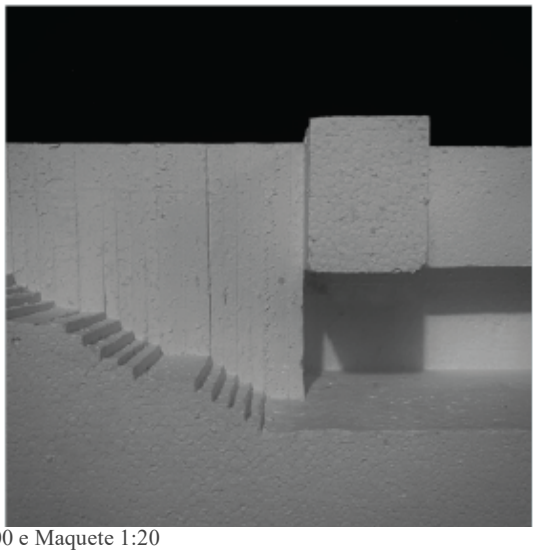


Figura 118 Registos Fotográficos, Maquete 1:100 e Maquete 1:20

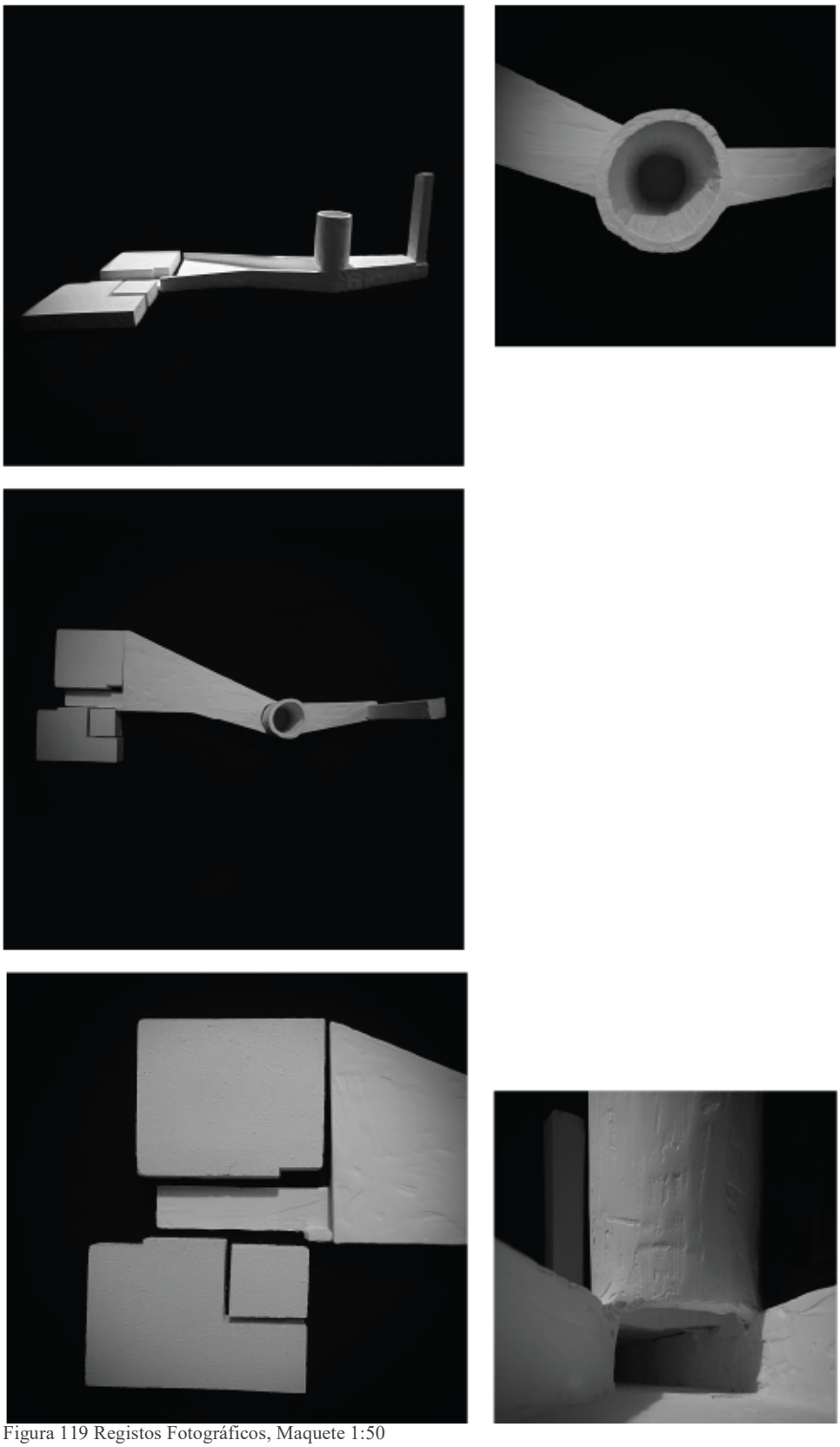


Figura 119 Registos Fotográficos, Maquete 1:50

Anexos IV

Registos de Livros de Apresentação

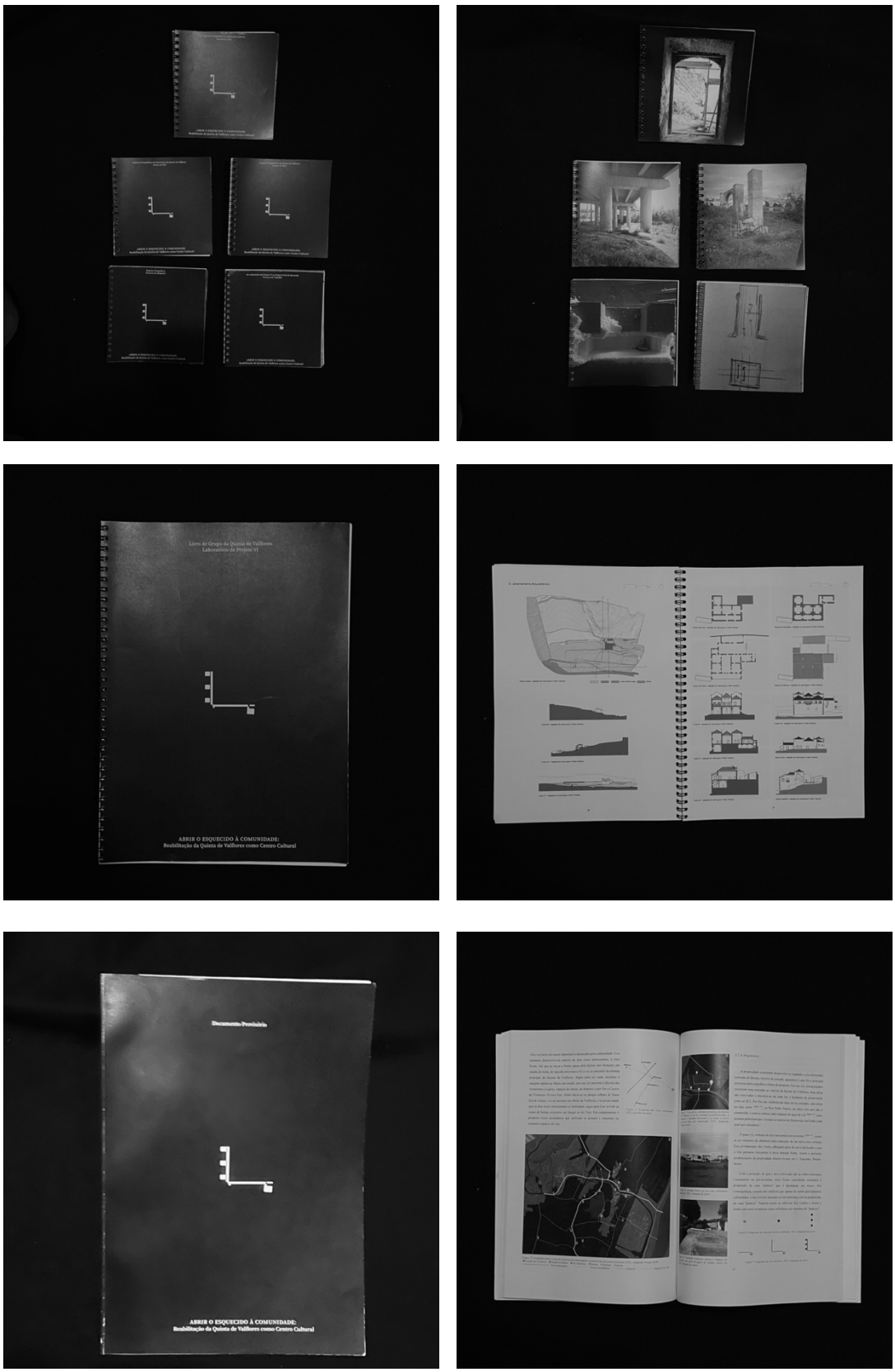


Figura 120 Registo Fotográfico dos Livros de Apresentação

Anexos V

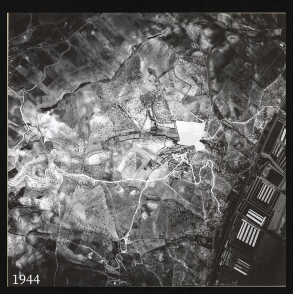
Painéis de Apresentação

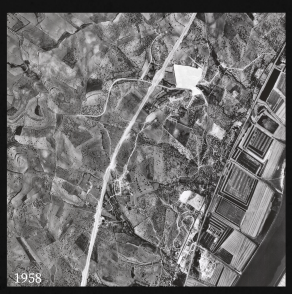


Quinta de Valflores, anos 70, Miguel Magalhães Ramalho

Diagrama das Estruturas Rodoviária (——) e Ferróviária (• ▬ •)
Localização da Quinta dos Monjões, Quinta de Valflores e Quinta das Amoreiras

Planta de localização da Quinta de Valflores
1:5000









Fotografias Aéreas,Evolução Territorial da Vila de Santa Iria de Ázoia

I

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

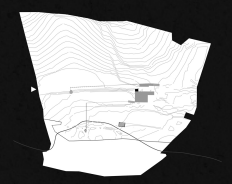
Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado

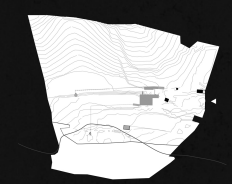


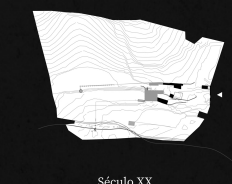
Fotografia aérea, Locais de interesse da comunidade e proposta dos percursos pedonais, 2022, Adaptado Google Earth
Estação de Comboio. Desporto/Jardim. Ed. Histórico. Ensino. Quintas. Hortas
Ribeira. Eixos principais. Eixos secundários. Margem do Tejo

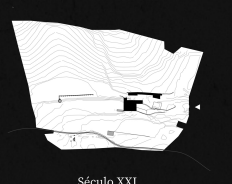

Hipótese de construção pré-existente ao "palácio"


Século XVI


Século XVI


Século XX


Século XX


Século XXI

Evolução da Quinta de Valflores, Adaptado de José Aguiar e Pedro Pacheco

II

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Planta da Quinta de Valflores
1:500

Diagrama —— Pré-existetnte, —Demolir,—Construir

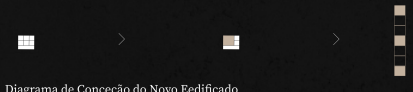


Diagrama de Conceção do Novo Eedificado

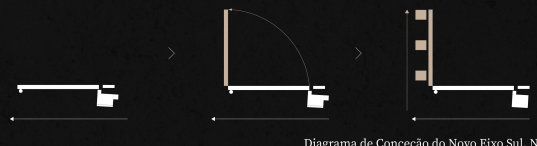


Diagrama de Conceção do Novo Eixo Sul, Norte



Acessos e percursos | Zona Arbória | Zona de Pomar | Zona de Sequeiro | Jardim Formal | Zona de Hortas

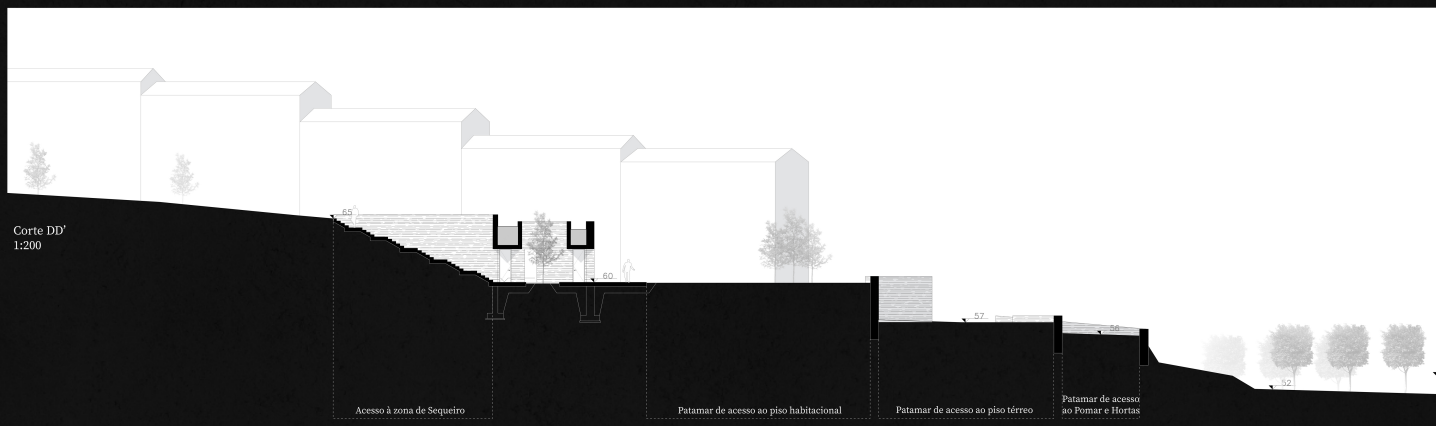
Diagrama das zonas da Quinta de Valflores

III

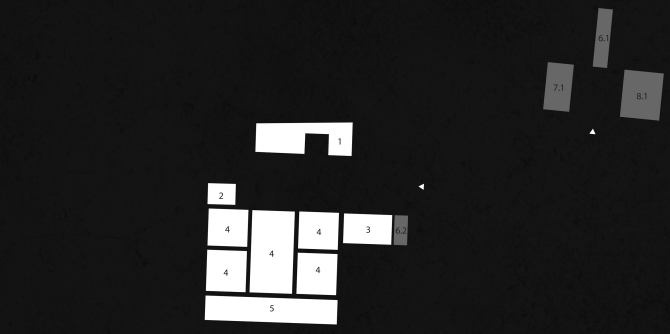
ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Corte DD'
1:200



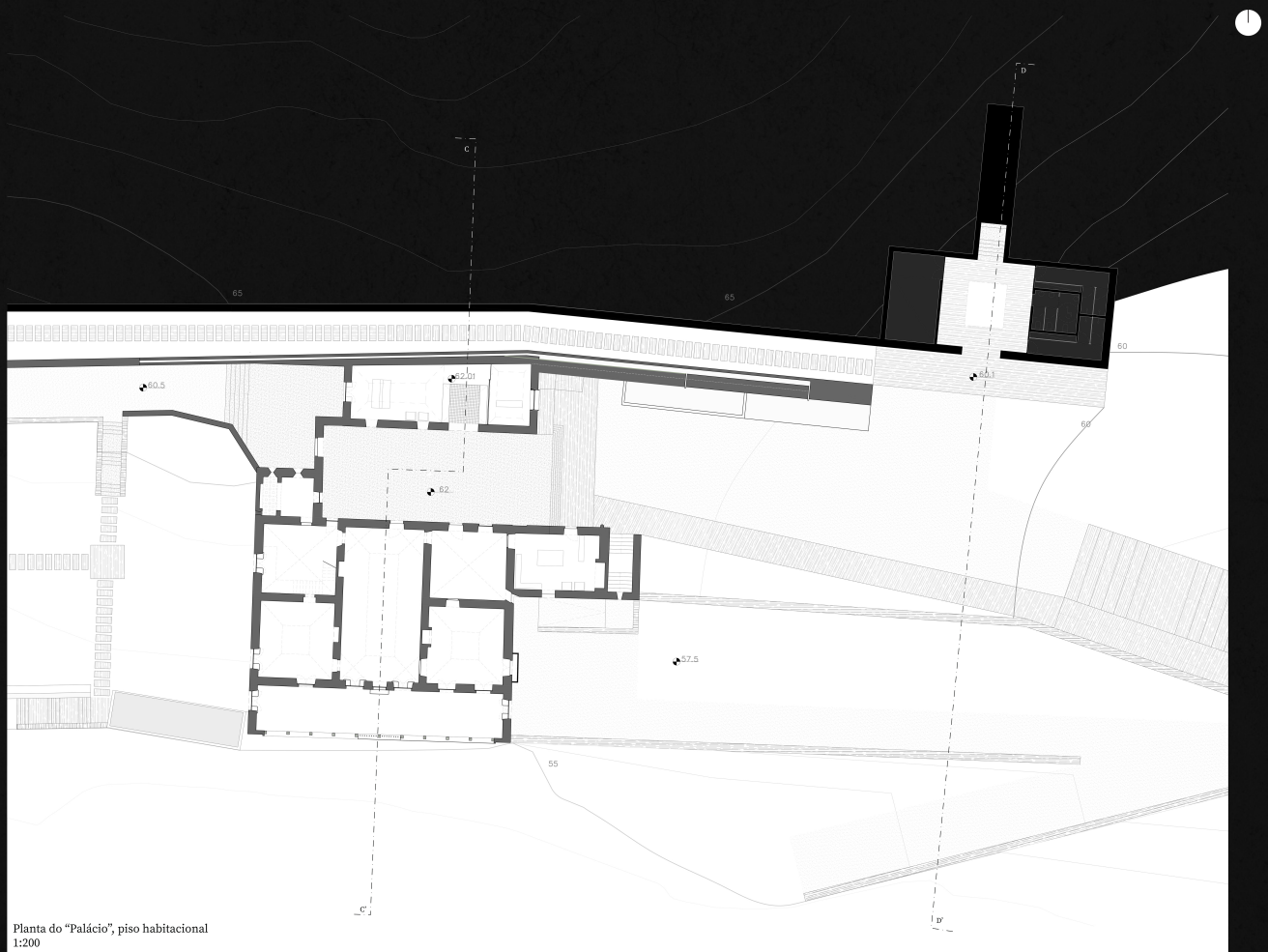
Espaços Servidos

1 Recepção	51,7 m²
2 Capela	11,5 m²
3 Loja	27 m²
4 Zona Expositiva do "Palácio"	205 m²
5 "Loggia"	66,7 m²

Espaços Servidores

6.1 Acesso à zona de Sequeiro	
6.2 Acesso ao patamar inferior	
7.1 Espaço Técnico	26,4 m²
8.1 Instalações Sanitárias	38,7 m²

Espaços servidos e servidores
"Palácio", piso habitacional e edifícios adjacentes



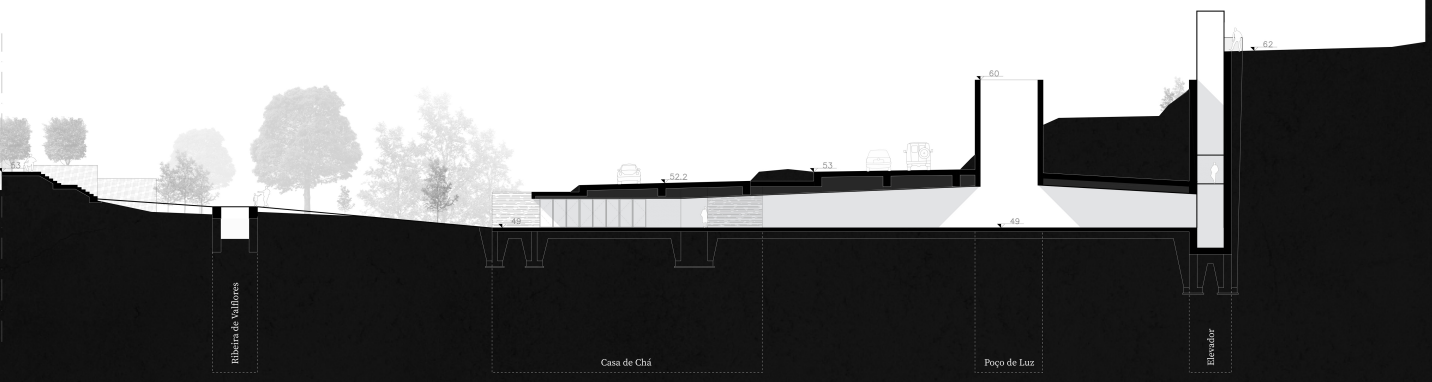
Planta do "Palácio", piso habitacional
1:200

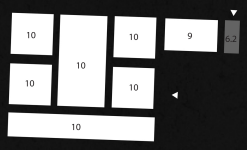
IV

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado





Espaços Servidos
9 Piso intermédio, Espaço ADPAC
10 Espaço Museológico

Espaços Servidores
6.2 Acesso ao patamar superior

Espaços servidos e servidores
"Palácio", piso térreo



Planta do "Palácio", piso térreo
1:200

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Espaços servidos e servidores
Planta Edifício Sul

Planta Edifício Sul
1:200

Espaços Servidos	
12.1 Átrio Exterior	165 m²
13 Átrio Interior	83,5 m²
14 Foyer	64,6 m²
16 Auditório	243,7 m²
17 Palco	75,6 m²
18 Camarim	45,3 m²

Espaços Servidores	
6.3 Elevador	2,6 m²
6.4 Acesso ao Edifício C. e N.	
6.5 Acesso ao Edifício Centro	
7.2 Espaço Técnico	12,6 m²
7.3 Espaço Técnico	15,7 m²
8.2 Instalação Sanitária	34,7 m²
8.3 Instalação Sanitária	13,9 m²
8.4 Instalação Sanitária	11,5 m²
14.2 Circulação	13,8 m²
14.3 Circulação	92,7 m²
18 Bengaleiro	27,4 m²

VI

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Espaços servidos e servidores
Planta Edifício Centro

Espaços Servidos

12.2 Átrio Exterior	74,8 m²
20 Espaço de Trabalho	117,8 m²

Espaços Servidores

6.5 Acesso ao Edifício Sul	
6.6 Elevador	2,6 m²
6.7 Acesso ao Edifício S. e N.	
7.4 Espaço Técnico	7,2 m²
8.5 Instalação Sanitária	18,5 m²

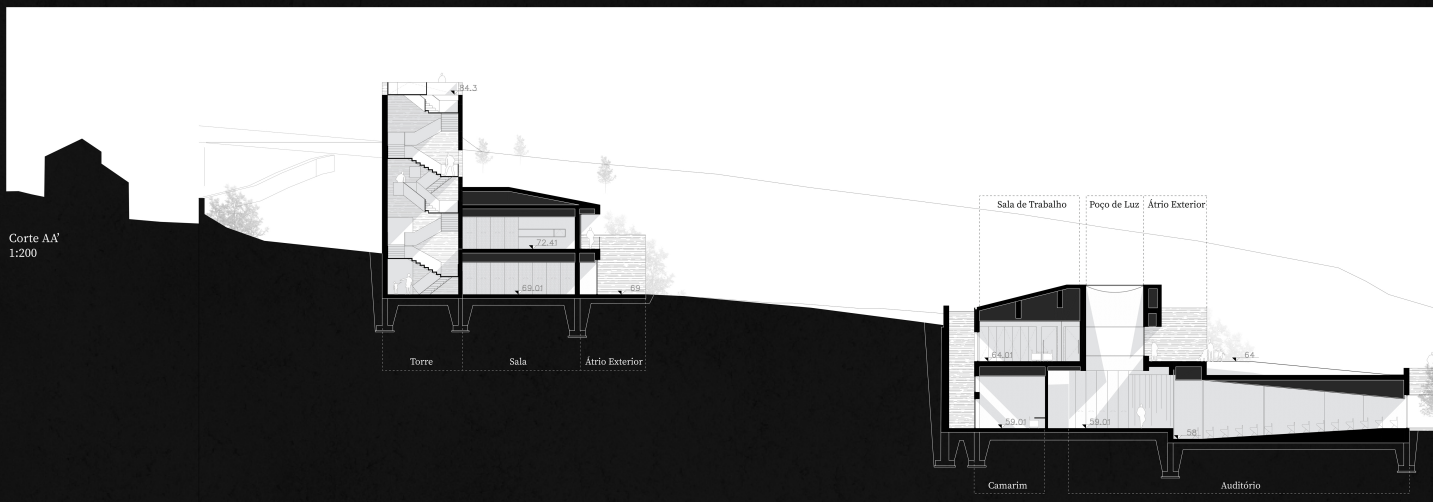
Planta Edifício Centro
1:200

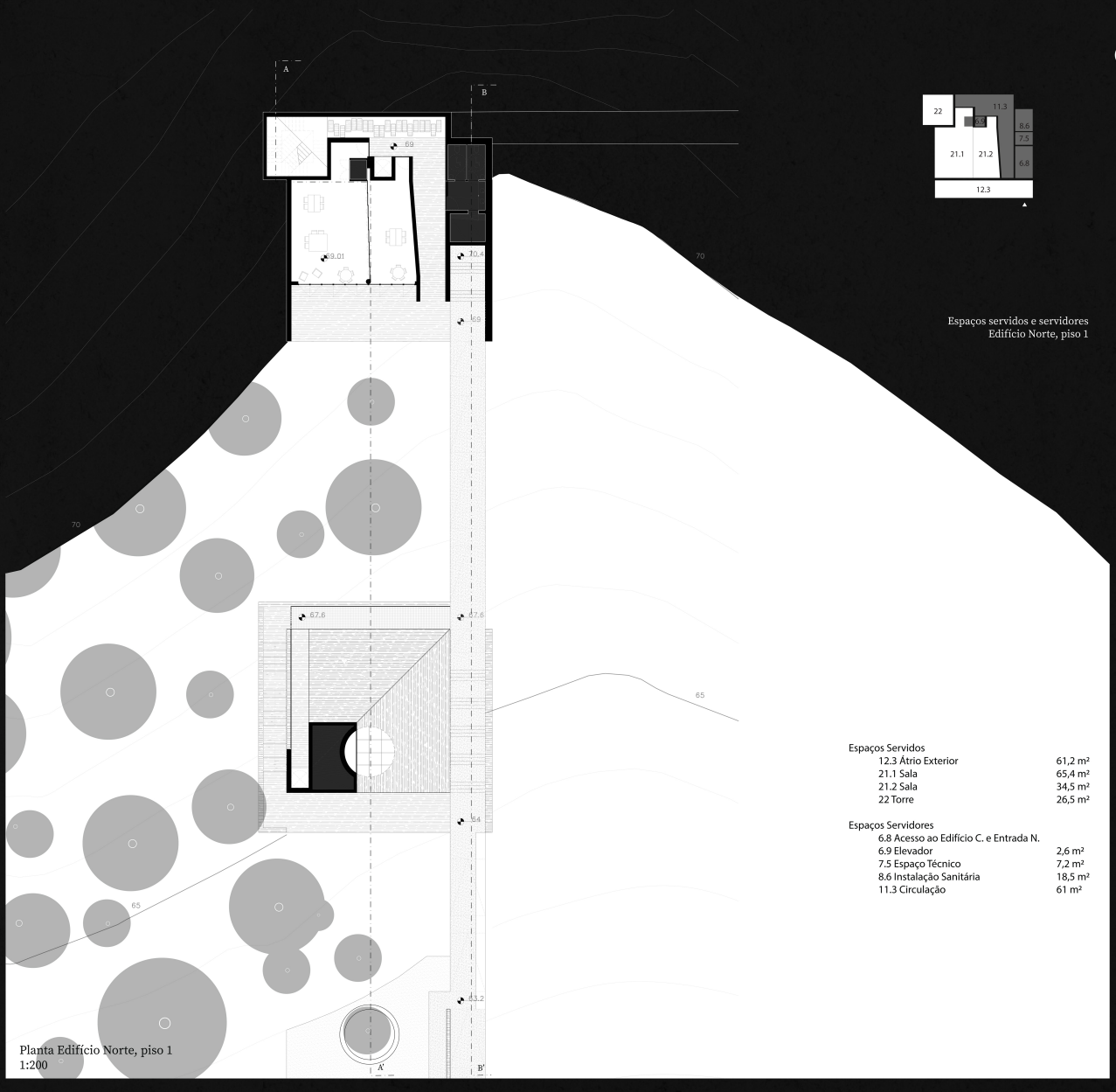
VII

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado





Espaços servidos e servidores
Edifício Norte, piso 1

Espaços Servidos

12.3 Átrio Exterior	61,2 m²
21.1 Sala	65,4 m²
21.2 Sala	34,5 m²
22 Torre	26,5 m²

Espaços Servidores

6.8 Acesso ao Edifício C. e Entrada N.	
6.9 Elevador	2,6 m²
7.5 Espaço Técnico	7,2 m²
8.6 Instalação Sanitária	18,5 m²
11.3 Circulação	61 m²

VIII

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado





Espaços servidos e servidores
Edifício Norte, piso 2

Espaços Servidos

21.3 Sala	65,4 m²
21.4 Sala	64 m²
22 Torre	26,5 m²

Espaços Servidores

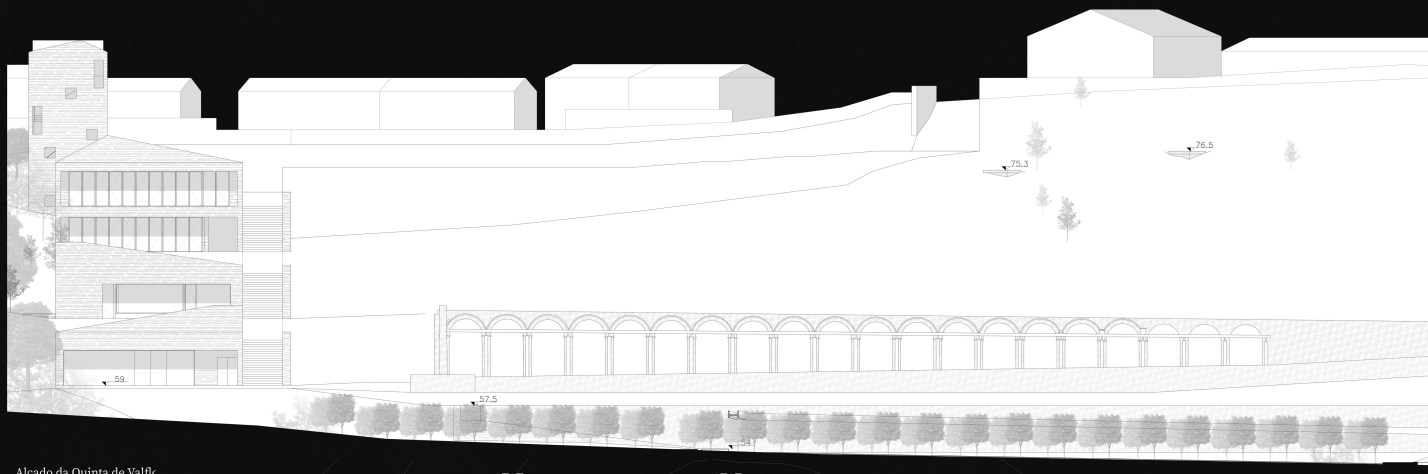
6.8 Acesso ao Edifício C. e Entrada N.	
6.9 Elevador	2,6 m²
11.4 Circulação	24,7 m²

Planta Edifício Norte, piso 2
1:200

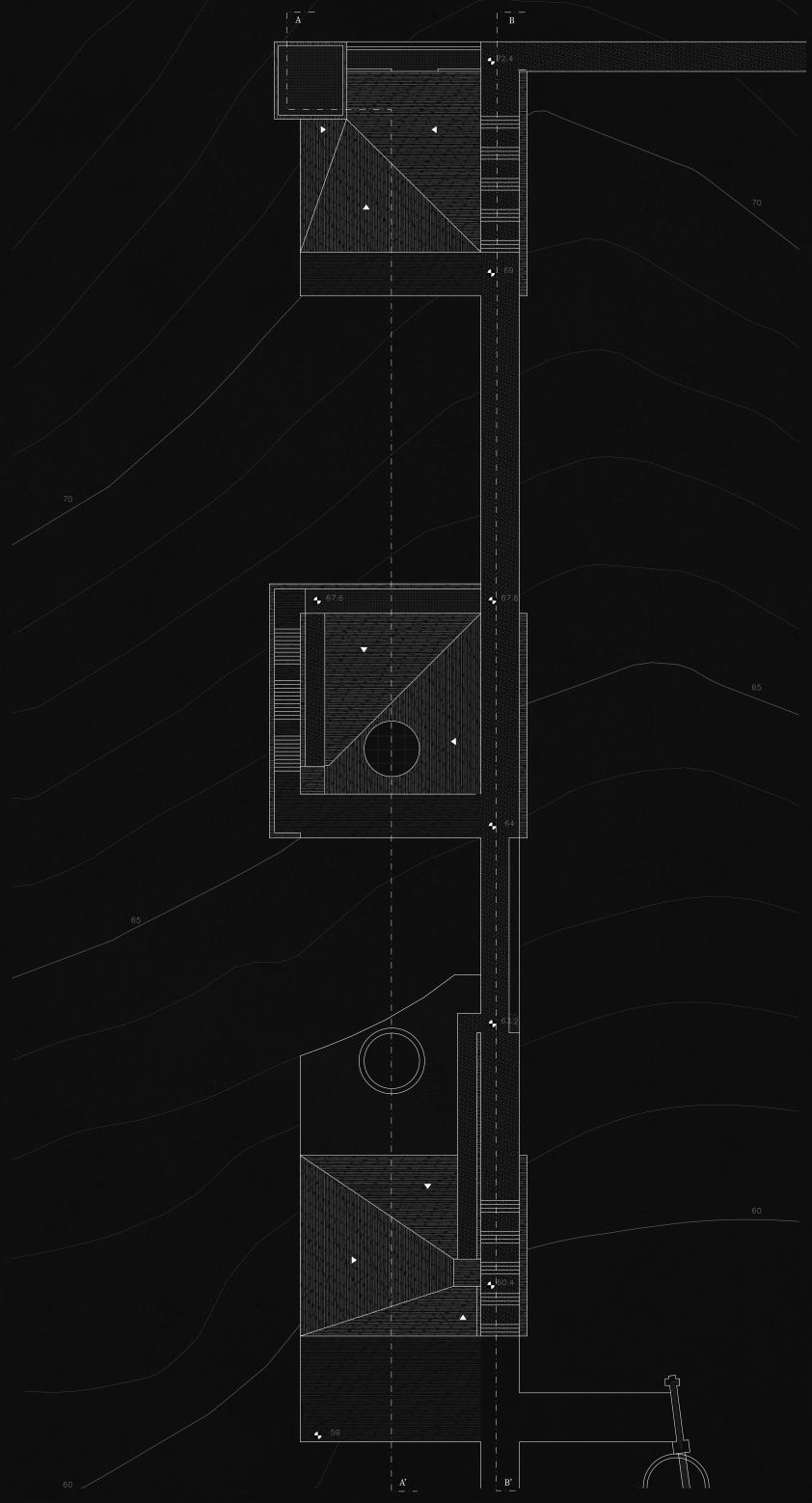
ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Alçado da Quinta de Valfl
1:200



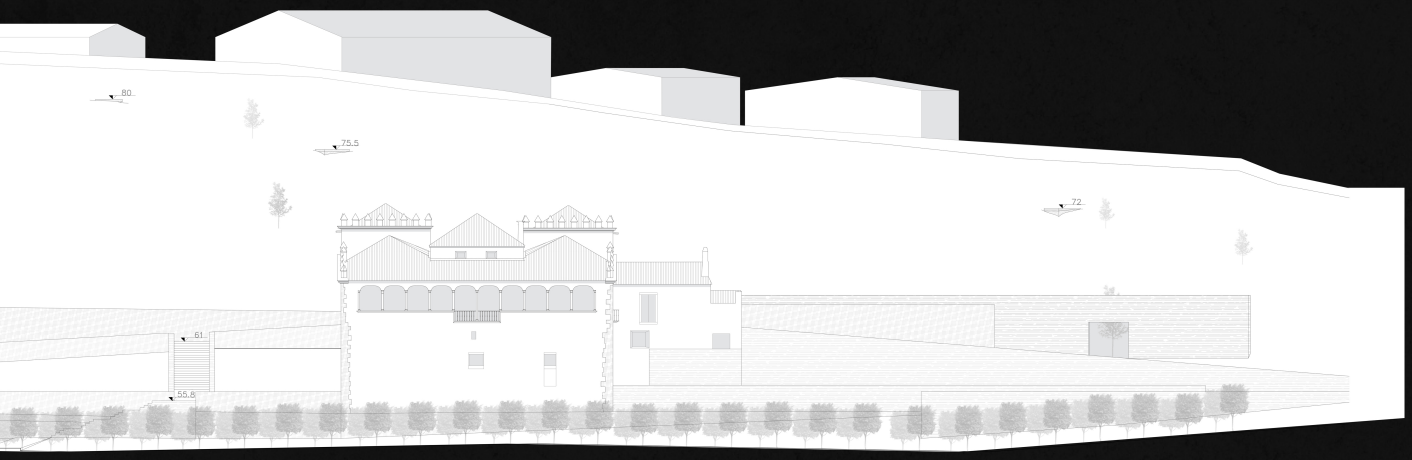
Planta de Cobertura
1:200

X

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado

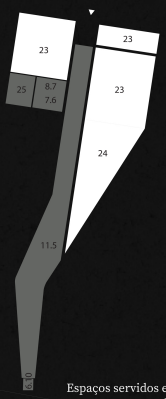


Espaços Servidos

23 Casa de Chá	197 m²
24 Zona Expositiva	84 m²

Espaços Servidores

6.10 Elevador	2,6 m²
7.6 Espaço Técnico	4 m²
8.7 Instalação Sanitária	17,2 m²
11.5 Túnel	145,5 m²
25 Zona de Confeção	17,7 m²



Espaços servidos e servidores
Casa de Chá

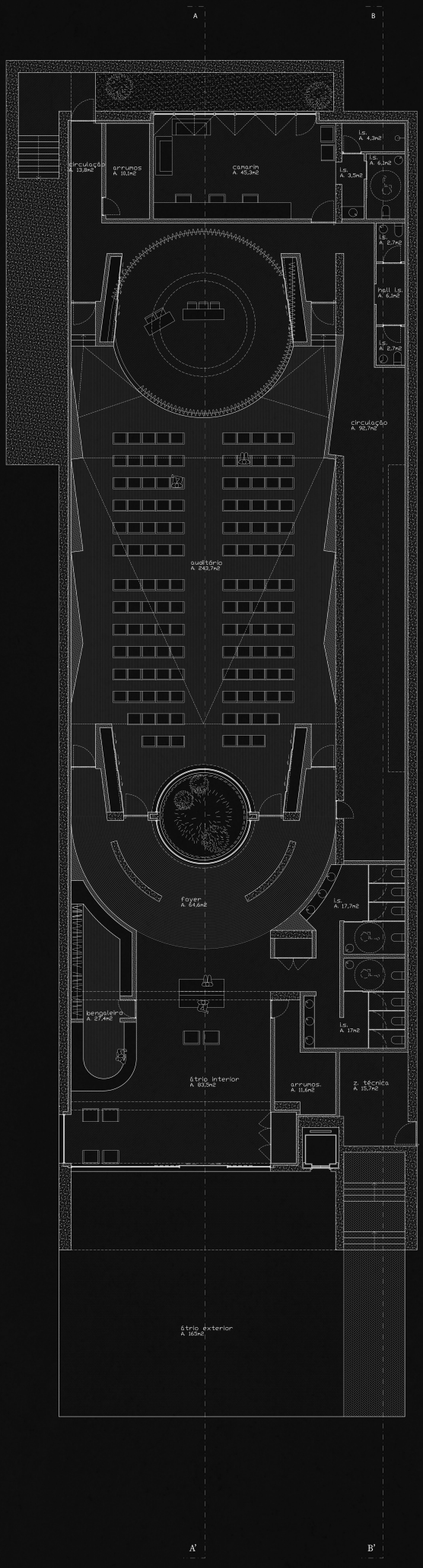
Planta Casa de Chá
1:200

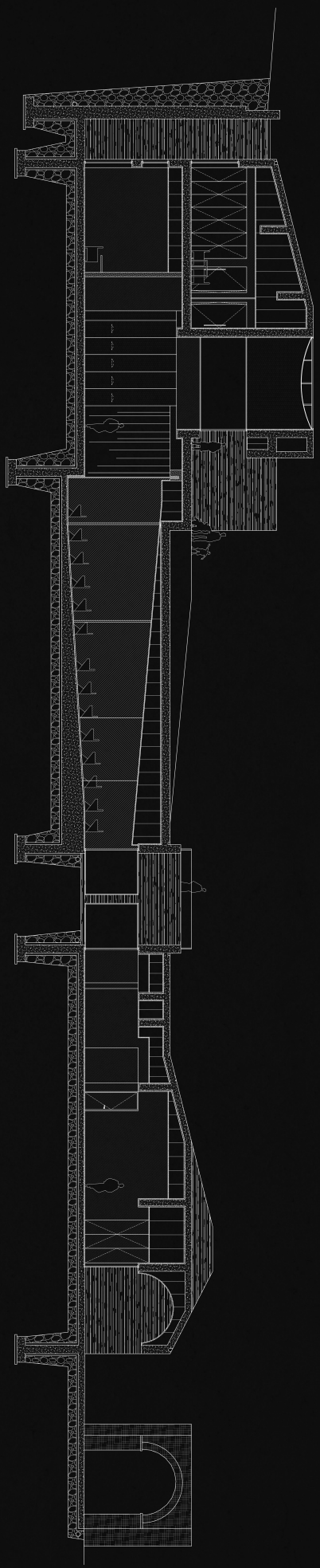
XI

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado





Planta, Edifício Sul
1:100

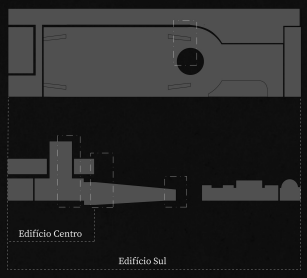
Corte Parcial BB', Edifício Sul
1:100

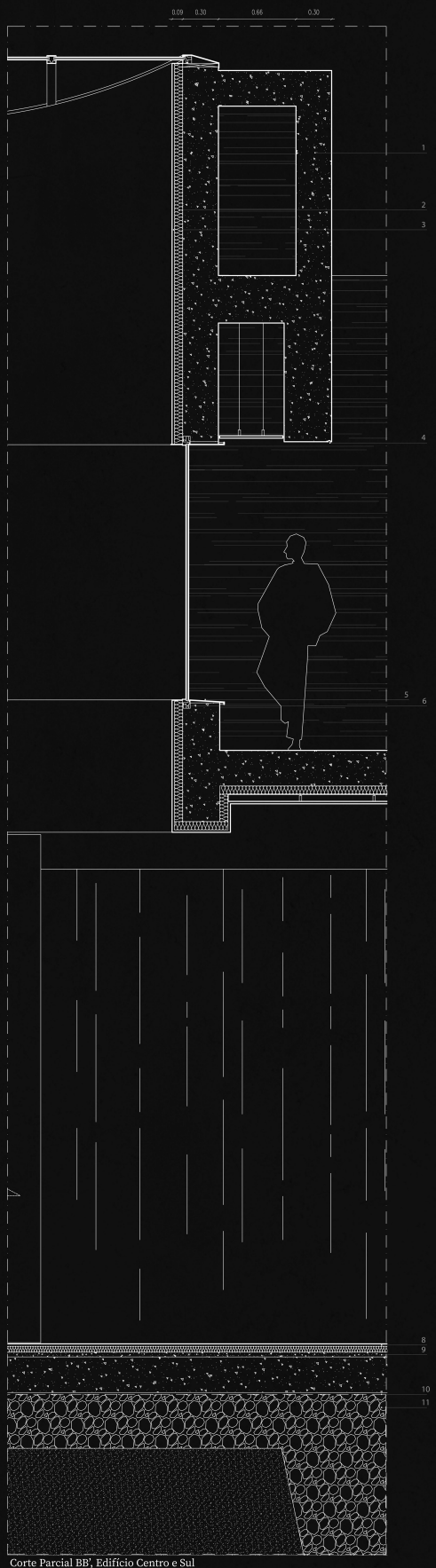
XII

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

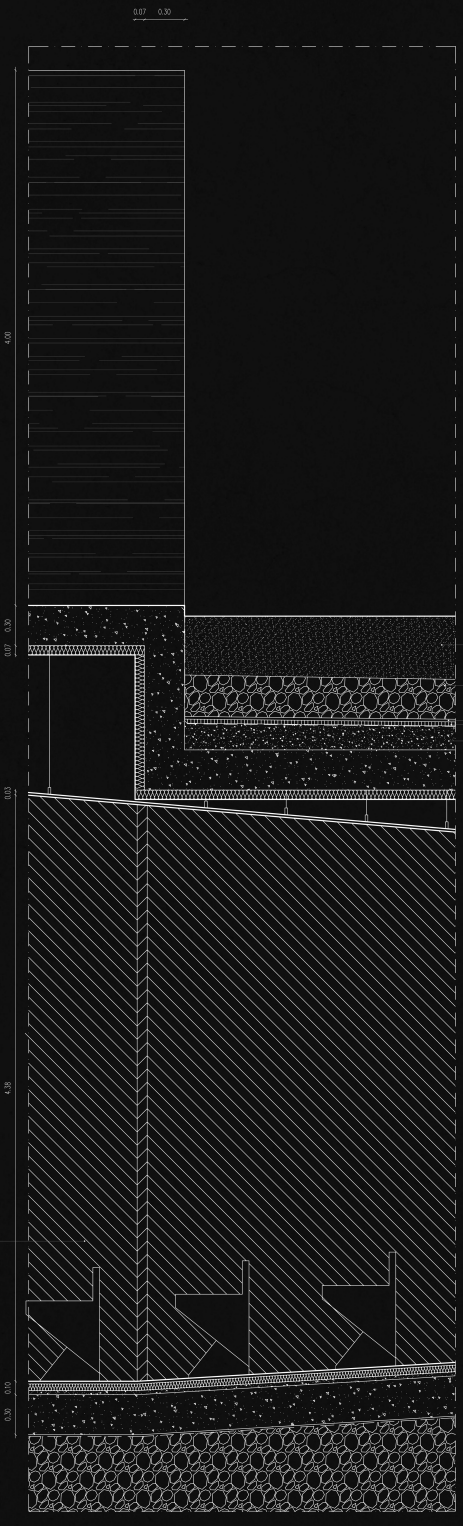
Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

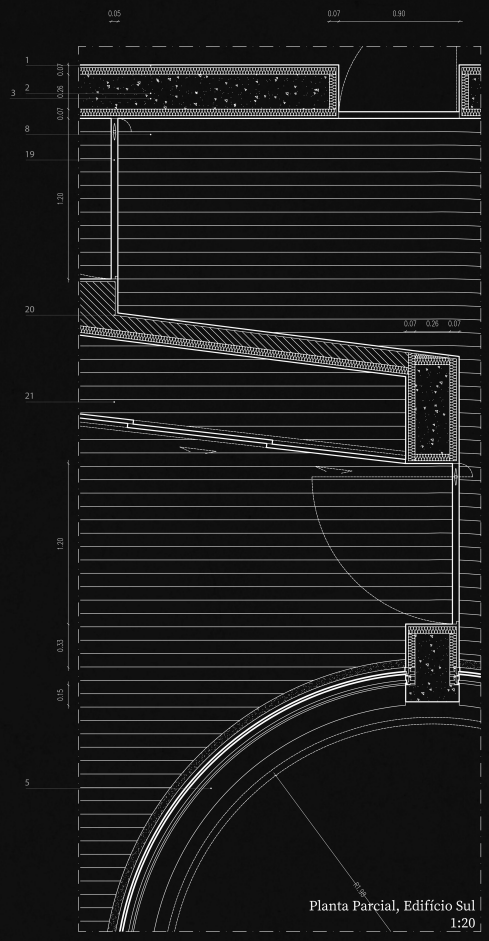
Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



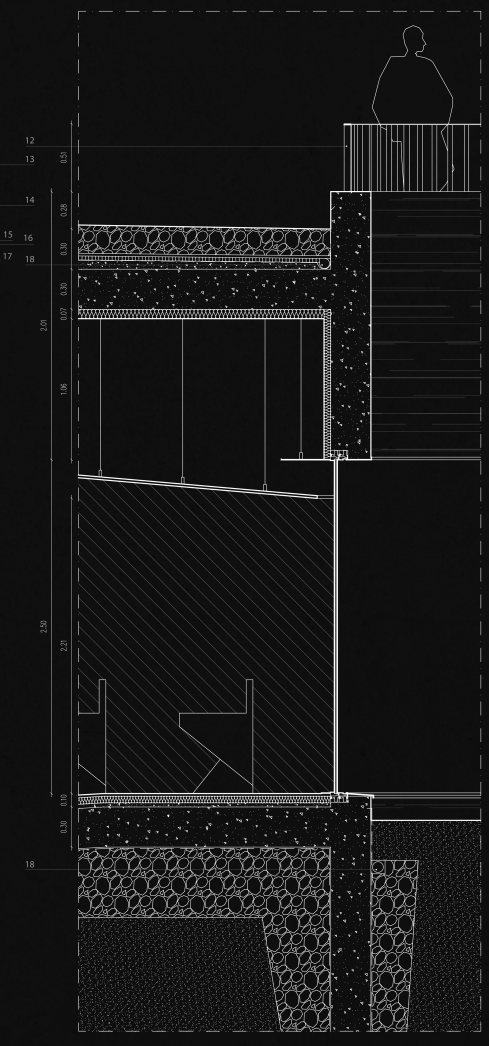


Corte Parcial BB', Edifício Centro e Sul
1:20





Planta Parcial, Edifício Sul
1:20



Legenda

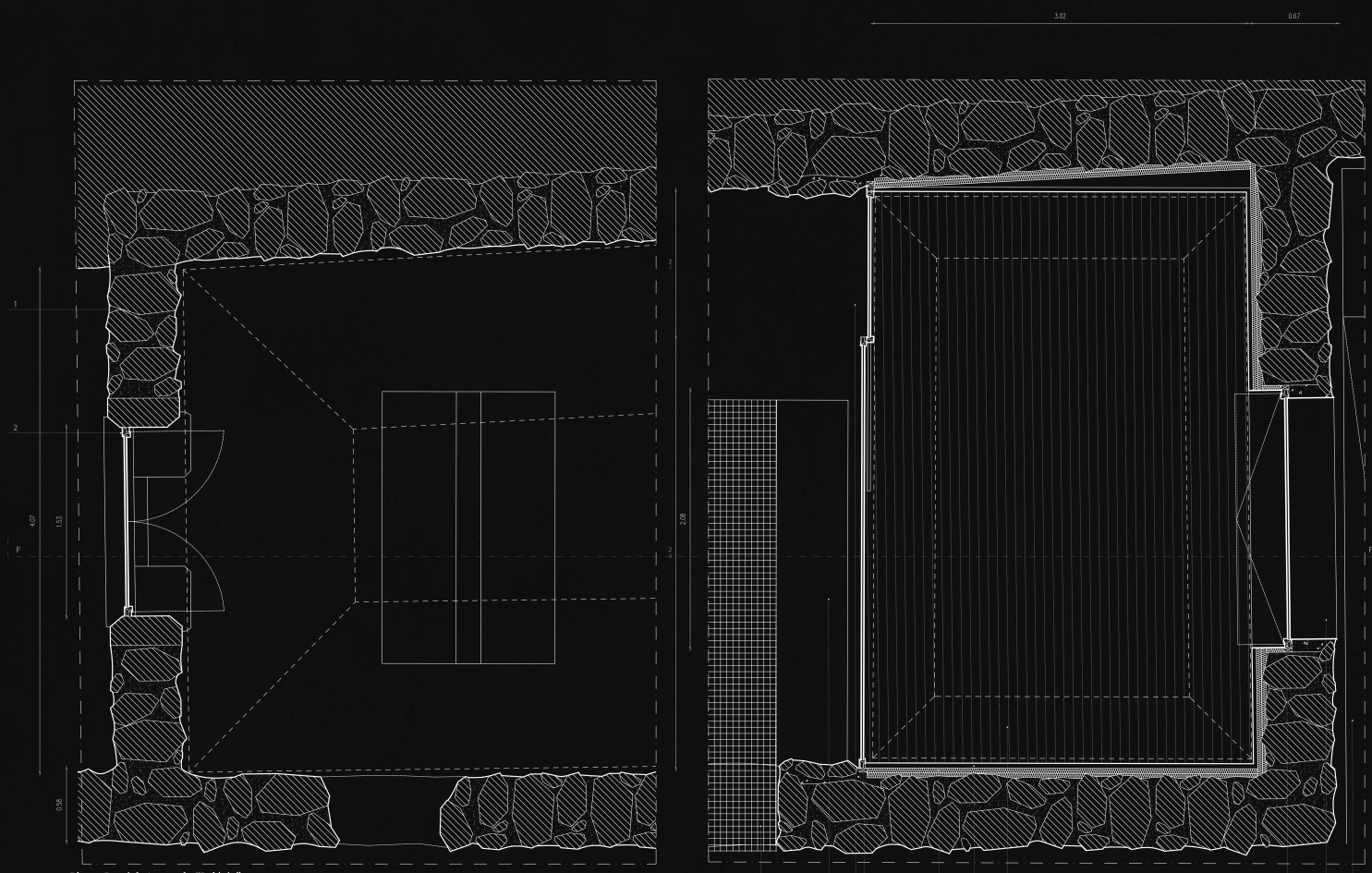
1 Betão Armado Pigmentado | 2 Poliestereno Extrudido 7mm | 3 Gesso Cartonado, cor Branco | 4 Goteira | 5 Guarnição em Aço, cor Cizento Escuro | 6 Caixilho Oculto de Folha Fixa, cor Cizento Escuro | 7 Revestimento em madeira maciça Riga 30mm | 8 Pavimento em madeira maciça Riga 30mm | 9 Camada de Forma | 10 Impermeabilização | 11 Enrocamento | 12 Guarda Metálica, cor Cizento Escuro | 13 Terra Vegetal | 14 Seixo | 15 Manta Geotêxtil | 16 Drenagem | 17 Camada de Forma | 18 Dreno | 19 Porta Pivotante | 20 Isolamento Acustico | 21 Portas de Correr

XIII

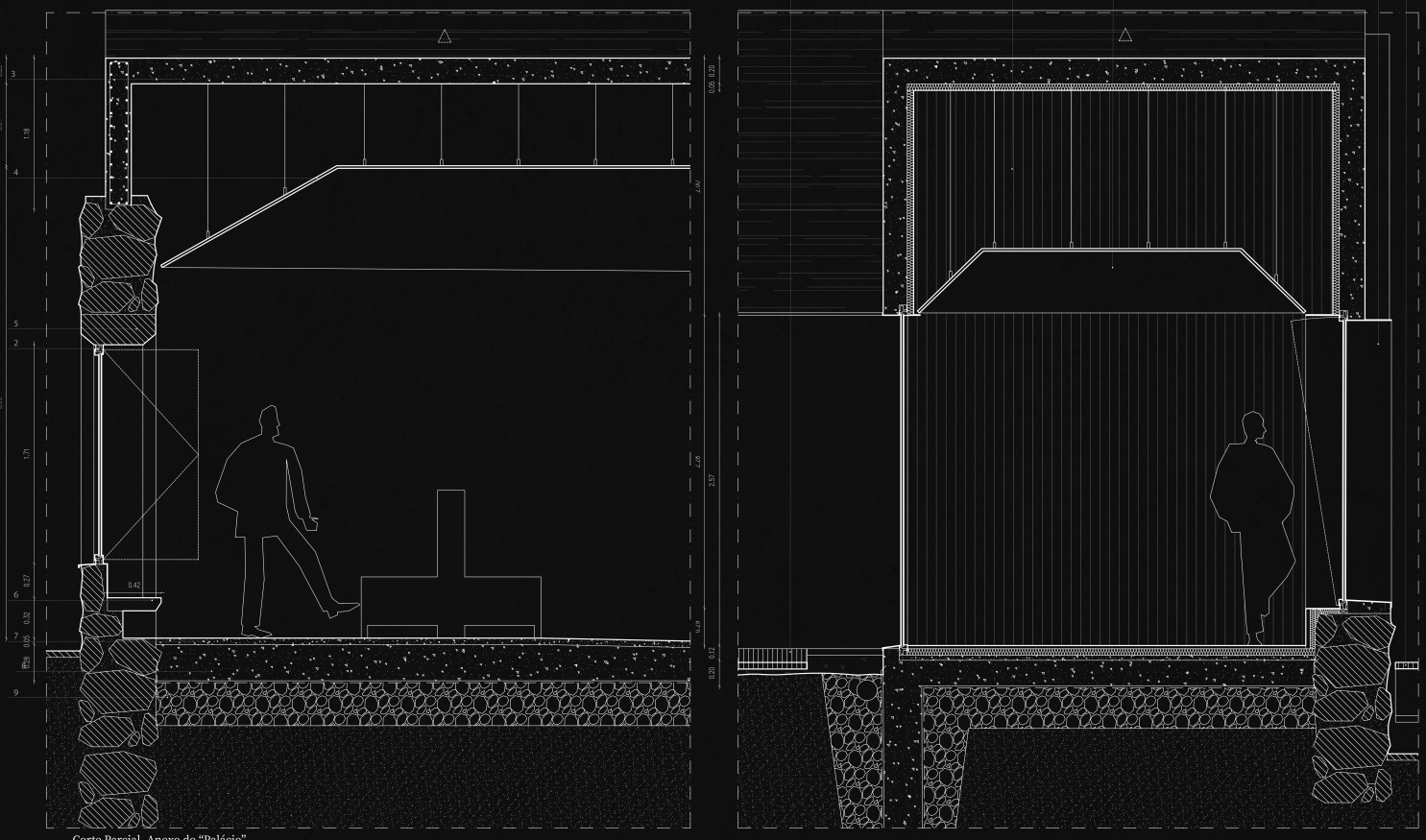
ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Planta Parcial, Anexo do "Palácio"
1:20



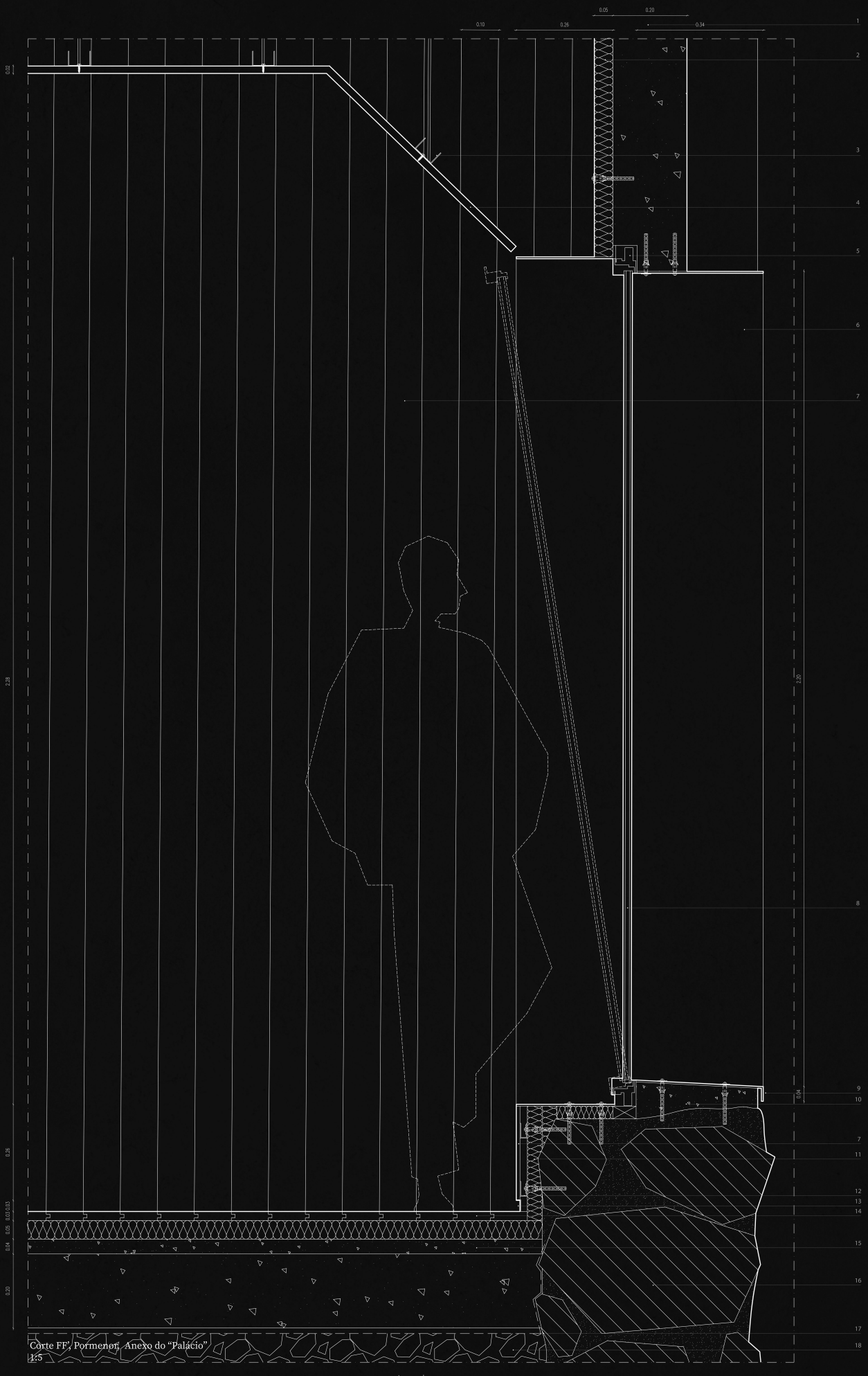
Corte Parcial, Anexo do "Palácio"
1:20

Legenda
1 Parede de Pedra, Pré-existente | 2 Caixilho de Abrir, cor Cizento Escuro | 3 Betão Armado Pigmentado| 4 Gesso Cartonado, cor Branco | 5 Cantaria em Pedra, Pré-existente | 6 Acento em Pedra, Pré-existente | 7 Piso em Micro Cimento | 8 Impermeabilização | 9 Enrocamento | 10 Piso de Grelha Metálica | 11 Terra Vegetal | 12 Caixilho, cor Cizento Escuro| 13 Poliestereno Extrudido | 14 Revestimento em Madeira Maciça Riga 30mm | 15 Pavimento em Madeira Maciça Riga 30mm | 16 Caixilho Basculante, cor Cizento Escuro | 17 Guarnição em Aço, cor Cizento Escuro | 18 Rampa de Acesso ao Pátio de Entrada

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Corte FF', Pormenor, Anexo do "Palácio"
1:5

Legenda

1 Betão Armado Pigmentado | 2 Poliestereno Extrudido 7mm | 3 Suporte para Teto Suspenso | 4 Gesso Cartonado | 5 Caixilho Oculto Basculante, Cizento Escuro | 6 Guarnição em Aço, Cizento Escuro | 7 Revestimento em madeira maciça Riga 30mm | 8 Vidro Duplo Incolor | 9 Goteira | 10 Argamassa de Acentamento | 11Poliestereno Extrudido | 12 Suporte do Revestimento| 13 Perfil Metálico, Cinza Escuro | 14 Pavimento em madeira maciça Riga 30mm | 15Camada de Forma | 16 Parede de Pedra, Pré-existente | 17 Impermeabilização | 18 Enrocamento

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado

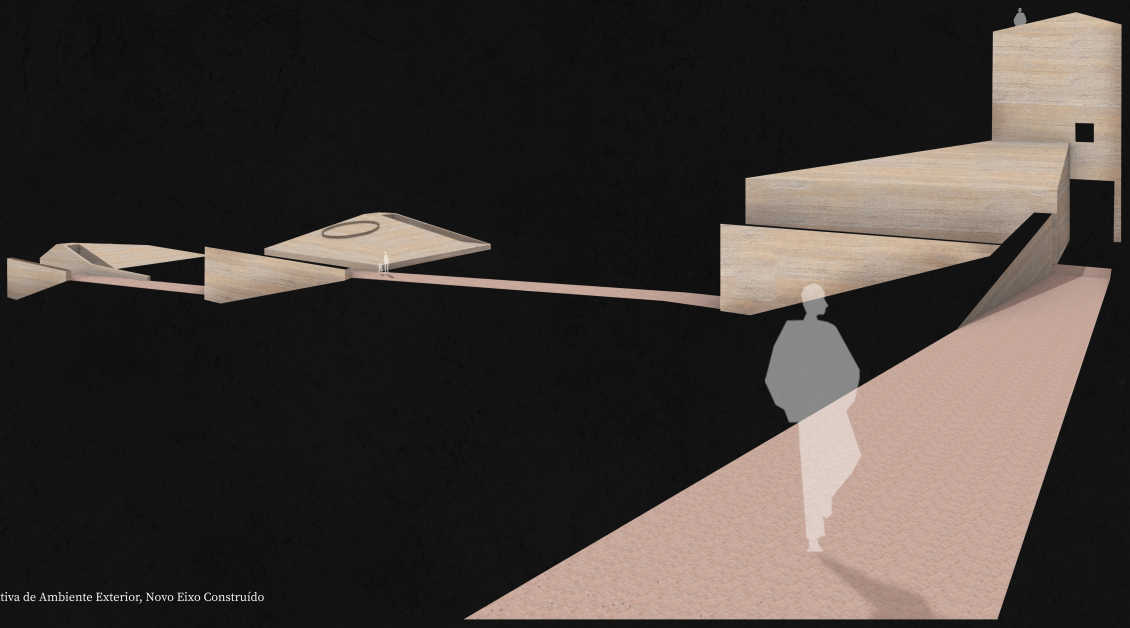


Imagem Ilustrativa de Ambiente Exterior, Novo Eixo Construído

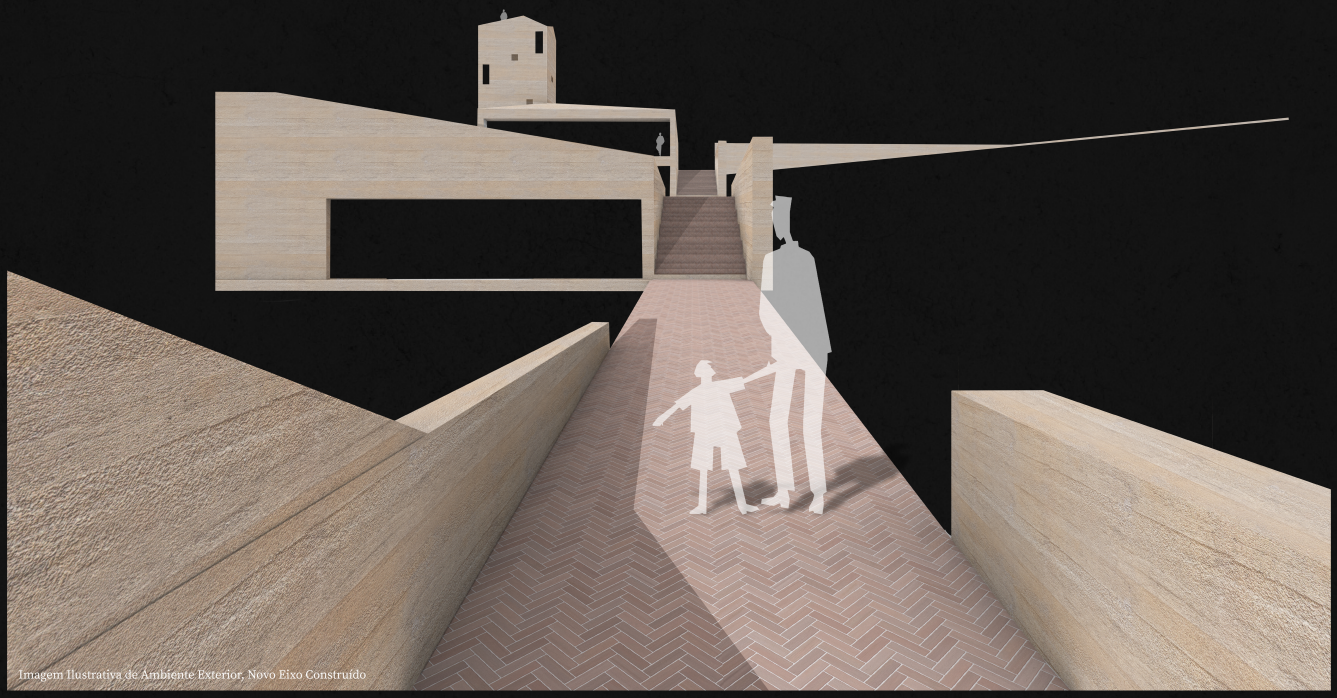


Imagem Ilustrativa de Ambiente Exterior, Novo Eixo Construído

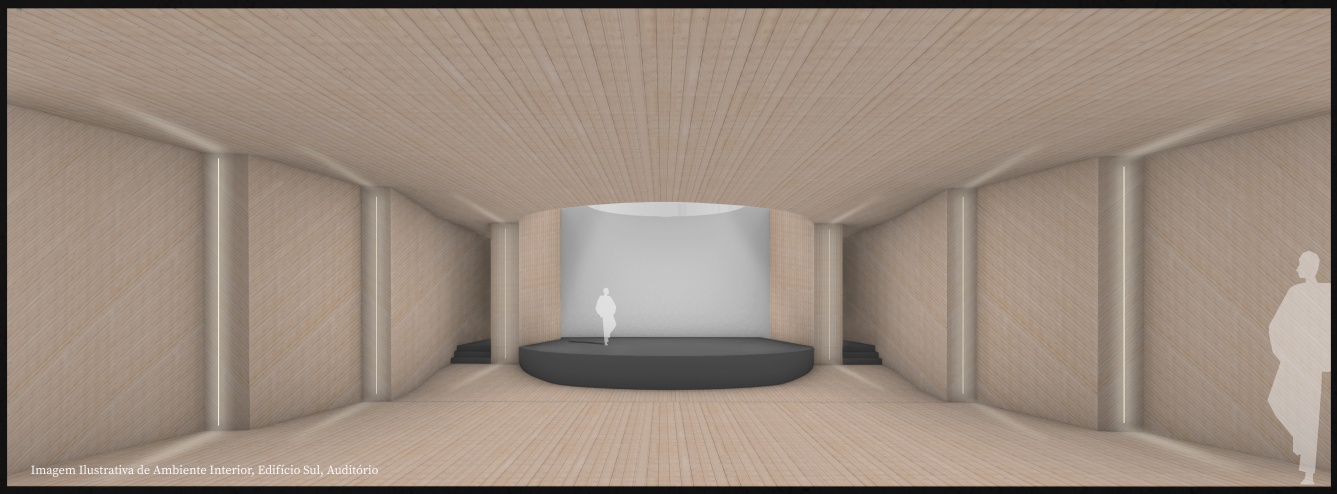


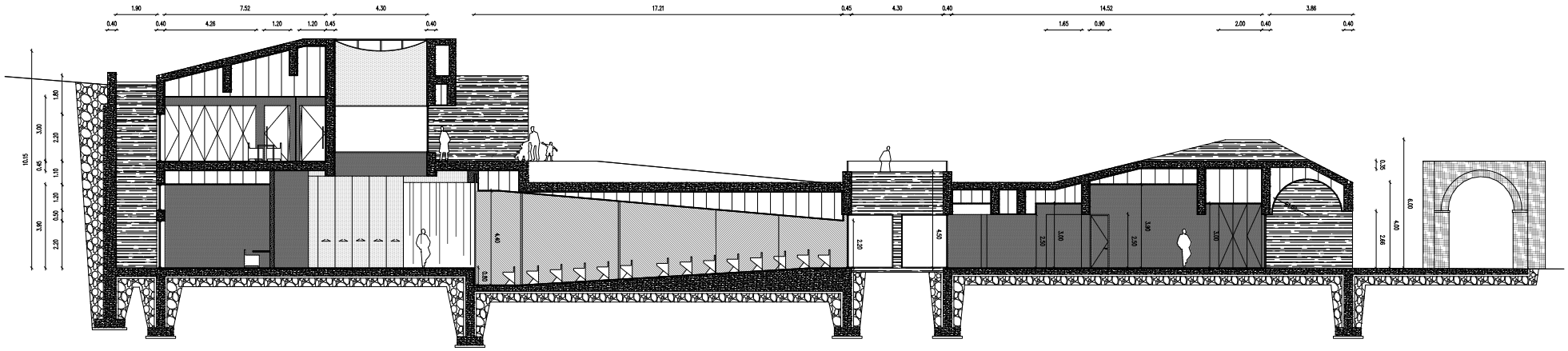
Imagem Ilustrativa de Ambiente Interior, Edifício Sul, Auditório

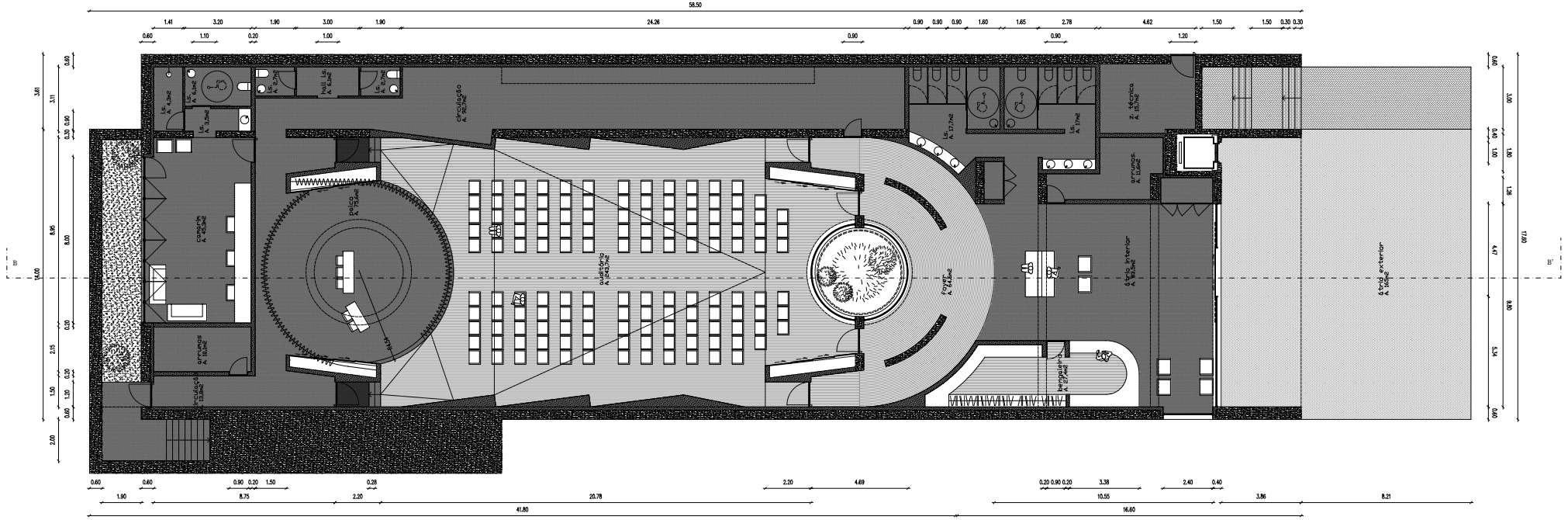
XVI

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado





Planta Edifício Sul
1:100

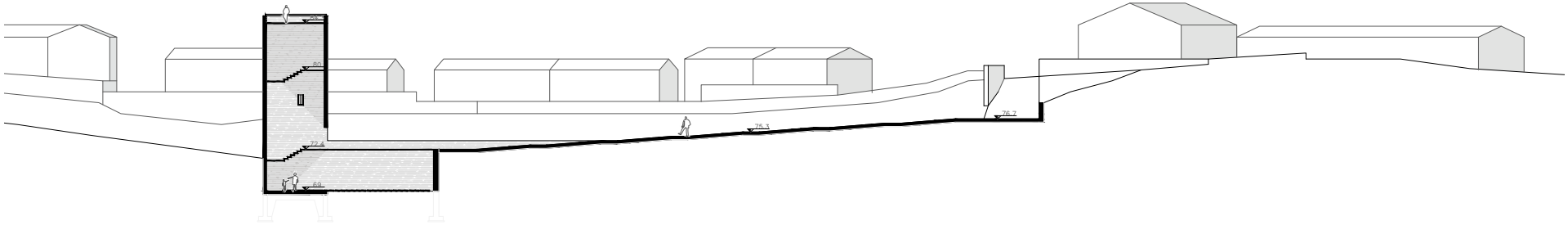
Corte Parcial Cotado, BB'
1:100

XVII

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



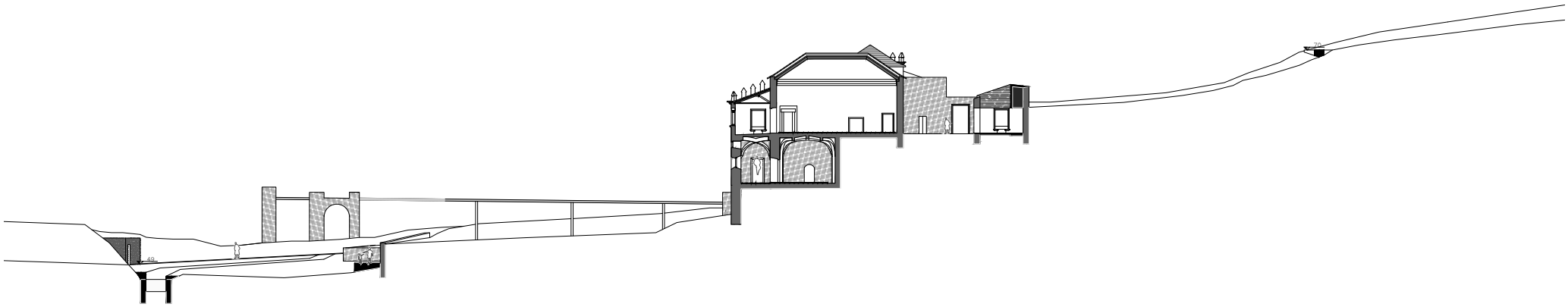
Corte CC'
1:200

XVIII

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado



Corte DD'
1:200

ABRIR O ESQUECIDO À COMUNIDADE:
Reabilitação da Quinta de Valflores como Centro Cultural

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa
Fevereiro, 2023

Tiago Alves Silva
Projeto Final De Mestrado Integrado
Orientador Científico: António Ribeiro Amado